HARLEQUIN

Paixão ARDENTE

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

Kate Hewitt

Uma Nova Proposta



Edição 02

2/2

O herdeiro do grego!

Ter um caso com Leo Marakaios é como dançar com o perigo. Mas Margo Ferrars acredita ser capaz de acompanhar cada passo sensual... até Leo pedi-la em casamento! Pode ser apenas por conveniência, mas Margo sabe que fugir é a única opção. Não ter mais os beijos devastadores e os toques habilidosos de Leo é o preço que ela tem de pagar para proteger seu coração. Então, descobre que está grávida! Agora, Margo precisa encontrá-lo para contar a notícia... e fazer uma proposta irresistível.

OS IRMÃOS
MARAKAIOS

Dois magnatas gregos desafiados pelas noivas que escolheram!

HARLEQUIN®
www.harlequinbooks.com.br

Querida leitora,

Margo Ferrars não esperava receber uma proposta de casamento de Leo Marakaios. Afinal, eles tinham um acordo. O caso era para ser apenas diversão, sem nenhum compromisso. Ao ouvir um "não" de sua amante, Leo fica enfurecido. Por isso, decide levá-la para a cama mais uma vez… e depois a abandona. Quatro meses depois, Margo bate à sua porta e revela um segredo que mudará a vida de ambos para sempre.

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Leo a encarou por alguns instantes. Continuava sem entender por que ela fora até ali. Margo não tivera honra o suficiente para ser fiel a ele, então por que se preocuparia com o relacionamento que teria com o filho?

– Se alguém me contasse essa história, conhecendo você, eu diria que não teria esse filho – disse ele, abruptamente. – Ou então... se quisesse ter, deixaria-o nas mãos de outro homem.

Margo arregalou os olhos ao ouvir isso:

– Não. Eu nunca faria isso.

– E por que não faria isso, Margo?

Era a primeira vez que Leo dizia seu nome desde que ela chegara ali, e isso lhe causou uma súbita surpresa.

Leo transformou as mãos em punhos, depois as abriu, apoiando-as na mesa.

– Por que eu não sou, por mais que pense o contrário, uma pessoa desprovida de moral – respondeu ela, recuperando uma pitada da velha Margo decidida. – Eu quero ter essa criança, e quero que conheça o pai. – Ela respirou fundo. – Mais do que isso, desejo que meu filho tenha direito a um lar estável e repleto de amor. Um lar onde se sinta bem... ao lado dos pais. *Sempre*.

Leo arregalou os olhos, que pareciam a ponto de entrar em combustão de tanto que queimavam.

– E o que... – disse ele, após uma pausa – você pretende fazer para que esse plano funcione?

– Vim aqui por isso também, Leo – disse ela, encarando-o firme, mas com os olhos queimando por conta das lágrimas. – Quero que você se case comigo.

Kate Hewitt

UMA NOVA PROPOSTA

Tradução
Rodrigo Peixoto



2016

CAPÍTULO 1

– Quer se casar comigo?

A pergunta pareceu abalar as estruturas do edifício e ecoar pela sala, enquanto Marguerite Ferrars ficava olhando, em profundo choque, para o rosto do homem que a pronunciara... o seu amante, Leonidas Marakaios.

E ele a encarava com um meio-sorriso estampado nos lábios e as sobrancelhas levemente erguidas. Na mão, ele segurava uma pequena caixa de veludo preto, e na caixa havia um anel solitário de diamante de sabe Deus quantos quilates, pois brilhava com uma sofisticação extremamente singela.

– Margo? – ele perguntou.

Sua voz era um tanto trêmula, expectante. Para ele, Marguerite ficara calada por conta da enorme surpresa. Porém, embora isso fosse verdade, ela também estava sentindo outras coisas.

Ela estava assombrada, *aterrorizada*.

E jamais esperaria uma coisa dessas, nunca imaginou que aquele playboy carismático pensaria em *casamento*, em um compromisso para toda a vida, em uma vida (e um amor) que poderiam ser perdidos para sempre. E ela conhecia o que era a dor de perder alguém... uma dor que nos deixa sem ar, resfolegando, sem conseguir dormir durante noites, com o rosto banhado em lágrimas, mesmo após ter se passado muito tempo...

O tempo passava, mas ela continuava muda. Ela não conseguia dizer nada. Dizer que *sim* parecia um passo grande demais para as suas pernas. Porém, ao mesmo tempo, dizer *não* parecia impossível. Leo Marakaios não era um homem que aceitava recusas nem rejeições.

Ela notou o exato momento em que ele franziu as sobrancelhas, unido-as no centro da testa, recolhendo a mão antes esticada, aparentemente desistindo de lhe oferecer o solitário.

– Leo... – disse ela, mas ainda sem saber o que dizer. Afinal de contas, como dizer não àquele homem irresistivelmente carismático, arrogante, lindo e charmoso? No entanto, era isso o que ela deveria fazer. Claro que sim.

– Eu nunca imaginei que isso causaria tamanha surpresa – disse ele, com o tom de voz mantendo apenas uma mínima margem de leveza.

Ela sentiu algo parecido à raiva emergindo do interior do seu corpo, o que foi quase um alívio.

– Sério? Não mesmo? Mas nós nunca tivemos um relacionamento que desse lugar a...

– Que desse lugar a quê? – ele perguntou, erguendo uma das sobrancelhas, com um gesto que indicava tanto frieza quanto desdém.

Ela notou que Leo se afastava, e embora soubesse que deveria se sentir melhor por conta disso, acabou sentindo uma tristeza profunda, dolorosa. Não era isso o que ela queria. Mas ela não aceitaria, e não poderia aceitar, um casamento. Ela nunca permitiria que alguém significasse tanta coisa em sua vida.

– Isso... nos levaria a um outro lugar – ela explicou, e ele fechou a caixa que guardava o anel, com uma expressão terrivelmente fria no rosto.

– Sei... – disse ele.

As palavras ficaram presas na sua garganta... e a resposta que ela *sabia* que precisava lhe dar continuava parecendo impossível de ser pronunciada.

– Leo, nós nunca sequer conversamos sobre o futuro – disse ela.

– Nós estamos juntos há dois anos – ele retrucou. – Eu acho bem razoável imaginar que estávamos seguindo em direção a *algum lugar*.

A voz de Leo estava claramente demonstrando um alto nível de estresse. E seus olhos, arregalados, pareciam querer destilar fogo.... ou talvez gelo, pois ele estava gélido naquele momento. O mais incrível era pensar que, poucos momentos antes, ele a pedira em casamento! Seria cômico se não fosse trágico.

– Juntos há dois anos, é verdade – ela confirmou, determinada a manter um tom razoável –, mas nós não poderíamos classificar o nosso relacionamento de "normal". Nós sempre nos encontramos em cidades distintas, em hotéis, em restaurantes...

– Você sempre quis assim – ele respondeu.

– E você também – disse ela. – O nosso relacionamento era um *caso*, Leo. Uma... história.

– Um *caso* de dois anos – ele retrucou.

Ela se levantou da cadeira em que estava sentada, agitada, e ficou andando em frente à janela aberta para a Île de la Citè, em Paris. Era tão estranho e desconfortável receber Leo no seu apartamento, no seu santuário. Era a primeira visita daquele homem à sua casa. Em restaurantes e hotéis eles se viam constantemente, pois locais anônimos costumam ser perfeitos para relacionamentos que não envolvem emoções, apenas sexo... e essa foi uma decisão tomada e assumida pelos dois. Afinal de contas, ela nunca se permitiria outra coisa.

O risco de dar um novo passo era grande demais. E ela sabia o que era perder tudo... até mesmo a própria alma. E não cairia no mesmo erro novamente. Ela não poderia cair.

Nem mesmo por Leo.

– Você parece chateada – disse Leo, em um tom de voz aparentemente sem emoção.

– Eu simplesmente não esperava por isso.

– Se você quer saber, Margo, eu também não esperava.

E ele se levantou da cadeira onde estava sentado. De pé, a sua figura era ainda mais aterradora aos olhos de Margo. Leo parecia preencher todos os espaços daquela sala de estar. Ao mesmo

tempo, ele parecia fora de lugar. A sua presença ali parecia um erro. Ele era grande demais, moreno demais, poderoso demais... parecia um tigre preso na jaula de um gatinho.

– Eu sempre imaginei que grande parte das mulheres sonha em se casar – disse ele.

Ela o encarou, com uma nova expressão no rosto, uma espécie de máscara, para se sentir mais segura e confiante.

– Que coisa mais ridícula, mais sexista! Aliás, fique sabendo que eu não sou como grande parte das mulheres.

– Não – ele concordou, rapidamente –, você não é mesmo.

E a encarou com um olhar cortante... um olhar que deixou Margo sem fôlego e sentindo um aperto no peito.

A química sexual que existia entre eles sempre fora instantânea... elétrica. Ela se lembrava perfeitamente do dia em que o conheceu, em um bar de hotel em Milão, há dois anos. Ela estava tomando uma taça de vinho branco, lendo suas anotações para as reuniões agendadas para o dia seguinte. Ele se aproximou do bar e parou ao seu lado. Naquele exato momento, os pelos da nuca de Margo ficaram eriçados. A sensação, para ela, era de finalmente estar se sentindo viva.

Naquela mesma noite, ela foi ao quarto dele. E Margo não costumava fazer esse tipo de coisa... ela sempre se mantinha distante, o seu coração vivia congelado. Em seus 29 anos de vida, sua experiência se resumia a dois amantes antes de Leo, os dois lamentavelmente descartáveis. No entanto, nenhum desses homens a afetara como Leo a afetava... e não apenas no sentido físico.

Desde a primeira noite, Leo tocara em um ponto que parecia adormecido (ou mesmo morto) no interior do corpo de Margo. Ele a trouxe de volta à vida. E mesmo sabendo ser perigoso ficar ao lado dele, ela não fugiu, pois logo percebeu que ficar longe dele seria ainda pior.

No entanto, naquele exato momento, era *essa* a realidade. Ela sempre imaginou que um caso com Leo seria seguro, já que ele nunca exigiria nada além do que ela estava preparada a lhe oferecer. Mas ele a pedira em casamento, pedira uma vida inteira ao seu lado, e sua resposta foi uma expressão de puro terror.

Aliás, exatamente por isso ela não poderia aceitar sua proposta.

No entanto, algo lhe dizia que Leo estaria maquinando uma terrível (embora excitante) nova proposta em sua mente. E ele se aproximou de Margo, encarando-a fixamente, com o corpo ainda mais poderoso do que nunca, um corpo que ela conhecia muito bem, um corpo que vivia repleto de tensão e energia.

Ela mordeu o lábio inferior, sentindo uma fisgada instantânea no coração, percebendo que seu sangue percorria as veias com maior velocidade.

Mesmo naquele momento, o seu corpo continuava louco de desejo por Leo.

– Leo...

– Você vive me surpreendendo, Margo.

Bem lentamente, ela fez que não com a cabeça.

– Na verdade, é *você* quem me surpreende – ela retrucou.

– Claro... Mas eu imaginei que você ficaria alegre. Você não quer se casar? – ele perguntou.

Ele soava muito razoável, mas Margo notava certo ar frio e calculista em seus olhos. Logo depois, Leo passou uma das mãos em seu braço nu, e ela ficou quente ao sentir o seu toque.

– Não – respondeu Margo.

– Por que não? – ele perguntou.

Destilando seu tom de voz leve, mas interessado, ele continuou acariciando o braço nu de Margo, que tremia.

– Eu sou uma mulher de negócios, Leo...

– E poderia ser uma mulher de negócios *casada* – ele retrucou. – Nós estamos no século XXI, certo?

– Certo, mas como isso poderia funcionar? Você mora no centro da Grécia, no meio do nada... Como eu conseguiria trabalhar morando lá?

Por um segundo, ela juraria ter notado uma espécie de expressão de triunfo nos olhos de Leo, mas isso logo desapareceu e ele simplesmente deu de ombros, dizendo:

– Você poderia viajar diariamente – ele respondeu. – Um voo de Atenas a Paris dura poucas horas.

– Viajar todos os dias? Você está falando sério?

– Nós poderíamos encontrar uma saída, Margo – disse ele. – Se é isso o que a faz dizer que não quer se casar, nós vamos encontrar uma saída.

Havia uma pitada de desafio no seu tom de voz, e só então ela percebeu o que Leo estava fazendo. Leonidas Marakaios era um homem poderoso e persuasivo. Ele era o chefe das Empresas Marakaios, um conglomerado que começara com o cultivo de poucas oliveiras e se transformara em uma potência que valia bilhões de dólares. Leo era um homem do mundo, acostumado a conseguir tudo o que queria. E ele a queria. Por isso estava ali, tentando vencer todas as defesas de Margo, tentando descartar seus argumentos. E o problema é que ela estava se sentindo enfraquecida, e tentada... Conclusão: a estratégia de Leo poderia dar certo.

Ela ficou de costas para Leo, pois queria respirar fundo algumas vezes, e não queria que ele percebesse o quanto estava descontrolada. Margo viu seu reflexo no vidro da janela. Seu rosto estava pálido demais, seus olhos arregalados e seus cabelos escuros um tanto desgrenhados.

Quando Leo apareceu por ali, há vinte minutos, ela estava vestindo uma calça de praticar yoga e uma camiseta velha e larga. O seu rosto não tinha um pingo de maquiagem e os seus cabelos estavam soltos. A sua imagem, portanto, era a pior possível. E Margo sempre se preocupou em mostrar uma versão melhorada de si mesma a Leo, pois sabia que era isso o que ele queria ver. Leo estava interessado em mulheres sexies, chiques, profissionais e um pouco distantes, um pouco frias. Todos os seus encontros tinham um quê de reunião profissional. Ela sempre entrava em um restaurante ou hotel perfeitamente maquiada, com uma camisola sexy na bolsa, insaciável e segura de si.

Ele nunca a vira daquela maneira: vulnerável, sem a máscara da maquiagem, sem a armadura de suas roupas caras. Ele nunca a vira agitada e incerta, com seu *savoir-faire* escorrendo entre os dedos.

– Margo – disse Leo, mantendo um tom de voz tranquilo –, eu quero que você me revele o motivo *real* para fazer essa escolha.

Respirando fundo novamente, depois expirando o ar dos pulmões, ela respondeu:

– Eu já disse, Leo. Eu não quero me casar e não estou interessada em nada que envolva casamento. A rotina da vida caseira me entedia muito.

Ela tentou manter um tom de voz frio, gélido, de quem não se interessa minimamente pelo assunto.

Reunindo todas as suas forças, ela o encarou e percebeu uma expressão confusa nos olhos de Leo. No entanto, algo lhe dizia que ele não acreditava nas suas palavras.

– Eu já disse que você não precisa se transformar em uma dona de casa, Margo. Você realmente acha que eu gostaria de alterar sua personalidade?

– Você nem me conhece direito, Leo. Não mesmo... – ela retrucou.

Ele deu um passo na direção dela, e Margo mais uma vez viu a confusão estampada em seus olhos, e sentiu um calor nascendo no interior do seu peito. Nesse momento, ela percebeu que Leo se sentia desafiado.

– Você tem certeza disso? – ele perguntou.

– Eu não estou falando sobre sexo – ela respondeu.

– Sendo assim, deve existir alguma coisa que eu não saiba – ele sugeriu, abrindo os braços e erguendo as sobrancelhas. – Pode me contar.

– Não é tão simples...

– Não é simples porque você não quer que seja. Eu te conheço, Margo. E sei que os seus pés ficam frios no meio da noite, e sei que você gosta de esquentá-los entre as minhas pernas. E sei que você gosta de marshmallows, embora viva dizendo que não come doce.

Ela quase sorriu ao ouvir isso.

– Como você sabe da minha loucura por marshmallows?

Esse era seu pequeno segredo, seu lado escuro, pois todas as outras mulheres parisienses da sua idade pareciam sobreviver comendo apenas salada sem molho e bebendo café sem açúcar.

– Certa vez, eu encontrei um pacote pequeno na sua bolsa.

– Você não deveria ficar olhando o que eu carrego na bolsa.

– Eu estava procurando seus óculos de leitura, lembra? Foi você quem me pediu...

Ela fez que não com a cabeça... o que foi uma resposta instintiva, pois todos aqueles detalhes, que a atingiam como mísseis muito bem alvejados, estavam fazendo com que ela percebesse que seu relacionamento com Leo não era exatamente o que parecia ser. Ela sempre imaginou que conseguia manter a distância, que conseguia manter sua defesa em alerta... que conseguia salvaguardar a honra da senhorita Marguerite Ferrars... e que fazia isso só aceitando encontrar-se com ele em locais impessoais. Porém, na verdade, a realidade era outra. A emoção também entrara em campo, assim como o carinho, o que poderia ser comprovado naquelas histórias dos marshmallows, dos óculos e dos pés frios. Tudo isso eram pequenos sinais da proximidade que eles compartilhavam, e do quanto ela começara a importar para Leo.

Por um segundo, nada mais que um segundo, Margo chegou a pensar em aceitar sua proposta. Porém, ao pensar em viver uma vida que nunca desejou ter, ela ficou nervosa. Poderia ser uma vida de felicidade, claro, mas também repleta de riscos. Riscos de perdas, de desilusões, de corações partidos. Risco de nunca mais conseguir se recuperar dos baques que poderiam surgir no caminho.

A realidade a atingiu como um raio fulminante, e ela fez que não com a cabeça.

– Não, Leo.

Um leve sorriso retornou ao rosto de Leo, mas seu olhar era duro.

– Isso é tudo o que você tem a me dizer? – ele perguntou.

– Sim, isso é tudo.

– Você não acha que nós... merecemos maiores explicações?

– Não, eu não acho – ela respondeu, mantendo um tom de voz indiferente, talvez exageradamente indiferente, pois os olhos de Leo refletiam uma raiva indisfarçável, chegando a mudar de cor.

Ele fez que não com a cabeça, encarando-a e dizendo:

– Eu acho que você está escondendo alguma coisa de mim.

Ela deixou escapar uma risada nervosa e retrucou:

– Isso é coisa sua...

– O que você está querendo dizer?

– Você não consegue acreditar que está recebendo uma negativa da minha parte, certo? – Tais palavras saíram de sua boca quase automaticamente, sendo guiadas pelo medo e pela raiva. – Você... o representante da família Lothario, o homem que conseguiu atrair metade da população feminina da Europa.

– Eu não diria tanto... acho que quarenta por cento seria uma conta mais exata.

E havia o charme de Leo, um charme que quase fazia com que ela perdesse completamente a cabeça, e que a fez sorrir.

– Nenhuma mulher é capaz de resistir a você.

– Você resistiu – disse ele, e Margo percebeu que tal frase guardava um ponto de amargor.

– Porque eu só estou interessada em um *caso* – ela retrucou desafiadora. – Eu só quero sexo sem amarras.

– Na verdade, nós nunca dissemos que...

– Ah, claro que sim, Leo. Você não se lembra da nossa primeira conversa? Nós estabelecemos as regras naquele primeiro encontro.

Ela percebeu uma pitada de reconhecimento em seus olhos, e Leo trincou os lábios.

Aquela primeira conversa fora uma elaborada dança de palavras, eles falaram sobre preocupações com seus trabalhos e obrigações, destilaram referências sobre outros lugares, outras pessoas... chegaram até a discutir sobre em que pontos aquele relacionamento poderia tocar ou não. Eles dois tinham deixado claro o que queriam, ou pelo menos era isso o que pensava Margo... e os dois pareciam desejar um relacionamento livre de qualquer tipo de compromisso.

– Eu nunca imaginei que você poderia querer se casar – disse ela.

Leo deu de ombros.

– Eu simplesmente decidi que quero.

– Mas você não queria lá no início... quando nos conhecemos. Naquela época, você não estava interessado – disse ela, que na época sentiu em Leo o mesmo distanciamento e precaução que existia em si mesma. Os dois, ela imaginou, pareciam falar a mesma língua; pareciam não se preocupar com compromissos, amor ou contos de fadas.

– As pessoas mudam, Margo. Eu tenho 32 anos agora. Você tem 29. Claro que eu penso em me assentar... em formar uma família.

Algo se retorceu no interior do corpo de Margo. Era como se alguém tivesse puxado sua cadeira com força, deixando-a sem chão.

– Sendo assim, eis a nossa diferença, Leo – disse ela, mantendo o tom frio. – Eu não quero ter filhos.

Ele ergueu as sobrancelha e perguntou:

– Nunca?

– Nunca.

Ele a ficou encarando por um bom tempo, pensativo, depois disse:

– Você está com medo.

– Chega de ficar tentando adivinhar o que eu estou sentindo – disse ela, erguendo seu tom de voz para tentar esconder o fato de que tremia. – Eu não te amo. Eu não quero me casar com você. – E respirou fundo, depois se acalmou e repetiu: – Eu não te amo.

Ele ficou mais tenso, as palavras de Margo pareciam feri-lo, mas logo depois Leo deu de ombros, dizendo:

– Eu também não te amo... mas existem terrenos mais sólidos para um casamento do que emoções efêmeras.

– Que terrenos são esses? – ela perguntou.

– Objetivos em comum...

– Que romântico, Leo... Eu estou ficando impressionada – disse Margo em tom de deboche.

– Você queria mais romance? Isso teria feito alguma diferença?

– Não!

– Sendo assim, eu fico feliz por não ter reservado uma noite de vinhos e refeições luxuosas no Gavroche, como pensei em fazer... para poder pedir a sua mão na frente de uma multidão.

Ele falava lentamente, escolhendo as palavras com cuidado, mas Margo ainda percebia certa vacilação em seu tom de voz.

– Eu também fico feliz – ela comentou, mantendo a coluna ereta quando Leo deu mais um passo na sua direção. Ela podia sentir o calor que emanava do seu corpo, e sentia uma inegável atração por aquele homem...

Porém, ela se deteve, ficou paralisada, evitou qualquer movimento.

– Quer dizer que é assim? – ele perguntou, com um tom de voz suave, um mero fiapo de voz, observando-a, parecendo ser capaz de invadir o seu corpo com os olhos. – Isso é um adeus?

– É sim – ela respondeu, firme, mas Leo deve ter notado algo em seu rosto, pois segurou uma de suas bochechas e traçou o contorno do seu queixo com a outra mão.

– Você tem tanta certeza assim? – ele sussurrou, e nesse momento ela foi obrigada a encará-lo, mas sem demonstrar nada em seu rosto.

– Tenho.

Ele soltou o seu rosto e, com a mesma mão, tomou em cheio um dos seios de Margo, roçando a ponta dos dedos no mamilo. Ela tremeu, pois foi impossível evitar tal reação. Ele sempre a afetava daquela maneira, desde o início. Um simples toque lançava chamas no interior do seu corpo.

– A química é uma coisa poderosa – disse ele, descendo a mão à cintura de Margo, passeando seus dedos por aquela região.

O calor que invadiu o corpo de Margo era cada vez mais intenso, e se espalhava em várias direções, lançando faíscas em áreas até então adormecidas.

– Mas isso não é suficiente – disse ela, entre os dentes, que estavam trincados.

Ela queria sentir o toque de Leo em outras partes do seu corpo, queria que ele a tocasse com aquelas mãos hábeis. Mas não fez qualquer movimento... nem ele.

– Não é suficiente? – ele perguntou em tom suave. – Quer dizer que você quer amor?

– Não ao seu lado.

Ele ficou paralisado, e Margo aproveitou a oportunidade para se afastar. Depois, começou a dizer todas as palavras que queriam sair de sua boca. Palavras que o deixariam ferido, sem sombra de dúvida. Porém, ela não poderia arriscar ainda mais as suas defesas, que já estavam muito abaladas. Ela não poderia arriscar *nada*.

– Eu não te amo, Leo. Eu nunca vou te amar. Francamente, você não passa de um caso... algo que desaparecerá com o passar do tempo. E eu nunca pensei no que vivemos como algo que poderia se tornar *sério*. – Ela deixou escapar uma risada nervosa, dura, em tom alto. Leo deu um passo atrás. – Honestamente... uma proposta de casamento? – Ela tentou estabilizar a voz antes de seguir em frente. – Isso chega a ser engraçado... Pois eu estava planejando terminar tudo na semana que vem, em Roma. – E respirou fundo, depois seguiu: – A verdade é que estou saindo com outra pessoa.

Ele a ficou encarando por um bom tempo, não parecendo ter pressa. Depois um músculo se trincou em sua mandíbula, mas isso foi o máximo de nervosismo que ele deixou transparecer, antes de perguntar:

– Há quanto tempo?

Ela deu de ombros, respondendo:

– Uns poucos meses.

– *Meses...?*

– Eu nunca considerei nosso relacionamento como sendo de exclusividade.

– Eu sempre fui fiel a você – disse Leo em voz baixa.

– Mas eu nunca pedi que você fosse fiel – ela retrucou, dando mais uma vez de ombros.

Ela mal podia acreditar que estava dizendo todas aquelas coisas... será que ele não notava que ela tremia dos pés à cabeça? Aliás, Margo percebia que ele estava sendo atingido por suas palavras... pois Leo ficara completa e perigosamente paralisado.

Logo depois, seus lábios começaram a desenhar um levíssimo sorriso.

– Sendo assim, isso é realmente um adeus – disse ele, e antes que Margo pudesse dizer qualquer coisa ele deu um passo à frente e a beijou.

Ela não esperava aquele beijo, não esperava a pressão dos lábios de Leo sobre os seus, não esperava a sensação deliciosa que um breve beijo poderia desencadear, não esperava perceber a sua cabeça girando, perdida...

Mas Leo sempre foi um homem impossível de se resistir. Mesmo naquele momento delicado, ela sentia uma necessidade enorme de retribuir aquele beijo, de se entregar, de se deixar envolver por

aquele corpo perfeitamente musculoso.

E ela o beijou, ela se deixou levar pela torrente de sensações que a invadia. E sentir as mãos de Leo percorrendo seu corpo era algo quase doloroso... como se alguém tocasse um nervo trincado.

Ele passeava as mãos sob sua camiseta, que logo desapareceu do seu corpo. Em segundos, a calça de yoga também desapareceria. Ela mesma tratou de terminar de se livrar da calça, que ficara presa entre seus pés. Margo chutou a calça para longe do seu corpo, com um desejo frenético de ficar completamente nua, exposta, de se entregar àquele homem.

Leo, parado à sua frente, começou a desabotoar a camisa. Os olhos de Leo destilavam um desejo selvagem, predatório, e Margo percebeu tudo isso. Porém, nem assim ela conseguiria escapar à sua necessidade primitiva de colar seu corpo ao dele. Seria a vingança final de Leo? Seria a sua punição? Ou ele simplesmente queria provar que ela o desejava? Seja lá o que fosse, ela aceitaria. E aceitaria de bom grado. Pois Margo sabia que seria a última vez que estaria entre os seus braços, que o sentiria dentro do seu corpo.

Ele arrancou a camisa do corpo. A malha de algodão branco deslizou entre os seus ombros, revelando sua barriga tanquinho perfeita, além dos pelos escuros que desapareciam na cintura de sua calça. Com um movimento certeiro, ele abriu a fivela do cinto e arrancou sua calça. Leo também estava completamente nu.

E se aproximou dela, tomando-a nos braços de uma maneira ao mesmo tempo possessiva e sensual. Quando a beijou, ela sentiu como se estivesse sendo marcada a ferro e fogo. E talvez tenha sido mesmo...

Ele a carregou em direção à janela, colando suas costas ao vidro frio. Depois, sem dizer nada, invadiu o seu corpo.

Ainda que ela estivesse preparada para recebê-lo, seu corpo foi obrigado a expandir-se para aceitá-lo por inteiro. Ela envolveu a cintura de Leo com as pernas, que a penetrou ainda mais profundamente. Margo colou a cabeça ao vidro, sentindo-se em suspensão entre dois mundos, perdida em um momento delicado, de pura memória e desejo.

A tensão e a pressão só aumentavam no interior do seu corpo, parecia um tornado que tomava de assalto todos os seus sentidos. Nesse momento, Leo segurou o seu rosto e olhou diretamente em seus olhos.

– Você não vai conseguir se esquecer de mim – disse ele, dando como certa sua afirmação, como se fosse uma espécie de praga, e Margo sabia que Leo estava com a razão.

Depois, quando Margo foi tomada pelo clímax, ele se afastou, deixando-a trêmula, colada ao vidro da janela. Perdida e tonta, ela o ficou observando. Em silêncio, Leo se vestia. Margo não conseguia dizer nada, nem uma única palavra.

Vestido, ele seguiu em direção à porta, sem dizer nada, sem olhar para trás. A porta se fechou sem ranger, deixando escapar apenas um clique surdo. Lentamente, ela deslizou o corpo até o chão, abraçando os joelhos, ainda sentindo os reflexos do clímax que ele lhe proporcionara.

Leo tinha ido embora.

CAPÍTULO 2

LEO SAIU do apartamento de Margo, com seu corpo ainda agitado por conta do amor que fizeram... mas não, ele não poderia chamar aquilo de fazer amor, isso *nunca*.

Com um movimento abrupto, ele atirou a caixa de veludo na lixeira mais próxima.

E isso foi uma perda idiota, jogar dinheiro fora, mas ele não conseguiria olhar novamente para aquele maldito anel. Aliás, ele nem conseguia lidar bem com o fato de carregá-lo em seu bolso.

Leo respirou fundo e passou uma das mãos pelos cabelos, engolindo a emoção que quase o destruiu no apartamento de Margo. Aquilo era passado. Ela estava fora da sua vida. Ele nunca mais deveria pensar nela.

No entanto, ele *não* a amava, Leo dizia a si mesmo. Margo tinha razão nisso. Ele gostava dela, claro que sim, e os dois sem dúvida compartilhavam uma explosiva atração sexual, uma verdadeira química. Por conta disso, Margo parecia a escolha correta quando ele resolveu que chegara a hora de se casar.

Seis meses antes, logo após a morte de sua mãe, seu irmão Antonios pedira demissão como CEO das Empresas Marakaios, e Leo foi obrigado a assumir o seu posto. Claro que ele sempre desejou que esse dia chegasse, desde muito jovem ele sonhava em ser o chefe das empresas familiares, sobretudo após ter passado muito tempo trabalhando para um pai que nunca reconheceu o seu esforço. Um pai que escolhera Antonios para assumir o seu posto. Um pai que sempre escolhia Antonios para tudo.

Mas ele conseguira superar tudo isso. E fez as pazes com Antonios, e o seu pai estava morto havia dez anos. Sua mãe também morrera. E tudo isso fez com que ele resolvesse que era hora de se casar, de formar uma família, de criar sua própria dinastia.

Mas Margo não queria ter filhos.

Por que ele não prestou atenção a esse detalhe? Por que não percebeu que ela era uma mulher de tão pouca fé, uma mulher tão inescrupulosa? *Theos*, ela o estava enganando com outro! Ele mal conseguia acreditar nisso. Os dois se encontravam todas as semanas, no máximo passavam duas semanas sem se ver, e seus encontros sempre eram intensos. Mas por que ela estaria mentindo? Não havia razão para mentir.

E ao pensar em como a pediria em casamento, em como tentaria convencê-la, em como a persuadiria, nunca imaginou que ela poderia dizer que não, que não estava interessada, que não desejava permanecer ao lado dele... Leo fechou os olhos, a vergonha que sentia o corroía.

Mas isso chegara ao fim. Ele não se casaria. Aliás, se um dia se casasse, seria apenas para ter filhos. Ele nunca envolveria suas emoções nessa equação, nunca buscaria nada mais sublime que uma básica transação física. E nunca voltaria a ver Margo, ainda que ela continuasse ficando com os pés gelados e comendo marshmallows...

Ele fez uma careta de arrependimento, mas logo depois resolveu melhorar o humor e sair para explorar a noite.

O ESTÔMAGO de Margo se revirava pela terceira vez naquela manhã. Ela pressionou uma das mãos sobre o ventre, fechando os olhos e respirando fundo. O seu estômago era insistente e chato. Aliás, ela estava sentindo muitas náuseas há uma semana, e não era uma mulher que costumava ficar doente com facilidade.

– Você está bem?

Margo ergueu os olhos. Era Sophie, sua colega, que trabalhava como gerente comercial de uma importante loja de departamentos parisiense chamada Achat. E Sophie franzia a testa ao olhar para ela.

As duas trabalhavam juntas havia seis anos, começando como estagiárias. Na época, Sophie tinha acabado de se formar, e Margo continuava na universidade e trabalhava na loja desde os dezesseis anos.

As duas conseguiram ascender ao cargo de assistentes, e logo se transformaram em gerentes de compras. Margo tomava conta do departamento de artigos para o lar, Sophie do departamento de acessórios. As duas viviam completamente entregues aos seus trabalhos.

– Eu estou bem – ela respondeu. – Mas ando um pouco enjoada ultimamente.

Sophie ergueu as sobrancelhas, com um sorriso começando a se formar em seus lábios.

– Se outra pessoa me dissesse isso... eu ficaria um pouco preocupada.

– O que você está querendo dizer? – perguntou Margo, com uma pitada de irritação em seu tom de voz. Ela estava sozinha havia um mês, desde o momento em que Leo saíra de sua casa, deixando-a arfando, caída no chão.

E fora melhor assim, tinha de ser assim. No entanto, era impossível evitar a dor daquela despedida. E também o vazio.

– Eu quero dizer que... – respondeu Sophia, medindo suas palavras – em outra situação eu pensaria que você poderia estar grávida. Mas isso seria impossível.

– Claro que eu não estou grávida – respondeu Margo, cortante.

Sophie conhecia as decisões de Margo sobre relacionamentos e filhos. Certa noite, após terem tomado uma garrafa de vinho, as duas confidenciaram suas vontades de permanecerem solteiras, solitárias, com suas vidas *a salvo.* Pelo menos Margo pensava que assim estaria *a salvo*, e Sophie parecia pensar a mesma coisa.

– Eu estou tomando pílula – disse ela, e Sophie ergueu as sobrancelhas.

– E não se esqueceu de tomar, certo?

– Não, claro que não. Isso nunca!

Margo franziu a testa, olhando para o seu computador, vendo a imagem dos travesseiros de seda, importados da Turquia, que estava a ponto de encomendar para serem vendidos na Achat. No entanto, sua mente voltava àquela noite em seu apartamento, à noite em que Leo a deixara. E sim, ela tomara a pílula aquela manhã, e também no dia seguinte. Ela nunca se esquecia.

– Sendo assim, deve ser apenas um problema passageiro de estômago – comentou Sophie, sem dar muita importância.

Margo simplesmente fez que sim com a cabeça.

Na manhã seguinte ao último encontro com Leo, ela se levantou um pouco tarde, lembrou-se Margo. Dormir, após a partida abrupta de Leo, fora tarefa complicada. O seu corpo doía e a sua mente não parava de vagar. Ela foi obrigada a tomar um calmante no meio da noite. E tal calmante a nocauteou. Naquele momento, foi uma bênção, e ela conseguiu dormir durante oito horas, acordando por volta das onze, três horas após o momento do dia em que costumava tomar sua pílula.

Mas ela não poderia estar grávida.

Será que algumas horas poderiam fazer uma diferença tão importante? Será...?

Ela deixou escapar uma risada nervosa. Depois, tremendo, deixou escapar um som estranho, e Sophie ergueu os olhos, perguntando:

– Margo...?

Ela fez que não com a cabeça, dizendo:

– Estou pensando no quão ridícula é essa história de que eu poderia estar grávida.

E voltou ao seu computador, trabalhando sem parar até a hora do almoço, recusando-se a pensar na ridícula sugestão de sua amiga.

No entanto, a sua mente ficou presa por uma sensação que não desaparecia nunca, nem mesmo no momento que finalmente resolveu fazer o pedido dos travesseiros turcos. Na hora do almoço, saiu de sua mesa e desceu a Champs-Élysées, andando dez quadras, pois não entraria em uma farmácia muito próxima dos escritórios da Achat.

Ela entrou na farmácia, deu uma olhada em volta, pois não queria arriscar ser surpreendida pela presença de um conhecido, depois comprou, o mais rápido possível, um teste de gravidez. Ela nem sequer olhou nos olhos da vendedora. Guardando o teste na bolsa, Margo correu de volta ao escritório.

Chegando lá, foi direto ao banheiro, que por sorte estava vazio, e ficou olhando para seu reflexo no espelho, vendo um rosto bem maquiado, elegante. Aquilo era uma máscara, claro. Era uma armadura. Para trabalhar, ela não usava nada além de um delineador e um batom vermelho, além de um pouquinho de base. Seus cabelos estavam bem arrumados, como sempre, e sua saia preta e blusa de seda cinza eram perfeitas.

Porém, aquele cinza fez com que ela se lembrasse dos olhos de Leo.

Mas ela não deveria pensar em Leo naquele momento.

Respirando fundo, pegou o teste na bolsa e fechou a porta do banheiro. Margo leu duas vezes as instruções, pois precisou se concentrar melhor, focando nos detalhes, não na sugestão feita por Sophie.

Então fez o teste e esperou os três minutos, sem parar de olhar para o relógio. Quando deu a hora, girou o teste... e havia duas marcas cor-de-rosa.

Positivo.

Ela estava grávida... e o filho era de Leo.

Por um momento, ela não conseguia pensar em nada, não conseguia respirar, não conseguia sequer ver nada à sua frente. O mundo parecia de cabeça para baixo, tudo escurecera ao seu redor. Mas ela respirou fundo algumas vezes e endireitou o corpo. Guardou o teste na caixa, que envolveu com muito papel, depois jogou na lixeira, lavando as mãos e arrumando a maquiagem. Ela não pensaria nisso naquele momento. Não poderia pensar.

Ela voltou ao escritório, ignorando o olhar curioso de Sophie, e se sentou à sua mesa, trabalhando sem parar até as seis. Ela fez telefonemas, participou de uma reunião, até conversou um pouco com alguns colegas.

Porém o tempo inteiro havia um zumbido em sua mente. Era como se estivesse sendo observada a distância, como se alguém aplaudisse seu esforço para parecer que estava tudo bem. Mas não estava... pois no interior do seu corpo ela continuava sentindo uma enorme onda de pânico, uma onda que não parava de crescer.

Ela estava grávida de um filho de Leo.

– Você quer sair para tomar um drinque? – sugeriu Sophie, às seis da tarde.

– Eu acho que não... – disse Margo, pensando em não aceitar o convite de Sophie, mas depois hesitou.

Ela não poderia voltar ao seu apartamento sozinha, não poderia passar o resto da noite sozinha... não com essa bomba no colo, uma bomba a ponto de ser detonada.

– Por que não? – disse Margo, tentando soar o mais tranquila possível, vestindo seu blazer.

A noite estava fresca naquele mês de setembro, e os edifícios de escritórios de Paris se esvaziavam. Todos seguiam para a grande avenida de Champs-Élysées. As duas foram caminhando até um bar, em uma rua lateral, um de seus bares favoritos, e se sentaram do lado de fora, vendo o mundo passar.

– Tinto ou branco? – perguntou Sophie, ao se levantar, pois entraria no bar para fazer o pedido.

Margo hesitou, depois fez que não com a cabeça.

– Eu quero apenas uma água com gás. O meu estômago continua um pouco esquisito.

Sophie a ficou encarando por alguns segundos, e Margo também olhava para a amiga. Ela saíra com Sophie para não ficar sozinha em casa, sozinha com essa nova vida no interior do seu ventre, mas ainda não estava pronta para contar nada à amiga.

– Certo – disse Sophie, e entrou no bar.

Margo se recostou na cadeira e ficou observando as pessoas que passavam por ali, seguindo para suas casas ou para bares como aquele. Pessoas com planos de vida, com trabalhos, com afazeres...

Horas antes, ela era uma dessas pessoas... pelo menos superficialmente. Ao mundo, ela sempre apresentava a imagem de uma mulher decidida, sofisticada, uma mulher que tinha tudo o que queria. Ela sempre soube que isso não passava de uma fachada, mas ninguém mais sequer suspeitava.

No entanto, tal fachada estava um pouco abalada. Pois Margo estava grávida. Grávida de verdade... com um bebê... um bebê seu...

Instintivamente, ela passou a mão no ventre. *Um bebê...*

– O que está acontecendo? – perguntou Sophie, assim que voltou à mesa e ofereceu a Margo sua água com gás.

Rapidamente, Margo afastou a mão do ventre, respondendo:

– O que você está querendo dizer?

– Você passou a tarde inteira muito esquisita... parecia estar fora de si.

– Eu estive trabalhando o tempo todo.

Sophie a encarou novamente. Ela conhecia muito bem a amiga para cair naquela conversa.

Margo tomou um gole da água com gás.

– Está tudo bem? – perguntou Sophie, baixinho, deixando de lado sua suspeita e lançando um olhar de cumplicidade, olhar que fez os fundos dos olhos de Margo se encherem de lágrimas.

Ela não tinha muitos amigos. Tinha conhecidos e colegas, claro, pessoas que transitavam pela periferia da sua vida, mas ninguém jamais se postava no centro. Ela nunca permitia que isso acontecesse, pois a solidão parecia mais segura. E talvez fosse exatamente isso o que ela merecesse.

Se você tivesse se casado com Leo, ele estaria aqui...

Mas ela nem poderia pensar nisso, pois fizera sua escolha. E não poderia mudar de ideia naquele momento, não poderia esperar nem desejar outra coisa.

– Margo? – perguntou Sophie, de repente, realmente preocupada.

Margo respirou fundo.

– Na verdade... eu estou grávida – ela admitiu.

Margo não planejava contar nada a Sophie, mas logo após contar sentiu um enorme alívio, embora Sophie tenha ficado com uma expressão assustada e chocada em seu rosto.

– Sério? Mas...

– Eu fiz um teste na hora do almoço – disse Margo.

Sophie fez que não com a cabeça, lentamente.

– Eu nem sabia que você estava envolvida em um relacionamento sério.

– Eu não estava. Foi algo... casual. Ele mora na Grécia.

– E... você já contou a ele?

Margo deixou escapar uma risada nervosa, depois respondeu:

– Sophie, como já disse, eu acabei de descobrir. Fiz o teste na hora do almoço.

– Tudo bem – disse Sophie, recostando-se na sua cadeira e tomando um gole de vinho. – Você ainda deve estar processando a informação, certo?

Margo passou uma das mãos pela testa. Contar a Sophie que estava grávida fora algo surreal, mas de alguma maneira fazia sua condição parecer mais real, e por isso ela notou que seu corpo tremia um pouco.

– Acho que eu ainda nem comecei a processar – ela respondeu.

– Sei... – comentou Sophie. – Aliás, eu sempre imaginei que você não queria ter filhos.

– E não queria. E continuo não querendo.

Sophie ergueu uma das sobrancelhas e Margo percebeu que, mais uma vez, pousara uma das mãos no ventre. Ela deixou escapar um suspiro trêmulo e afastou a mão do ventre.

– E quanto ao pai da criança, o tal grego? Há quanto tempo você está com ele?

– Nós estivemos juntos durante dois anos...

– *Dois anos!* – Sophie ficou de boca aberta. – Por que você nunca me disse nada, Margo?

– Eu... – Por que ela não lhe contara nada sobre Leo? Porque, na sua cabeça, Margo morria de medo que Leo parecesse importante para si mesma. Aliás, ela vivia morta de medo que isso acontecesse, pois *poderia* acontecer – Foi apenas um caso – disse ela, com voz triste.

Sophie sorriu, descrente.

– Que caso tão duradouro...

– Sim, foi mesmo... Mas a verdade é que nosso relacionamento acabou. Acabou completamente. – Margo ficou olhando para o seu copo de água. – E não acabou nada bem.

– Se você está pensando em ter esse bebê, ele deveria saber – comentou Sophie.

Para Margo, foi impossível evitar um soluço. Como ela poderia contar uma coisa dessas a Leo? Sobretudo após tudo o que lhe disse na última vez em que estiveram juntos... ele talvez nem acreditasse que o bebê fosse seu.

– Eu não sei o que pensar neste momento – disse ela. – Eu preciso de um tempo.

– Se você *não* quer ter o bebê – disse Sophie, como se não tivesse escutado o que a amiga acabara de dizer –, quanto antes se decidir, melhor. E eu estou dizendo isso para o seu próprio bem.

– Eu sei...

Não ter o filho, na sua cabeça, parecia a solução ideal. Porém, lá no fundo, ela resistia à ideia, assustada.

Ela não esperava por isso. Não esperava ficar grávida. Não esperava ser tomada de assalto por um medo tão terrível. E não poderia negar que, no fundo, bem lá no fundo, surgiu uma pitada de esperança, uma esperança louca, sem sentido. *Um bebê...* uma segunda chance.

– Você pode refletir um tempo – disse Sophie, aproximando-se e segurando a mão da amiga. – Não tome nenhuma decisão precipitada, pense.

– Eu não vou tomar uma decisão precipitada – prometeu Margo, embora sua mente não parasse de girar e girar. Se decidisse ter o bebê, seria obrigada a contar a verdade a Leo. Mas como isso poderia dar certo? Ele acreditaria na sua palavra? Ele estaria disposto a se envolver?

Uma hora mais tarde, as duas amigas se despediram e Margo pegou o metrô de volta para casa, que ficava no último andar de um prédio do século XVIII, na Île de La Cité, em Paris.

Ao entrar no saguão do prédio, com seu piso de mármore e suas paredes rebuscadas, notou que a tensão se aliviava em seu corpo, e relaxou os ombros. Ela estava em casa, estava no seu refúgio, no único local seguro que ela conhecia.

Margo encheu a banheira de água e bolhas de sabão. Depois mergulhou, fechando os olhos e tentando esvaziar a mente por alguns minutos. No entanto, os pensamentos não a abandonavam. *Um bebê...* Como ela conseguiria equilibrar os cuidados de um bebê com as exigências do seu trabalho? Pagar pelos cuidados infantis em Paris era muito caro, e ela só teria dezesseis semanas de licença-maternidade. Mesmo ganhando um salário decente, ela não acreditava ser capaz de manter seu apartamento *e* pagar uma babá para o seu filho.

No entanto, muito mais preocupante, e bem mais aterrador do que as implicações financeiras de um filho, eram as implicações emocionais. Um bebê... um ser humano pelo qual ela seria inteiramente responsável, uma pessoa que dependeria única e exclusivamente dela.

Uma pessoa que ela poderia amar. Uma pessoa que ela poderia perder...

Além disso, claro, estava Leo... E ela nem sabia se ele estaria disposto a ouvi-la, a se encontrar novamente. E, caso estivesse, será que se envolveria na vida do filho? E, caso se envolvesse, o quanto se envolveria? Como eles poderiam chegar a um acordo pela custódia da criança? Era isso o que ela queria para um filho ou filha? Estaria disposta a colocar uma criança no meio de um fogo cruzado entre mãe e pai? Estaria disposta a ter uma família baseada no ódio entre seus membros?

Ela foi tomada por uma forte exaustão e resolveu sair da banheira. Não conseguia mais pensar em nada. E não seria capaz de tomar nenhuma decisão.

Com o passar dos dias, que se transformaram em semanas, Margo sabia que precisaria tomar uma decisão. E que tal decisão deveria ser rápida. Sophie parara de lhe perguntar sobre o que ela faria, mas Margo notava o questionamento sempre presente nos olhos da amiga, e sabia que Sophie estava preocupada.

E logo depois o mal-estar foi piorando. Ela sentia náuseas quase permanentes, algo terrível que a deixava caída na cama, sem vontade de fazer nada, com um cansaço infernal.

Deitada em sua cama, incapaz de fazer outra coisa além de ir ao banheiro, Margo percebeu o quanto estava sozinha. Eram poucos os seus amigos naquela cidade. Sophie queria ajudar, mas sendo uma mulher solteira e com um trabalho exigente, seu tempo era curto.

E Margo sabia muito bem que as tragédias podem se instalar rapidamente quando estamos sozinhos. Quando não temos família, não estamos a salvo. Aliás, se ela resolvesse ter o bebê, não poderia continuar daquela maneira. Não poderia se arriscar tanto.

Após passar uma semana sofrendo, ela conseguiu se arrastar ao consultório do seu médico, pois precisava de um remédio para vencer as constantes náuseas.

– A boa notícia – disse o doutor animado – é que as náuseas indicam uma gravidez saudável. Este bebê não vai dar problema enquanto estiver aí dentro.

Margo ficou olhando para o médico, pensando nas suas palavras. Ele não tinha a menor ideia de como ela se sentia, dos conflitos aflorados desde o surgimento daquele bebê. Sim, o bebê era um presente... um presente que ela nunca esperou receber. Ainda assim, naquele exato momento ela percebeu que *teria* o seu filho... Aliás, sempre soube disso.

E teria de contar toda a verdade a Leo.

CAPÍTULO 3

– TEM ALGUÉM esperando para falar com o senhor.

Leo ergueu os olhos do seu laptop ao ouvir a voz de sua secretária, Elena, que estava de pé, na porta do seu escritório, na sede das empresas Marakaios. Ele estava lidando com alguns números envolvendo um grande negócio com uma rede de restaurantes norte-americana, e demorou um pouco para processar as palavras de Elena.

– Alguém? – ele perguntou. – Quem é, Elena?

– Uma mulher – ela respondeu. – Ela não disse o nome, mas disse que é urgente.

Leo franziu a testa. O seu escritório ficava no centro da Grécia, no meio do nada... como a própria Margo um dia lhe dissera. E ele nunca recebia visitas por ali. Nunca.

– E por que ela não lhe disse o nome? – ele perguntou, levantando-se da sua poltrona.

– Não sei. Mas ela está muito bem-vestida e fala muito bem. E eu imaginei que, talvez...

Elena ficou muda, corada, mas Leo entendeu sua mensagem. Ela imaginou que poderia ser uma de suas amantes. Mas a verdade é que ele estava há meses sem nenhuma amante... desde a última vez que vira Margo.

E por algum motivo ele duvidava que Margo pudesse viajar à Grécia para vê-lo.

Aliás, ele sorriu ao pensar nisso. Há meses não a via... havia se passado quatro meses desde aquele dia em que saiu do apartamento dela, após terem feito amor, com o anel de noivado no bolso. Quatro meses depois que ele terminara tudo. Esse capítulo da sua vida estava encerrado.

– Seja lá quem for essa mulher, Elena, é muito estanho que não tenha dito qual é o seu nome.

– Ela parece muito insistente...

Suspirando, Leo caminhou até a porta.

– Eu vou ver quem é – disse ele, saindo rapidamente do escritório.

E quando chegou à recepção viu quem era a mulher que estava de pé por ali, entre os sofás de couro e as mesas baixas.

Seu coração pareceu parar de bater dentro do peito. Uma raiva gélida tomou conta do seu corpo, deixando-o paralisado.

Ele cruzou os braços.

– Se eu soubesse que era você, teria pedido a Elena que a mandasse embora.

– Leo, por favor... – disse Margo, baixinho.

Ela parecia aterrorizada... com os olhos fundos e escurecidos. Margo vestia um casaco de lã preta que deixava sua pele, já naturalmente pálida, ainda mais pálida.

Leo franziu a testa.

– O que você quer? – ele perguntou.

– Eu quero conversar com você – ela respondeu, olhando para Elena, que voltara à sua mesa e fingia estar ocupada, mas claramente escutava tudo o que era dito por ali. – A sós.

Leo abriu a boca para lhe dizer que eles não tinham nada a dizer um ao outro, mas depois parou. Ele não queria ter aquela conversa em público... não queria que ninguém, nem mesmo sua secretária, ficasse sabendo de seus assuntos privados.

Com um movimento tenso de cabeça, ele indicou o corredor, dizendo:

– Vamos ao meu escritório.

E sem esperar que ela passasse na sua frente, ele girou o rosto e começou a caminhar em direção à sua sala.

Depois ficou observando a aproximação de Margo, e fechou a porta quando ela entrou. Margo parecia morta de cansaço, como se tivesse sido atingida por uma forte rajada de vento.

– Você não parece estar muito bem – disse ele, sem emoção em seu tom de voz.

Ela o encarou, com um sorriso amarelo no rosto.

– Eu não estou me sentindo muito bem. Você se importa que eu me sente?

Ele apontou para uma das duas cadeiras à frente da sua mesa, e ela se sentou, deixando escapar um suspiro de alívio.

– Então? – perguntou Leo, querendo adiantar a conversa. – O que você quer?

Ela o encarou, e Leo sentiu um choque, uma coisa estranha, ao ver a resignação estampada nos olhos de Margo. Ela não era assim, não mesmo... Margo sempre foi uma mulher elegante e de pura sofisticação. Aquela era uma Margo diferente... uma Margo que parecia ter perdido o lustro.

– Leo – disse ela, baixinho –, eu estou grávida.

Ele piscou os olhos, pois tais palavras o pegaram completamente de surpresa.

Mas ela não disse nada mais, ficou esperando pela sua resposta.

– E o que isso tem a ver *comigo*? – ele perguntou, mantendo o tom frio.

Ela o encarou novamente e disse:

– O bebê é seu.

– E como você sabe disso? Será que eu preciso lembrar o motivo que você alegou ao me deixar, há quatro meses?

– Não – ela respondeu, depois hesitou, afastando os olhos antes de continuar: – O outro... o outro homem... não pode ser o pai.

Uma raiva com a força de um furacão tomou conta das entranhas de Leo.

– Não! – ele gritou. – Eu não quero saber nada sobre esse homem. Nada!

– O bebê é seu, Leo.

– E como você poderia ter certeza disso? – ele perguntou.

Margo suspirou, recostando-se na cadeira, antes de dizer:

– Eu *sei*. Eu simplesmente sei, e ponto. Porém, se você preferir fazer um teste de paternidade, saiba que a prova será confirmada.

Ele a encarava, mais assustado do que seria capaz de admitir.

– Eu sempre imaginei que você não quisesse ter filhos – disse ele, após um longo momento calado.

– E não queria mesmo – ela confirmou.

– Sendo assim, eu fico surpreso ao ver que não resolveu lidar com esse problema sozinha – ele retrucou.

Ela pousou as mãos na garganta, em um gesto que deixou sua aparência ainda mais frágil, mais vulnerável.

– Você teria preferido assim? – ela perguntou.

– Não – ele respondeu, percebendo que estava sendo absolutamente sincero em sua resposta. Um filho... um filho *seu*... Se ela não estivesse mentindo, claro. E como saber se aquilo era verdade? – Por que você veio me contar? – ele perguntou. – Você quer dinheiro?

– Não, não especialmente.

Ele sorriu ao ouvir sua resposta. E seu sorriso era frio, cortante.

– Não *especialmente*...?

– Eu devo admitir que este filho vai abalar minhas finanças, mas não vim aqui atrás de dinheiro. Eu vim porque imaginei que você deveria saber, que você gostaria de saber.

Ele se sentou em sua poltrona, assustado com tudo o que ouvia, passando as mãos entre os cabelos.

– *Theos*, Margo. Que notícia...

– Eu sei – disse ela. – Eu precisei de três meses para conseguir processá-la...

– Você já sabe há todo esse tempo, e só veio me contar *agora*?

Ela ficou levemente corada, e respondeu:

– Eu estive muito mal. Com náuseas extremas pela manhã, aos cuidados médicos.

– E está medicada? – ele perguntou, e Margo fez que sim.

– Isso ajuda um pouco – disse ela, suspirando e movendo o corpo na cadeira. – A verdade, Leo, é que eu não sabia como você reagiria. Aliás, eu nem sabia se você ia querer me ver. E eu queria contar pessoalmente. No entanto, eu estava me sentindo muito mal para fazer uma viagem tão longa. Só agora melhorei.

Ele fez que sim. Aquela história parecia razoável, mas ainda assim ele estava raivoso. Ele tinha o direito de saber, e deveria estar envolvido naquela história desde o princípio. E agora...?

– Se essa criança é minha – disse ele, apoiando as palmas das mãos abertas no tampo da mesa –, não há qualquer possibilidade de que eu não me envolva na história.

– Eu sei – disse ela.

– E eu não estou falando de acordos para passar o final de semana – disse ele, sabendo que isso poderia ser cogitado em algum momento. – Eu não quero ser o tipo de pai que só vê o filho em um sábado à tarde.

– Não – disse Margo, baixinho. – Eu também não quero isso.

– Não?

Ele a encarou por alguns instantes. Leo continuava sem entender por que ela fora até ali. Margo não tivera honra o suficiente para ser fiel a ele, então por que se preocuparia com o relacionamento que ele teria com o filho?

– Se alguém me contasse essa história, conhecendo você, eu diria que você não teria esse filho – disse ele, abruptamente. – Ou então... se quisesse ter o filho, que você o deixaria nas mãos de outro homem.

Ela arregalou os olhos ao ouvir isso e disse:

– Não. Eu nunca faria isso.

– E por que você não faria isso, Margo?

Era a primeira vez que ele dizia seu nome desde que ela chegara ali, e isso lhe causou uma súbita surpresa.

Leo transformou as mãos em punhos, depois as abriu, apoiando-as na mesa.

– Por que eu não sou, por mais que você pense o contrário... uma pessoa desprovida de moral – ela respondeu, recuperando uma pitada da velha Margo decidida. – Eu quero ter o meu filho, e quero que meu filho conheça o seu pai. – Ela respirou fundo. – Mais do que isso, eu quero que meu filho tenha direito a um lar estável e repleto de amor. Um lar onde se sinta bem... ao lado dos pais. Sempre.

Ele arregalou os olhos, que pareciam a ponto de entrar em combustão de tanto que queimavam.

– E o que... – disse ele, após uma pausa – você pretende fazer para que esse plano funcione?

– Eu também vim aqui por isso, Leo – disse ela, encarando-o firme, mas com os olhos queimando por conta das lágrimas represadas em seu interior. – Eu quero que você se case comigo.

EM OUTRA situação, em outra vida, Margo teria gargalhado ao ver a expressão de surpresa estampada no rosto de Leo. Ele não esperava por isso... e por que esperaria? Da última vez que se viram, ela o rejeitara terminantemente, dizendo ter sido infiel a ele, dizendo coisas que o deixaram mortificado. E lá estava ela, fazendo uma proposta de casamento.

– Você só pode... – disse Leo, com um tom de voz cortante de tão gélido – estar brincando.

– E você acha que eu viria até a Grécia para fazer uma brincadeira? – ela perguntou, mantendo o tom de voz baixo.

Leo se levantou, em um movimento abrupto. Ele parou na frente da janela aberta aos olivais da Marakaios, que estavam escurecidos e pelados por conta do inverno, mas que produziam o melhor azeite de oliva da Grécia.

– A sua *proposta* – disse ele, trincando os dentes ao dizer essa palavra – chega a ser ofensiva.

– Mas eu estou sendo sincera...

Ele a interrompeu, agora em um tom de voz mais baixo, mas pulsando de tanta fúria, e disse:

– Da última vez que nos vimos, você me disse que não queria se casar nem ter filhos.

Ela fez um gesto em direção ao seu ventre, que estava bem escondido sob o casaco.

– As coisas mudaram.

– Não tanto. Não para mim.

– Você não quer conhecer o seu filho?

– Quem disse isso? Quem disse que eu não vou lutar pela custódia dessa criança?

Ela sentiu uma pontada no estômago, morta de medo ao ouvir suas palavras, mas reuniu todas as forças para manter-se calma.

– E você acha que isso seria bom para o nosso filho, Leo?

Ele se recostou na sua poltrona, passando novamente as mãos entre os cabelos. Com a cabeça baixa, ela notava que os pelos da nuca de Leo estavam eriçados, e também que os seus ombros pareciam tensos.

– Eu sinto muito, Leo, por ter sido obrigada a dar essa notícia – disse ela, baixinho. – Eu pensei muito, por muito tempo, passei todos esses meses pensando, e sempre querendo descobrir o que seria melhor para o nosso filho. E cheguei a essa conclusão: o melhor seria construir um lar estável para ele, um lar onde ele estivesse ao lado dos seus pais.

Não fora uma decisão fácil de ser tomada, mas a história de vida de Margo impedia que ela decidisse cuidar sozinha de um filho, como fizera sua mãe. Assim como Margo, sua mãe não tinha amigos, não tinha família, não tinha segurança. E ela acabou perdendo tudo.

Margo não deixaria seu filho exposto ao mesmo risco.

Ele curvou a cabeça, com os olhos ardendo e a boca trincada. Depois perguntou:

– Mesmo sendo dois pais que não se amam? Dois pais que não têm nenhum motivo para viverem juntos? Dois pais que não se respeitam?

Ela se assustou e disse imediatamente:

– Eu respeito você, Leo.

– Mas tem uma maneira muito estranha de demonstrar isso, não acha?

Ela deveria revelar que a história da traição fora uma mentira, deveria lhe dizer que não havia mais ninguém. Afinal de contas, o fantasma daquela traição impossibilitaria qualquer tentativa de aproximação entre eles, impossibilitando um futuro casamento, claro... No entanto, ela temia que Leo não acreditasse na sua história, e ainda por cima ele poderia querer saber porque ela resolvera inventar algo tão catastrófico. E a verdade é que ela mentira por medo, mas Margo não estava preparada para admitir uma coisa dessas.

– No entanto, eu sei que você *não* me respeita – disse ela.

E pousou as mãos no colo, lutando contra um novo ataque de náusea. Os incômodos tinham abrandado um pouco nas últimas semanas, mas ela continuava se sentindo fraca e vulnerável a novos ataques de dores profundas.

– Eu sei que você não confia em mim. E espero que, com o passar do tempo, eu consiga recuperar o seu respeito e a sua confiança. Mas esse casamento será pelo bem do nosso filho, Leo. Eu quero dar a ele a oportunidade de ter um lar estável. E, ainda que a gente não se ame, nós vamos amar o nosso filho.

– Quer dizer que você está disposta a entrar em um relacionamento frio, sem amor, tudo pelo bem de um bebê que sempre jurou não estar disposta a gerar?

Ela respirou fundo novamente, encarou Leo e disse:

– Sim, eu estou disposta.

– Eu não acredito em você.

– Por que outro motivo eu teria vindo até aqui, Leo? – ela perguntou, baixinho.

– Você quer alguma coisa. Você está com problemas? Aquele tal homem abandonou você? Você está sem dinheiro?

– Eu já disse que não vim até aqui para pedir dinheiro.

– Mas também disse – ele a interrompeu – que o bebê poderia ser um estrago financeiro para você.

– Sim, seria mais complicado, mas não seria impossível. Eu poderia dar conta. E já pensei muito no assunto... Aliás, eu já pensei em ter esse filho sozinha e não contar nada a você – disse ela, lutando para encontrar as palavras que poderiam fazer com que Leo acreditasse no que ela dizia.

– E mesmo assim quer que eu confie em você? – ele perguntou.

– Eu não quis que isso acontecesse, Leo. Eu não planejei nada disso – disse ela, subindo o tom de voz. – Mas você precisava saber, e o seu filho também precisa de muita coisa. Ele precisa de dois pais. Precisa de estabilidade. Precisa de segurança...

– E você não poderia oferecer essas coisas sozinha?

– Não. De jeito nenhum. Eu não poderia. Eu não tenho muitos amigos, não tenho família.... Esse bebê precisa de muita coisa, e eu não posso oferecer sozinha. Ele... ou ela, pois eu não sei o sexo... precisa de um pai.

– Isso se *eu* for o pai...

– Por favor, Leo...

Ela fechou os olhos, sentindo uma série de ondas de náuseas e uma extrema fadiga tomando conta do seu corpo.

Margo ficara exausta após a viagem de avião, e depois o aluguel do carro, que dirigira até chegar ali...

Ela reuniu o pouco de energia que lhe restava e seguiu em frente:

– Não vamos discutir. Eu quero me casar com você pelo bem do nosso filho. E não espero que você me ame ou mesmo goste de mim... sobretudo após o que fiz, mas espero que a gente consiga ser amigável pelo bem do bebê. Quanto ao... – Ela baixou os olhos, incapaz de encará-lo. – Quanto aos benefícios inerentes aos casamentos... eu entenderia se você decidisse desfrutá-los em outra direção...

Leo ficou em silêncio e Margo arriscou levantar os olhos, imaginando se ele entendera suas palavras.

– Você está querendo dizer... – ele perguntou, sem demonstrar qualquer emoção em seu tom de voz – que está me dando passe livre para que eu viole os votos de casamento?

– Isso seria um casamento de conveniência, Leo...

– Mas, ainda assim, seria um casamento – ele retrucou.

– Eu estou tentando fazer com que a situação seja mais palatável para você.

– Mais palatável para mim? – ele perguntou indignado, com um tom de voz cortante. – Eu continuo achando tudo isso uma loucura.

– Por favor, Leo...

Ela engoliu em seco, detestando o fato de ser obrigada a implorar.

Talvez ele estivesse certo. Talvez ela devesse voltar a Paris e criar seu bebê sozinha. Leo poderia ser o tipo de "pai de fim de semana" que ele não queria ser. Muitos casais vivem assim... por que

não eles?

Porque ela morria de medo de enfrentar tudo aquilo sozinha. Porque ela queria algo mais para seu filho. Algo que ela não poderia oferecer sozinha.

– Você está pedindo de maneira tão *gentil*... – disse Leo, que passou a ter os olhos brilhantes.

Ele ainda estava furioso com Margo, mesmo tendo se passado tantos meses. E ela ficou pensando em como poderia amainar aquela fúria. Talvez contando-lhe a verdade... mas será que ele acreditaria?

– Eu estou aberta a morar aqui na Grécia – disse ela, decidindo se deveria ou não contar toda a verdade a Leo.

– Aqui, no meio do nada?

– Eu deixaria o meu trabalho na Achat. E quero ficar em casa, com o bebê, pelo menos nos primeiros anos.

– Mas essa "rotina de dona de casa" era um terror aos seus olhos...

Mais uma vez, ele estava jogando o que ela lhe dissera na sua cara, mas ela entendia...

– Tudo mudou – disse Margo.

– Você está dizendo que quer viver tudo isso? Que está disposta a encarar essa vida?

Ele soava incrédulo... e ela ficou nervosa, sentindo as náuseas voltando a atacar seu estômago. E sentia um gosto terrível na boca.

– Trata-se de um sacrifício que estou disposta a assumir.

– Quer dizer que o casamento seria um martírio e eu estaria me casando com uma mártir? Isso me deixa ainda mais animado...

– Você também estaria fazendo um sacrifício – disse ela. – Eu sei disso. Claro que sei.

– Mas eu continuo sem entender você, Margo – ele retrucou.

– Por que é tão complicado acreditar que estou disposta a fazer isso? – ela perguntou, cansada de tanta descrença. – Grande parte das mulheres faria o mesmo.

– Mas você... – disse ele, como se quisesse fazê-la recordar – não é como todas as mulheres, certo?

Ela fechou os olhos, sentindo uma tontura invadindo sua mente.

Logo depois ouviu Leo lhe perguntando:

– Margo, você está bem?

A voz de Leo era dura, embora ela não conseguisse entender se por conta da impaciência ou ansiedade.

Ela se forçou a abrir os olhos.

– Eu estou muito cansada, é só isso. E as náuseas estão voltando. Eu entendo que você precisa de um tempo para pensar na minha... na minha proposta. – Não era essa a palavra que ela queria usar, e Leo fez um gesto cínico ao ouvi-la. – Porém, quando decidir, por favor, conte-me qual foi a sua escolha...

– Você está dizendo que vai voltar agora para a França? – ele perguntou, em tom afiado, cortante. – Você não está em condições de viajar.

– Eu vou passar a noite em um hotel aqui perto – disse ela –, e voarei de volta a Atenas amanhã.

– Não – disse Leo com um olhar implacável. – Você vai ficar aqui. Amanhã eu respondo à sua proposta.

E isso a fez sentir-se como Sherazade, imaginando o que aconteceria na manhã seguinte. Claro que ela nunca imaginou que encararia o seu casamento dessa maneira, mas teria de se acostumar ao que poderia ser uma vida ao lado de Leo. Ela disse a si mesma que valeria a pena, que tudo valeria a pena em nome do seu bebê, que valeria a pena construir um lar.

Ainda que você e Leo nunca cheguem a se amar de verdade?

Alguns sacrifícios, ela disse a si mesma, sempre são necessários. E talvez fosse melhor assim. Sem a complicação de se apaixonar por uma pessoa, sem o risco de sair ferida. Com sorte, seria exatamente assim.

Ela se levantou da sua cadeira, piscando os olhos, tonta. Até Leo notou algo estranho em sua expressão, pois ela tombou para a frente e precisou se equilibrar. Ele a ajudou, tocando o seu ombro. Era a primeira vez que Leo a tocava desde aquele dia... desde o dia em que fizeram amor contra uma janela... desde o dia em que ele foi embora de sua vida.

– Eu estou bem – disse ela, afastando a mão de Leo. – Só um pouco tonta, nada mais.

– Eu vou pedir que alguém leve você até o quarto de hóspedes – disse Leo.

Ele franziu a testa, mas ela não notava.

Margo estava tão tonta que mal podia pensar. Leo estava certo: ela não poderia viajar daquela maneira.

Ela ficou de pé, ainda um pouco tonta, quando Leo pegou o telefone. Ele pedia a um funcionário da casa que acompanhasse Margo. Ao desligar, ele a encarou, dizendo:

– A gente se vê amanhã.

E Margo percebeu que ele não diria nada mais.

CAPÍTULO 4

Um bebê. Ele seria pai! Se a criança fosse mesmo sua, claro. Leo tomou sua terceira dose de uísque e começou a olhar para o céu estrelado. Já havia se passado oito horas desde o momento em que Margo apareceu no seu escritório, e ele não conseguia parar de pensar...

Ele não a via desde então. Elena a levou ao quarto de hóspedes, depois ele pediu a outros funcionários da casa que lhe oferecessem tudo o que fosse preciso para passar a noite por ali. E Leo pediu a Maria, sua governanta, que checasse se estava tudo em ordem, e ela lhe disse que Margo passara a noite quase toda dormindo. Leo enviou uma bandeja com comida a Margo, mas Maria lhe disse que ela nem tocou em nada.

Ele era um poço de ansiedade e raiva. Se aquele filho fosse seu, ele estava disposto a fazer de tudo para que Margo ficasse em perfeitas condições de saúde. Droga... ainda que o filho não fosse seu, era *sua* a responsabilidade por uma mulher grávida que dormisse sob o seu teto. E ele não gostou nada da aparência pálida de Margo. Era como se ela estivesse desprovida de grande parte de suas fontes de energia.

Lentamente, Leo se levantou da poltrona de couro na qual se sentara, poltrona que um dia pertencera ao seu pai, depois a Antonios, seu irmão. E agora era sua. Seis meses à frente das empresas familiares e ele continuava determinado a levar os negócios a um novo patamar, pois só assim conseguiria fazer valer o poder que seu pai e seu irmão lhe negaram durante tanto tempo.

Uma vida inteira sendo deixado de lado, no escuro, à sombra de todos. Ele não confiava em ninguém... muito menos em Margo. Mas se a criança fosse sua... por que não aceitar o casamento de conveniência proposto por ela? Não era exatamente isso o que ele quis um dia, casar-se com Margo? E não haveria a confusão da paixão, não haveria uma busca desesperada pelo amor. Margo seria sua esposa, só isso e nada mais. Uma esposa conveniente.

Sorrindo, Leo se afastou da garrafa de uísque. O que ela sugeria fazia sentido, mas ainda assim ele resistia. Viver com uma mulher que lhe fora infiel, que o *rejeitara*, e que agora voltava sugerindo que se casassem... dizendo que estava disposta a se sacrificar, a se esquecer de todos os seus sonhos e esperanças... Isso era duro de engolir, mas havia alternativa? Será que ele preferia

lutar por uma custódia que nunca lhe deixaria em posição de envolver-se propriamente na vida do seu filho?

Isso se o filho fosse seu, claro.

Se assim fosse, ele queria estar envolvido. Ele queria ser o tipo de pai que seu pai nunca foi para ele. Um pai amoroso, interessado, aberto. E queria uma família. Uma esposa, um filho. Por que não Margo? Ele poderia controlar o que sentia por ela. E não nutria mais qualquer interesse em voltar a amá-la.

Ele poderia lidar com aquele casamento de conveniência.

MARGO IMAGINAVA que não conseguiria dormir, mas estava tão cansada que mergulhou em um sono profundo, e para a sua sorte sem qualquer resquício de sonho, assim que deitou a cabeça no travesseiro, logo após a governanta de Leo ter vindo para se certificar que estava tudo bem por ali.

Quando acordou, estava escuro e o quarto bem frio, com as cortinas abertas ao céu noturno. Margo rolou na cama, um pouco desorientada, como se sofresse de jet lag ou estivesse de ressaca, ou as duas coisas juntas. Ela ouviu uma batida à porta, uma batida urgente, e algo lhe disse que não seria a primeira batida.

Ela se levantou da cama, afastando os cabelos caídos sobre o rosto, e caminhou até a porta.

Era a governanta, que carregava uma bandeja repleta de comida. Salada, pão, sopa de lentilhas. Tudo parecia delicioso e cheirava muito bem, mas o estômago de Margo se revirou.

Ela não conseguiria comer nada.

– *Efharisto* – ela murmurou, aproximando-se para pegar a bandeja.

Mas Maria fez que não com a cabeça e entrou no quarto, deixando a bandeja sobre uma mesa. Assustada, Margo ficou observando-a fechar as cortinas e arrumar a cama, recolocando as almofadas em seu devido lugar. Depois deu uma olhada em volta, parecendo satisfeita com seu trabalho, trabalho que completou em poucos minutos.

– *Efharisto* – disse Margo, novamente, e Maria fez um sinal em direção à comida.

– *Fae* – disse ela, mas Margo não conhecia essa palavra, que queria dizer *coma*, em grego.

Margo abriu um sorriso amarelo à governanta e Maria, curvando a cabeça, saiu do quarto.

Ela se aproximou da bandeja, pegou uma colher para experimentar a sopa, mas seu estômago voltou a dar um nó.

Com a cabeça um pouco mais calma, Margo conseguiu se lembrar da conversa com Leo, das suas suspeitas, da sua raiva. E se lembrou que passaria a noite ali... pois Leo prometera lhe dar uma resposta na manhã seguinte.

Fazendo que não com a cabeça ao pensar nas bobagens que fizera, ela voltou à cama e cobriu o corpo com os lençóis. Era enorme o amor que sentia pela criança que crescia no interior do seu corpo... aquela criança que ela nunca esperou ter, que nunca desejou ter.

E por essa criança ela sacrificaria tudo, pois queria que sua vida fosse boa, tranquila, bem diferente da que ela tivera.

Margo caiu novamente no sono, e quando acordou o dia raiava, com as primeiras luzes querendo vencer as cortinas fechadas. Ela ficou um tempo deitada, mas finalmente se levantou e foi tomar

um banho, querendo se preparar para a reunião com Leo, que lhe daria uma resposta... seja lá qual fosse.

Às oito, Maria bateu novamente à sua porta, trazendo uma bandeja com o café da manhã. Margo não sabia se deveria considerar-se uma princesa ou uma presidiária. Em algum momento, ela pensou, Maria deve ter entrado no quarto, pois a bandeja do jantar desaparecera.

– *Efharisto* – ela repetiu, e Maria abriu um sorriso educado.

– *Fae*.

– Sim... quer dizer... *ne*... – disse Margo, com um sorriso forçado. – Mas eu não acho que conseguiria manter muita coisa no meu estômago.

Maria sorriu novamente, mas Margo ficou pensando se a governanta teria entendido alguma coisa. Maria lhe serviu café e suco, depois foi embora, deixando tudo pronto para que Margo desse início à sua refeição sem maiores complicações. Porém, só o cheiro do café fez seu estômago se revirar.

Para o bem da governanta, ela tentou comer um pouco de iogurte com mel, mas após duas colheradas percebeu que não deveria seguir em frente, pois o enjoo poderia impedir que se reunisse com Leo.

Ela ficou caminhando pelo quarto por alguns minutos, ansiosa, agitada, até perceber que estava bancando a ridícula. Teria perdido completamente o norte indo até ali? Ela estaria cansada, com medo da resposta de Leo, mas já enfrentara desafios muito mais assustadores na sua vida, e vencera vários deles, sempre sobrevivendo. A sua força frente às adversidades era algo de que Margo sempre se orgulhara.

Determinada, ela seguiu até a porta, que abriu completamente... mas parou ao ver Leo bem à sua frente, com uma aparência devastadoramente linda, vestindo camiseta branca e calça cinza, e com os cabelos ainda úmidos por conta de um banho recente. Ele também parecia decididamente calmo.

– Você vai a algum lugar? – perguntou Leo.

– Eu estava pensando em procurar você, na verdade – ela respondeu, ríspida. – E gostaria de saber qual é a sua resposta, Leo, pois preciso voltar a Paris. O meu voo está marcado para as duas horas, hoje à tarde.

– Cancele o seu voo – disse ele. – Você não vai voltar a Paris. Não agora, de jeito nenhum.

Ela o encarou, assustada.

– O quê? – perguntou Margo.

Ele franziu os olhos e trincou os dentes, depois respondeu:

– Que parte do que eu disse você não entendeu?

Agora foi a vez de Margo trincar os dentes. No dia anterior, ela fizera de tudo para convencê-lo do seu ponto de vista, mas Leo continuava preso às suas convicções. O pior é que estava aguentando tudo aquilo por conta de um crime que não cometera, mas confessara...

Se você contasse a verdade a ele.

– Será – disse ela, usando um tom menos cortante – que nós poderíamos conversar sobre o nosso assunto com mais calma?

– Tudo bem – disse ele. – Eu estava vindo mesmo atrás de você. Vamos ao meu escritório?

– Vamos.

Em silêncio, ela o seguiu pelo corredor com piso de terracota, depois desceu as escadarias que levavam à entrada da casa. No dia anterior, ela estava muito cansada para perceber tudo aquilo, mas naquele momento notou que aquele local grandioso seria sua nova casa. Pelo que Leo lhe dissera sobre cancelar o voo de volta a Paris, tudo indicava que ele concordaria com o casamento.

Porém, percebendo uma sensação estranha bem no fundo do peito, *ela* não saberia dizer como se sentia frente a isso.

Leo a levou a uma sala com paredes revestidas de madeira e aberta a grandes extensões de terra. Era inverno e as árvores estavam nuas, mas Margo podia imaginar como ficariam lindas na primavera. Será que um dia passearia com seu filho por ali? Será que poderia estender uma toalha no chão e se deitar com a criança, olhando para aquele lindo céu azul?

– Eu vou quebrar o gelo – disse Leo, e Margo foi obrigada a abandonar seus pensamentos e voltar à dura realidade.

Ele estava de pé, atrás de uma enorme mesa de madeira, com as mãos apoiadas no respaldo de sua poltrona e expressão implacável no rosto.

Nos dois anos em que estiveram se encontrando, ela nunca o vira assim. Leo sempre sorria, sempre parecia relaxado. Ela sempre o via brilhante, perigosamente sensual. Mas, naquele momento, ele a encarava como se Margo fosse uma cliente muito difícil, com quem teria de fechar um negócio decisivo.

No entanto, se ele podia bancar o homem de negócios, ela também podia. Por isso endireitou o corpo e disse:

– Vá em frente.

– Eu vou me casar com você... mas exijo algumas condições.

Margo respirou fundo, e finalmente perguntou:

– E quais são elas?

– Em primeiro lugar, nós vamos esta tarde a Atenas para fazer um teste de paternidade.

Isso ela já esperava, embora o fato de que ele duvidasse que o filho fosse seu a atingisse diretamente. No entanto, com isso ela poderia lidar sem maiores problemas.

– Tudo bem. Combinado – disse Margo.

– Em segundo lugar, você vai pedir demissão imediata do seu trabalho, e virá para a Grécia, onde vai morar comigo.

Ele queria o controle total sobre o filho, certo? Mas isso não a surpreendia, claro que não.

– Tudo bem – ela respondeu.

– Em terceiro lugar, eu quero que um médico local, da minha escolha, acompanhe a sua gravidez.

Nesse momento, ela começou a perder a calma.

– Eu acho que sou capaz de encontrar um bom médico para cuidar de mim, Leo.

– Será? – ele perguntou, arqueando as sobrancelhas. – Você chegou aqui com uma aparência terrível.

– Muito obrigada por se preocupar, mas a minha aparência não tem nada a ver com os cuidados médicos que estou recebendo... nem com uma possível falta de cuidado médico – retrucou Margo.

Quanto mais ela seria capaz de suportar? Talvez a sua paciência estivesse chegando ao limite. E sim, ela chegara ali suplicando, realmente acreditando que o seu filho merecia ter um pai, confiando em que tomara a decisão certa... mesmo abrindo mão de tanta coisa nesse processo.

Porém, se Leo estava disposto a transformar a sua vida em um inferno, será que aquele seria um bom ambiente para criar o seu filho? Seria aquele o tipo de relacionamento que ela gostaria de deixar como exemplo para uma criança?

No entanto, a outra opção era terrível demais para ser considerada. Criar um filho sozinha, sendo mãe solteira, não seria nada seguro. Sem parentes, sem amigos, sem ninguém que a pudesse apoiar... além de um punhado de colegas como Sophie, gente que não queria nem ouvir falar em ter filhos. Caso desse um passo em falso, ela poderia cair em desgraça, ficando a ponto da destruição. E poderia perder tudo. *Novamente.*

– Leo – disse ela, tentando manter um tom de voz normal. – Se você está disposto a me atacar dessa maneira, eu acho que o processo de negociação será muito desagradável.

– Eu só estou querendo deixar as coisas bem claras – ele explicou.

– E como... claras até demais – ela comentou.

Ele trincou a mandíbula. O seu olhar tinha o mesmo tom de azul do mar em um dia de inverno, um tom cinzento, gélido.

– Mas eu ainda não terminei com as minhas condições.

– Tudo bem... e quais são as condições que faltam? – ela perguntou.

– Você não vai trabalhar enquanto estiver grávida... nem enquanto o nosso filho for pequeno. Eu quero que meu filho tenha uma mãe completamente presente e disponível.

– Eu já disse que estou disposta a abrir mão da minha carreira durante alguns anos – disse ela. – Aliás, considerando que estarei aqui, no interior da Grécia, acho que seguir em frente com as minhas atividades seria impossível.

– O nosso casamento será de conveniência – disse Leo –, mas não será *tão conveniente*... Quando você estiver recuperada do nascimento do bebê e saudável, eu quero que venha dormir na minha cama.

Ela sentiu uma nova pontada no estômago, revelando uma mistura de ansiedade e medo.

– Mas eu achava que você mal podia permanecer ao meu lado... – disse Margo, com voz trêmula.

– Nós temos química – comentou Leo. – Por que eu procuraria distração em outro lugar se tenho, ao meu lado, uma mulher perfeita para suprir minhas necessidades?

– Você está tentando ser o mais ofensivo possível? – ela perguntou.

– Eu só estou deixando claro os fatos – ele respondeu, com voz baixa. – E eis outro fato: se você me trair novamente, eu vou pedir o divórcio. E vou pedir imediatamente. E ganharei a custódia completa do nosso filho.

Margo ficou olhando para ele, vendo o tom de desafio impregnado em seus olhos, vendo sua expressão dura.

– Não!

– Não? – ele perguntou. – Você não está disposta sequer a *fingir* que poderia ser fiel?

– Eu vou ser fiel, Leo – disse Margo, e o seu tom de voz deixava claro o nervosismo que sentia. – Porém, se você voltar a me ameaçar, dizendo que poderia tirar o meu filho de mim, eu vou embora

daqui correndo, e vou desaparecer. Você nunca mais me verá, nem verá o seu filho...

Ela ficou sem palavras, com o peito arfando.

– Quanta exigência... – disse ele.

– Foi você quem começou.

– Eu não entendo por que você está se demonstrando tão dura e protetora – disse Leo, encarando-a o tempo inteiro. – Você sempre deixou bem claro, sobretudo em nosso último encontro, que *não queria* ter filhos.

– As pessoas mudam.

– E será que você mudou de verdade?

Ela fez que não com a cabeça, nervosa, depois se sentou em uma cadeira, perguntando:

– Acabaram as condições?

– Por enquanto, sim – ele respondeu.

Ela ergueu os olhos e disse:

– Ótimo. Pois saiba que eu também tenho algumas.

Ela quase riu ao ver a expressão no rosto de Leo. Será que ele realmente se considerava tão forte, a ponto de massacrá-la por completo?

Margo pensou em sua ameaça... quer dizer, pensou na sua promessa de ganhar a custódia completa do filho caso ela lhe fosse infiel. Sim, Leo estava em uma posição mais forte, enquanto a dela era mais fraca, pois Margo sabia que suas palavras sobre desaparecer do mapa não passavam disso: palavras. Palavras vazias. Palavras sem sentido.

Leo sempre a encontraria.

– Sendo assim, quais são as suas condições? – ele perguntou, cruzando os braços.

– Em primeiro lugar, você vai deixar de me ameaçar – disse ela, encarando-o firme.

– O que você chama de "ameaça" eu chamo de "constatação de fatos".

– Não importa – disse ela.

Ele deu de ombros.

– E quais são as outras condições?

Margo estava muito, muito cansada, mas mesmo assim disse:

– Eu quero cuidar sozinha do nosso filho. Não quero babás nem enfermeiras por perto.

Ele fez que sim com a cabeça, dizendo:

– Eu não vou dizer nada quanto a isso. Aliás, eu já disse que quero sua disponibilidade total.

– Mesmo não confiando em mim... nem me respeitando? – perguntou Margo, sem medir as palavras.

Ele trincou os lábios, depois respondeu:

– Eu confio que você será uma boa mãe para o nosso filho.

Mesmo cansada, Margo foi tocada por essas palavras. E o pior era pensar que *nem ela* estava muito certa disso. Será mesmo que seria uma boa mãe para o seu filho? Ela queria ser uma boa mãe, claro que sim, mas nunca teve um bom exemplo em casa. Além do mais, eram tantos os seus arrependimentos quanto a amar uma criança... e perder uma criança.

– O que mais? – perguntou Leo.

– Todas as decisões que tenham a ver com o nosso filho serão tomadas entre nós dois. Eu não quero você impondo nada nesse sentido.

– Parece razoável que a gente converse sobre esse tipo de coisa – disse Leo, fazendo que sim com a cabeça.

Margo deveria elencar mais algumas condições, mas estava sem cabeça para isso. Aquilo tudo era tão novo, tão estranho, tão inacreditável. Ela não tinha a menor ideia de como seria o seu casamento, de como seria a sua *vida*... Mas pelo menos seria segura. E o seu bebê estaria em segurança.

– Ótimo – disse ela, finalmente. – Sendo assim, por agora, eu não tenho mais condições.

– Que bom que chegamos a um acordo – disse Leo. – E não se esqueça que vamos a Atenas hoje à tarde.

– Por outro lado, em algum momento eu terei de ir à França – disse Margo. – Eu preciso pedir demissão do trabalho e liberar o meu apartamento.

Ela engoliu em seco, pois finalmente pensou que estava a ponto de deixar toda a sua vida para trás. A carreira de que tanto se orgulhava. Os amigos que fizera, que eram poucos, é verdade. A casa que montara para viver... seu santuário, seu paraíso, o único lugar em que podia ser ela mesma. Tudo isso desapareceria da sua vida.

Mas valeria a pena. Tinha de valer a pena.

– Quando você estiver bem – disse ele, deixando claro que ela não poderia decidir sozinha quando viajaria –, poderá voltar a França para resolver tudo isso.

O tom imperialista de Leo deixou Margo nervosa.

– Quem você pensa que é? – ela perguntou. – Por que você acha que pode mandar em mim? Fui *eu* quem resolvi vir até aqui, Leo.

– Eu vou dizer quem eu sou... eu sou o seu marido, Margo.

– Ainda não – ela retrucou, conseguindo manter um tom ameno de voz. – E pelo andar da carruagem talvez nunca seja.

Ele deu um passo na direção dela, franzindo os olhos, e perguntou:

– Você está falando sério? Você realmente acha que isso seria possível? Você acha que eu permitiria que fosse embora, carregando um filho meu na barriga? Isso se o filho for meu, claro...

– Ah, chega dessa história, Leo...

– Amanhã a verdade será revelada – disse ele. – Depois, vamos nos casar.

CAPÍTULO 5

ELES NÃO disseram uma única palavra na viagem de cinco horas até Atenas. As mãos de Leo estava coladas ao volante, e ele dava apenas rápidas olhadelas em direção a Margo. Ela estava sentada, com as costas bem eretas e uma das mãos apoiadas na maçaneta da porta, com o rosto pálido, mas sem expressão legível.

Ela parecia um pouco melhor do que no dia anterior, mas continuava com aparência cansada. Margo vestia um suéter de lã magenta que moldava as formas do seu corpo, deixando que ele percebesse todo o peso que ela perdera... embora também já fosse minimamente visível a pequena barriguinha de grávida, na qual ela carregava um bebê... o *seu* bebê.

Ele, claro, insistia no teste de paternidade, embora algo lhe dissesse que sim, o filho era seu. Aliás, Margo não teria concordado tão facilmente com o teste se duvidasse do seu resultado. E como ela poderia ter tanta certeza?

Leo não pensara muito no tal homem que também rondara a vida de Margo. Ele simplesmente tentara arrancar isso da sua mente. No entanto, naquele momento, ele começou a pensar... e chegou à conclusão de que deveria tocar no assunto.

– Esse outro homem – disse ele, abruptamente. – Você continua se encontrando com ele?

Ela o encarou, com um sorriso amarelo nos lábios ao dizer:

– E você acha que eu estaria aqui, se ainda me encontrasse com ele?

– Eu não tenho a menor ideia.

Ela deixou escapar um breve suspiro.

– Não, Leo. Nós não estamos juntos.

– E quando vocês romperam a relação? – ele perguntou.

Ela não disse nada, mas as mãos de Leo parecia ainda mais coladas ao volante, tanto que os nós dos seus dedos estavam começando a ficar brancos.

– Margo... eu não fiz uma pergunta complicada. Eu preciso saber se esse homem poderia estar rondando as nossas vidas, pois você pode ter a certeza que...

– Ah, isso é ridículo – disse ela, fechando os olhos. – Leo, não existe outro homem. Nunca existiu.

Ele girou o rosto para encará-la. Margo continuava de olhos fechados, e abaixou a cabeça.

– E você acha que eu vou acreditar numa história dessas? – ele perguntou.

– Provavelmente não, mas é a mais pura verdade.

– E por que você mentiu para mim? – ele perguntou.

Mais uma vez, ela não respondeu nada, e Leo ficou imaginando se Margo estaria em busca de uma desculpa qualquer.

– Porque... – ela finalmente disse, com voz trêmula e mantendo os olhos fechados. – Porque eu sabia que *só isso* faria com que você se afastasse de mim.

Leo piscou os olhos, quase tão assustado quanto no momento em que ela confessou a suposta infidelidade.

– Você está querendo dizer que minha proposta de casamento era uma ideia tão terrível que precisou mentir para se livrar de mim? – ele perguntou.

– A sua versão é um pouco exagerada, mas sim... eu acho que foi isso o que aconteceu.

Para Leo, a rejeição de Margo era uma punhalada tão assustadora quanto fora a rejeição de seu pai. Ele ficou mudo, sem saber o que dizer.

– O mais estranho é que estamos aqui... a ponto de nos casarmos – ele comentou, passados alguns minutos.

Ela abriu os olhos e o encarou, assustada.

– Sim. Aqui estamos nós.

– Eu não entendo a sua cabeça, Margo.

– Eu sei...

– Se, há quatro meses, a ideia de se casar comigo era tão desagradável, por que você voltou? Não são poucas as crianças que só conhecem um dos pais ou que vivem com pais separados. Você teria dado conta. Eu nunca forçaria um casamento entre nós dois. Nós poderíamos chegar a um acordo de custódia – disse ele, hesitando, mas depois seguindo em frente: – Aliás, nós ainda podemos fazer isso.

– É isso o que você quer fazer?

– Eu não sei – ele respondeu, fazendo que não com a cabeça, tomado por uma torrente de pensamentos que o inquietavam. A rejeição de Margo era muito mais dolorosa do que parecera em um primeiro momento. E sim... ela voltara. Ela escolhera voltar. E eles poderiam encontrar uma maneira de seguir em frente, pelo bem do seu filho.

E a verdade é que ele ainda a desejava...

Por baixo daquela camada de raiva um velho desejo ainda queimava, e com a mesma intensidade de antes.

– Leo... não existe nenhum motivo para que não sejamos amigáveis neste momento, certo?

Ela pousou uma das mãos no braço de Leo, e o toque o atingiu em cheio.

– Nós podemos ser amigos – disse ela. – Um casamento de conveniência não precisa ser um relacionamento frio.

Amigos... isso após Margo ter sido infiel ou ter mentido descaradamente? Amigos... quando ela claramente enxergava o casamento como um *sacrifício*? O desejo que ele sentia não passava disso: desejo... luxúria.

Ele afastou o braço, dizendo:

– Não sei... talvez fosse melhor se mantivéssemos o tom afastado, como se fosse uma espécie de acordo comercial.

Ela passou a olhar para a janela, e perguntou:

– E nós vamos manter esse mesmo acordo comercial na cama?

– Nós nunca tivemos problema nesse aspecto – ele respondeu, mantendo seu desejo físico por Margo afastado de qualquer implicação emocional. – E isso não vai mudar pelo simples fato de estarmos casados.

Eles estavam chegando nos arredores de Atenas, e a Acrópolis já podia ser vista no horizonte. Eles não disseram nada... até o momento em que Leo se aproximou do seu apartamento em Kolonaki.

MARGO NÃO conhecia o apartamento de Leo em Atenas. Era a primeira vez que caminhava entre aqueles cômodos elegantes, no terraço de um edifício do século XIX. A sala de estar e de jantar estavam conectadas, criando um enorme espaço aberto, com sofás de couro, em preto e branco, e mesas cromadas com tampo de vidro.

O único toque de cor da sala era um quadro com manchas verdes e brancas. Ela parou na frente do quadro, imaginando se Leo seria um fã daquele estilo de arte moderna. O quadro deveria ter custado uma fortuna, e ao mesmo tempo parecia pintado por uma criança de cinco anos de idade.

– Trata-se de uma obra de arte pintada pelo meu sobrinho Timon – disse ele, parando bem ao lado de Margo.

– Eu não sabia que você tinha um sobrinho – ela comentou.

Aliás, ela não sabia quase nada sobre Leo. Sim, Margo conhecia as suas preferências na cama, e sabia que tipo de comida ele gostava de pedir por telefone, e também sabia que o jazz era seu estilo musical favorito. Ela sabia que Leo se barbeava com uma lâmina à moda antiga, a sabia a colônia que ele utilizava logo após se barbear. Ela o conhecia como amante, mas não como alguém que amava... não como um marido.

– Sim, é filho da minha irmã.

– E um artista em potencial, certo? – ela perguntou, apontando para a tela.

– Pode ser... e com apenas três anos – comentou Leo.

Margo deixou escapar uma risada de surpresa.

– Eu estava pensando que esse desenho poderia ter sido feito por uma criança de cinco anos... e que poderia ter custado uma fortuna.

– Para a minha sorte, não custou um único centavo – disse ele. – A minha decoradora queria que eu gastasse centenas de euros em uma atrocidade moderna, mas eu lhe disse que meu sobrinho poderia fazer algo melhor. E ele fez. – Leo ficou olhando para o quadro. – Na verdade, eu gosto muito desse quadro. Deveriam ser oliveiras em plena floração, na primavera...

– Eu também gosto – disse Margo. – Especialmente agora, quando sei que foi feito pelo seu sobrinho.

Por um momento, nada mais que um momento, ele se sentiu como gostaria de se sentir... Leo se sentiu repentinamente relaxado, tranquilo... E um sorriso se desenhava nos seus lábios enquanto

ele observava o quadro. Margo, por sua vez, imaginou que os dois, fazendo um esforço, poderiam conseguir alcançar um esboço de casamento feliz.

Mas Leo girou o corpo, dizendo:

– Eu vou colocar as suas coisas no quarto de hóspedes. Se quiser, tome um banho, pois temos de ir ao médico.

O quarto de hóspedes era tão suntuoso quanto o resto da casa, com uma enorme cama king size coberta com lençol de seda cor de creme e uma suíte com banheira de mármore. Margo ficou com vontade de tomar um banho e descansar um pouco, mas sabia que Leo a estava esperando, e isso a deixou muito tensa para relaxar, sobretudo mergulhada em um banho de espuma.

Margo lavou o rosto e as mãos, depois retocou sua maquiagem, querendo sobretudo mascarar as olheiras profundas, passando também um batom nos lábios.

– Você já comeu hoje? – perguntou Leo, do outro lado da porta. – A Maria me disse que você não jantou ontem nem tomou café esta manhã.

Quer dizer que Maria era uma espiã?

Margo tentou não se chatear com isso, e respondeu:

– Eu não consigo comer muita coisa.

Depois respirou fundo e abriu a porta.

Leo estava de pé, bem à sua frente.

– Você precisa recuperar forças – disse ele.

– Eu gostaria, Leo, mas não consigo manter nada parado no estômago.

– E o remédio que você está tomando não ajuda? – ele perguntou.

– Ajuda – respondeu Margo –, mas eu preciso ser cuidadosa. – E tentou esboçar um sorriso. – Eu já comi um punhado de biscoitos de maizena, pois é a única coisa que o meu estômago consegue aguentar.

– Biscoito de maizena? – ele perguntou.

Margo deu de ombros.

– O meu médico disse que eu me sentiria melhor em pouco tempo.

– Aliás, você está grávida de quantas semanas?

– Dezessete – ela respondeu. – O bebê deve nascer no final de abril.

Ele pareceu assustado ao ouvir isso, e Margo ficou pensando se naquele momento o bebê finalmente começava a se concretizar na mente de Leo.

No entanto, tudo o que ele disse foi:

– Vamos? Está na hora.

– Eu vou pegar o meu casaco – disse Margo.

Leo insistiu em ir ao médico de carro, embora fosse muito perto da sua casa.

– Você parece a ponto de ser derrubada por uma leve rajada de vento – disse ele, e Margo pensou que essas palavras poderiam ser encaradas como um comando ou uma crítica.

O consultório do médico era opulento e bem decorado, e eles foram rapidamente atendidos. Margo se sentia envergonhada e exposta com Leo na mesma sala.

Na verdade, era uma médica. Uma mulher bonita, com cabelos escuros e educada.

– Você gostaria de uma consulta privada? – perguntou a médica, em perfeito inglês.

Leo pareceu assustado, ele certamente não esperava ouvir uma coisa dessas.

– Não – respondeu Margo. – Pode se sentar, Leo.

E ele se sentou, sem dizer uma palavra.

– Vamos dar uma olhada – disse a mulher, que se apresentou como a doutora Tallos, dando uma lida no formulário que Margo preenchera na sala de espera. – Você calcula estar grávida de dezessete semanas, certo? Você já fez uma ultrassonografia?

– Ainda não. Eu marquei uma para quando completasse vinte semanas de gravidez.

– Certo, mas vamos fazer uma hoje. Só para termos certeza de que está tudo bem – disse a doutora Tallos. – Se você concordar, claro...

Um temor de medo e excitação tomou conta de Margo, que respondeu:

– Vamos fazer sim, tudo bem.

– Sendo assim, vamos fazer agora. Será o nosso primeiro passo – disse a médica.

– E quanto ao teste de paternidade? – perguntou Leo, e a médica franziu a testa ao ver que Margo ficara corada.

– Nós podemos fazer o teste de paternidade com um simples exame de sangue. Eu vou colher sangue dos dois, mas antes vamos ver se o bebê está saudável – disse a médica, erguendo as sobrancelhas ao olhar para Leo. – Se você concordar, claro...

Leo ficou levemente corado, e Margo quase sentiu pena dele. Aquela médica não conhecia a história confusa deles dois.

– Tudo bem – disse Leo, recostando-se na cadeira.

Uma enfermeira entrou na sala, carregando uma série de fios, e Margo se deitou em uma cama.

– Posso? – perguntou a médica, erguendo seu vestido até a altura dos seios, expondo seu ventre.

Naquele momento, Margo se sentiu fortemente exposta, deitada, com o ventre à mostra. Ela não olhou para Leo, mas podia sentir sua presença, sua tensão.

– Você vai sentir um pouco de frio – disse a médica.

E o que ela sentiu não foi um toque frio, mas gélido, e tremeu.

– Vamos lá – disse a médica, pressionando o aparelho no ventre de Margo.

– Parece que está doendo – comentou Leo, e Margo e a médica olharam para ele, surpresas.

– Está tudo bem, Leo – disse Margo.

– Encontrei – disse a médica, e os dois olharam para a tela, que estampava manchas disformes.

A médica apontou para um canto, dizendo:

– Isso é a cabeça, aqui o estômago, e aqui os dedos... viram? Ele não para de se mexer... você nota? – ela perguntou a Margo.

– Ainda não – respondeu Margo.

– Não se preocupe, você começará a sentir em algumas semanas. E isso é o coração batendo. – E apontou para uma mancha pulsante na tela. – Eu vou aumentar o volume para vocês escutarem.

Ela girou um botão e a sala foi tomada por um barulho alto, por batidas galopantes. Leo e Margo ficaram de boca aberta.

– Eu nunca ouvi nada parecido – disse ele baixinho.

Leo parecia assombrado, como se alguém tivesse lhe dado um soco, deixando-o tonto. Aquilo tudo era *tão* real...

– O bebê parece ter mesmo dezesseis semanas, como você disse – comentou a médica. – Está tudo bem. Ainda é cedo para vermos o sexo, mas vamos marcar uma ultra para quando você completar vinte semanas. Agora... pode se arrumar e vamos fazer o exame de sangue. – A médica olhou para Leo, erguendo as sobrancelhas, e perguntou: – Ainda é necessário, certo?

Ele hesitou, mas Margo respondeu:

– Sim, é necessário.

Ela não queria continuar convivendo com a dúvida de Leo.

Quinze minutos mais tarde, eles saíram do consultório médico. O teste ficaria pronto no dia seguinte.

– Espere – disse Leo, parando e entrando em uma delicatéssen gourmet.

Margo ficou parada à porta, sentindo um vento frio no rosto.

– Biscoito de maizena – disse ele, e Margo quase foi às lágrimas. – É isso o que você come, certo... Mas que cara é essa?

– Não foi nada – disse ela. – Acho que fiquei um pouco sensível por conta da gravidez. E estar no consultório dessa médica... ouvir as batidas do coração...

Leo franziu a testa.

– Isso foi bom, certo?

– Sim, claro que foi.

No entanto, ouvir aquelas batidas de coração também a assustou. E se da próxima vez só ouvisse um silêncio retumbante? Ela estava acostumada a pensar, viver e esperar sempre pelo pior. No entanto, não aguentaria um novo baque em sua vida.

– Toma – disse ele, saindo da loja. – Coma alguma coisa. Você se sentirá melhor.

Mas a gentileza de Leo só fazia com que ela se sentisse pior. Ela lhe afirmara que queria um casamento amigável, mas algo lhe dizia que seria mais fácil lidar com um Leo frio, distante. Aquele tipo de gentileza a fazia mal, pois era uma lembrança de tudo o que poderiam ter vivido juntos... mas não viveram, e tudo por que ela se recusara a se arriscar.

No entanto, era tarde demais para arrependimentos, disse ela, pegando um biscoito e mordendo, obediente.

LEO FICOU observando Margo comer até o último pedaço do último biscoito, e percebeu que o seu rosto, embora ainda demonstrasse certo cansaço, parecia menos abatido e menos pálido.

Ele não queria fazê-la chorar. Leo ficou verdadeiramente preocupado durante o exame, imaginando que a médica fazia com que Margo sentisse dor, mas aquilo era pior. Vê-la a ponto de cair no choro era terrível.

Nos quatro meses anteriores, ele fizera de tudo para se esquecer de Margo. E era estranho pensar que estava a ponto de *se casar* com ela!

No entanto, por outro lado, o importante era saber que ela voltara, fossem quais fossem seus motivos...

Mas ela me rejeitou um dia... será que não rejeitaria novamente?

Analisando tudo isso, Leo decidiu que chegara o momento de ser amigável. Amigável, nada mais. Era hora de parar com as ameaças e punições.

– Nós deveríamos voltar para casa – disse ele. – Você precisa de um descanso. E eu preciso pensar nas papeladas para o casamento.

– Casamento? Já...?

– Nós vamos nos casar amanhã à tarde, em um cartório aqui de Atenas – disse ele. – Dependendo do resultado do exame de paternidade, claro – ele esclareceu. – Aliás, pensando nas suas circunstâncias, eu imaginei que não estaria disposta a encarar uma igreja, vestida de noiva, certo?

– Você é *realmente* tão antiquado e chauvinista, Leo?

– Nós vamos nos casar pelo bem dessa criança, Margo – ele respondeu. – Isso não tem nada a ver com amor nem com vontade de passar a vida um ao lado do outro. Um casamento na igreja seria uma piada...

– E um vestido de noiva também, certo? – ela perguntou.

– Eu não estou criticando você, Margo – disse Leo. – Trata-se simplesmente de um fato. Eu estou refletindo a realidade do nosso casamento.

– Tudo bem – respondeu Margo, com os olhos cheios de lágrimas, ardendo. – Tudo bem – ela repetiu, jogando o último pedaço de biscoito de maizena no lixo e se aproximando do carro de Leo.

CAPÍTULO 6

PARA MARGO, dormir seria impossível, e por isso ela ficou vagando pelo quarto de hóspedes durante horas, até finalmente desistir de sentir sono. O problema não era a cama... uma das mais confortáveis que ela já experimentara. Por outro lado, ela estava cansada, exausta. Tanto que sua mente não conseguia chegar a nenhuma conclusão sobre os vários assuntos que a rondavam.

Ela resolveu pegar a camisola e a caixa de chá de gengibre que trouxera de casa, a única coisa que o seu estômago parecia aceitar sem reclamação. Saindo do quarto na ponta dos pés, sem querer despertar Leo, ela seguiu em direção à cozinha.

O resto do dia passou sem nada interessante: ela acabou tirando uma soneca, depois tomou um banho, enquanto Leo trabalhou em seu escritório. Perto da hora do jantar, ele bateu à sua porta e lhe avisou que estava pensando em pedir comida pelo telefone, e aproveitou para perguntar do que ela gostava.

Isso a fez se lembrar dos fins de semana que passaram juntos em hotéis, sempre bebendo champanhe e comendo comida comprada pronta... além de fazerem amor, claro. Eram fins de semana fora da realidade, dias preciosos em sua vida. Só naqueles fins de semana ela se sentia realmente viva, como nunca se sentira antes... e nunca voltara a se sentir.

Naqueles fins de semana, ela parecia livre da sensação de ser uma mulher eternamente vulnerável no lado emocional.

Quanta bobagem... e o pior é que ela continuava bancando a boba, pois a cada minuto ao lado de Leo se sentia ainda mais assustada, mais amedrontada.

O jantar daquela noite, aliás, foi completamente diferente das refeições dos antigos finais de semana.

Eles se sentaram na enorme mesa da sala de jantar. Margo comeu um prato de massa e Leo *souvlaki*, aproveitando o tempo para responder alguns e-mails em seu smartphone. Eles não trocaram uma palavra.

Teria sido diferente se ela tivesse concordado com a proposta de casamento de Leo? Ou os dois terminariam da mesma maneira, pois a verdade é que não se amavam? Leo, pelo menos, *não* a amava. E o que ela sentia por Leo não passava de uma frivolidade, algo sem raízes.

A verdade é que ela nunca se permitiu amá-lo verdadeiramente, pois amar poderia significar uma abertura à dor e à perda. Ela sabia que as pessoas se abandonam uma às outras. E não lhe faltavam experiências. Sua Mãe. Seus pais adotivos. Sua irmã. *Meu Deus, a sua irmã...*

Margo fechou os olhos e tentou se esquecer de tantas lembranças dolorosas.

Leo não a abandonaria, a sua honra não permitiria. E quanto ao seu filho... Ela pousou a mão no ventre e fechou os olhos.

Fique bem, meu pequeno... seja forte!

E tomou uma xícara de chá de gengibre, depois se aproximou de uma janela da sala de estar. As ruas da cidade estavam iluminadas e a lua era enorme no céu. A distância era possível ver a Acrópole com seus edifícios antigos coroando a cidade.

Ela tomou mais um gole do chá e tentou driblar os pensamentos que tomavam conta da sua mente, mas eles pareciam uma tempestade avassaladora, indomáveis. Ela fechou os olhos e se recostou na moldura da janela, tentando não pensar em nada.

– Está tudo bem?

Margo abriu os olhos e viu Leo na porta da sala, vestindo a parte de baixo do pijama e nu da cintura para cima. Ao ver seu peito musculoso, lindo, com os pelos negros desaparecendo na cintura do pijama, ela sentiu seu coração acelerar. Ela sabia o quanto aquela pele era deliciosa... e se lembrou do momento em que seus dedos o tocaram.

Margo o encarou, engoliu em seco e respondeu:

– Eu não conseguia dormir. Resolvi preparar um chá para me acalmar. Sinto muito se perturbei o seu sono.

– Eu também não estava conseguindo dormir – disse ele, aproximando-se de Margo. – Mas por que você não conseguiu dormir? – perguntou Leo, em tom de voz baixo.

– E você? – ela devolveu a pergunta.

– São muitas novidades para serem processadas ao mesmo tempo – ele respondeu. – Um bebê, o nosso casamento... há meras 48 horas eu não pensava em nada disso.

– É verdade... e eu tive mais tempo para me acostumar com a ideia.

Ele a observou por um bom tempo, depois tocou inesperadamente os pés de Margo.

– Os seus pés estão frios – ele comentou, tapando-os entre as suas pernas, como fazia sempre que passavam finais de semana juntos.

Margo ficou paralisada, em choque, sem saber o que fazer.

– Quando você descobriu que estava grávida, como foi? – ele perguntou. – Como você se sentiu?

Margo ficou tensa, tentando imaginar se a pergunta poderia ser uma espécie de armadilha.

– Por que você está me perguntando isso?

– Eu quero saber, nada mais. Pura curiosidade. Algo me diz que eu perdi uma parte importante do processo.

– Eu estou grávida de apenas quatro meses, Leo – disse Margo, mais tranquila, ao saber que não se tratava de uma pergunta ardilosa. A voz de Leo era sincera. – No início, eu não tinha a menor ideia. Eu estava tomando pílula, como você sabe. E nunca deixei de tomar, nenhum dia...

– Sendo assim, como ficou grávida? – ele perguntou.

– No dia seguinte... – Ela engoliu em seco, sentindo que suas bochechas ficavam coradas. – No dia seguinte, eu tomei a pílula três horas mais tarde do que o normal.

– E isso foi o suficiente para que não funcionasse como deveria? – perguntou Leo.

Com um sorriso nervoso, ela respondeu:

– Aparentemente, esse tipo de pílula deve ser tomado todos os dias em uma hora exata... mas eu só fiquei sabendo desse detalhe quando já era tarde demais.

– Você deve ter ficado em choque.

– Eu fiquei completamente perdida. Eu... não sabia o que fazer – ela admitiu, embora tenha ficado com medo de qual seria a reação de Leo ao ouvir tal confissão.

– Isso é perfeitamente compreensível – disse ele.

– Por um bom tempo, eu fiquei assim, perdida. E logo depois comecei a me sentir tão mal que só conseguia me arrastar de um lado a outro. Quando fui ao médico, perguntar sobre as náuseas que sentia... ele me disse que isso seria um reflexo de um bebê saudável. Um bebê que "veio para ficar", foi o que ele disse. E, também segundo ele, eu me sentia mal por conta do medo.

De repente, ela percebeu que poderia estar revelando coisas demais. Mas a verdade é que nunca fora tão franca com ninguém sobre o assunto... e sentiu vontade de se abrir.

– Medo? – ele perguntou, franzindo a testa. – Do que você sentia medo?

De tantas coisas...

– De como seria o meu futuro – ela respondeu. – De como isso funcionaria. E também de como você encararia a novidade... claro.

– E por isso resolveu pedir que eu me casasse com você? – ele perguntou. – Eu continuo sem entender isso, Margo.

Ela engoliu em seco.

– Eu cresci sem a presença de um pai – disse ela, após uma breve pausa. – E eu não queria o mesmo para o meu filho.

– Eu não sei nada sobre a sua infância... – ele comentou, após um segundo em silêncio.

– Nós nunca compartilhamos muitas confidências durante o nosso...

– Nosso caso? – ele sugeriu.

– Exatamente – concordou Margo.

– Você resolveu ter esse bebê – ele comentou, medindo as palavras e falando em tom baixo e calmo.

Ela ergueu o rosto, encarando-o, antes de responder:

– Sim. Foi isso o que eu decidi.

– Quer dizer que você mudou muito nesse sentido, certo?

– Mudei – ela respondeu, fazendo que sim e respirando fundo.

– Por quê?

Ela o encarou, sem saber o que dizer, mas logo depois disse, pisando em ovos:

– Eu não queria ter filhos porque sentia medo... sentia medo de amar alguém... e de perder essa pessoa... ou medo de que desse tudo errado. Criar um filho é uma responsabilidade enorme, Leo. A maior de todas as responsabilidades.

– Mas agora você acredita estar preparada?

– Com a sua ajuda...

Porém, lá no fundo, ela sabia que ainda não estava preparada... nem remotamente preparada, na verdade.

– Eu vou te ajudar, Margo – disse ele. – Nós vamos conseguir. Juntos, nós vamos conseguir.

Ela sorriu e engoliu as lágrimas que queriam se formar no fundo dos seus olhos. Margo queria acreditar nele. E quase acreditou...

– Espero que o chá ajude, e que você consiga relaxar e dormir – disse ele.

Margo percebeu que Leo iria embora, e sentiu vontade de pedir que ficasse por ali.

– Leo... obrigada – disse ela, com voz trêmula e suave.

Ele parou e olhou para ela, surpreso.

– Você está me agradecendo por quê?

– Por ser tão... gentil.

Ele deixou escapar uma risada nervosa, depois disse:

– Eu não considero que fui muito gentil com você, Margo.

– Eu sei que você ficou com raiva. E você estava achando que eu era uma traidora... e talvez continue achando. No entanto, mesmo assim, você aceitou se casar comigo... e demonstrou preocupação com o meu bem-estar. Eu admiro tudo isso.

Ele a ficou observando por um bom tempo, depois se levantou e disse:

– Não foi nada, na verdade.

– Mas ainda assim eu me sinto grata.

Ele parecia querer dizer alguma coisa, mas hesitou... e antes de ir embora disse apenas:

– Durma um pouco, Margo.

Depois voltou à escuridão do seu quarto.

LEO SE deitou em sua cama e ficou olhando para o teto, sem sono. Acontecera muita coisa naquele dia, ele não sabia muito bem como lidar com tanta informação.

Seria mais fácil se voltasse a se aproximar de Margo... se decidisse voltar a amar aquela mulher.

Se quisesse ser novamente rejeitado, o que era uma possibilidade sempre presente.

Leo não sabia o que era, mas a mesma coisa que, meses antes, mantivera Margo longe dele, continuava presente. Ela parecia vulnerável, temerosa... ainda que fosse uma mulher com aparência de confiante e sofisticada, e isso o chocava.

O mais estranho era pensar que, no dia seguinte, ele se casaria com essa mesma mulher.

O resultado do teste de paternidade seria uma mera formalidade. Ele sabia que o bebê era seu. Ele conhecia Margo e percebera que ela estava sendo sincera. Com um bebê, e casados, quem sabe eles não construiriam algo juntos? Poderia não ser uma grande paixão, mas algo bom, real e sólido.

No entanto, Leo se lembrou da recusa de Margo em se casar com ele...

Leo passou sua infância inteira em busca de reconhecimento por parte do pai. Porém, Evangelos Marakaios só pensava em seus negócios, e só tinha olhos para o filho mais velho. Na sua mente, Leo não passava de um reserva... um menino irrelevante, inútil, desnecessário.

Com um passado assim, ele seria capaz de confiar no que o futuro *poderia* lhe trazer?

Há seis meses, tudo mudara em sua vida. Seu irmão mais velho, Antonios, finalmente lhe contara toda a verdade. E a verdade é que Evangelos, o pai deles dois, fizera muitas coisas erradas no comando da empresa. Aceitara investimentos ilegais e estava afogado em dívidas. E Antonios passou dez anos escondendo isso de Leo, da mesma maneira como seu pai escondera tudo dos dois filhos.

E Antonios só resolveu lhe contar toda a verdade graças à insistência de Lindsay, sua esposa, além dos ataques de fúria de Leo, que farejava alguma coisa.

Leo ficou feliz em conhecer toda a verdade, mas também furioso ao descobrir que seu pai e seu irmão passaram a vida inteira mentindo para ele.

A mensagem era que Leo não seria confiável aos olhos de seus próprios familiares... por isso era tão complicado amar seu pai ou seu irmão.

E, naquele momento, ele precisaria aprender a amar uma mulher que se transformaria na sua esposa!

Ele deixou escapar um suspiro e fechou os olhos. Estava cansado de pensar em Margo e em toda aquela história. Ele precisava dormir.

De uma coisa, Leo estava certo: aquele casamento deveria ser uma questão burocrática e conveniente. Nada mais do que isso. Além de amigável, claro.

Burocrática, conveniente e amigável.

E nada mais.

CAPÍTULO 7

Se as noivas costumam ser mulheres radiantes no dia do seu casamento, Margo não poderia ser classificada como uma noiva típica. Ela continuava se sentindo exausta... mas se casaria naquela mesma tarde.

Suspirando, passou uma escova em seus cabelos negros e ficou pensando em qual das duas roupas que havia em sua mala seria mais adequada para se casar? Um vestido de malha ou uma calça jeans?

Ela não sonhava em se casar vestida de branco, como Leo sugerira no dia anterior, mas casar-se com qualquer uma daquelas roupas seria patético...

Margo prendeu os cabelos em um rabo de cavalo e foi atrás de Leo.

Ele estava na cozinha, cujas janelas se abriam ao pequeno jardim nos fundos da casa.

Leo preparara o café da manhã: torrada, café, iogurte e fruta.

– Eu imagino que você não vai conseguir comer nada disso – ele comentou. – Mas preparei mesmo assim, pois nunca se sabe...

– Obrigada – murmurou Margo, sentando-se.

Ela colocou um pedaço de fruta e um pouco de iogurte em uma tigela.

Leo se levantou da mesa e ofereceu a Margo uma xícara de chá de gengibre.

– O que... – ela perguntou, surpresa.

– Você deixou a caixa de chá aqui na cozinha. Imagino que isso consiga tomar, certo?

– É a única coisa que meu estômago não rejeita.

– Além dos biscoitos de maizena, certo?

– Certo.

Ela tomou um gole de chá, tentando se acalmar, e então perguntou:

– Por que você está fazendo isso, Leo?

– Isso o quê?

– Isso – ela fez um gesto em direção à mesa de café. – Você está se demonstrando tão...

– E isso é ruim? – ele perguntou.

– Não, mas...

– Eu não quero viver em uma eterna luta, Margo. Isso não seria bom para nós dois nem para o nosso bebê. – Ele hesitou, depois disse: – Ligaram do consultório médico hoje cedo, com os resultados do exame de paternidade.

– Então você já sabe? – ela perguntou.

– E você sempre soube, certo?

– Eu disse que não poderia ser de outra pessoa, Leo.

– Eu acredito em você.

No entanto, ele não parecia muito animado, e Margo ficou pensando se a notícia o deixara assim, um pouco triste.

– O casamento será na prefeitura, às duas horas – disse ele, após uma pausa. – Depois, nós poderíamos voltar para casa.

– Tudo bem – ela concordou.

Ela nunca imaginou que se casaria dessa maneira... em uma cerimônia fria, sem convidados... Aliás, a verdade é que ela nunca imaginou que um dia se casaria. Margo estava certa de que passaria o resto da vida sozinha, como vinha vivendo desde os doze anos de idade, quando perdera tudo o que lhe restava. *Quando perdera Annelise*.

Leo olhou para o vestido que Margo usava há dois dias, depois perguntou:

– Você tem roupa para o casamento?

– Eu não planejava me casar hoje – disse ela. – Eu trouxe isto e tenho uma calça jeans.

Ele franziu a testa, tomou um gole de café, e sugeriu:

– Vamos fazer compras agora? Você estaria disposta?

Ela simplesmente fez que sim com a cabeça, embora a gentileza de Leo a ferisse de alguma maneira.

Meia hora mais tarde, estavam descendo a rua Voukourestiou, onde havia várias boutiques caras. Leo pediu que ela entrasse na primeira delas, uma loja linda, ampla, muito bem decorada.

Margo ficou olhando para tudo aquilo de boca aberta... pois não tinha a menor ideia de que vestido escolheria para o dia do seu casamento. No entanto, aquele seria um casamento burocrático, ela disse a si mesma. E ao ver um terninho cinza, lá no fundo da loja, apontou e perguntou:

– Que tal aquele?

Leo franziu a testa, respondendo:

– Não me parece a roupa adequada para um casamento.

Ele apontou para um vestido creme cravejado de cristais.

– O que você acha daquele? – perguntou Leo.

Era um vestido muito feminino, com muito detalhe... e não combinava com o seu guarda-roupa habitual.

Margo hesitou, pois não queria se sentir fantasiada... mas finalmente concordou:

– Tudo bem, eu vou experimentar.

Logo depois, ela se olhou no espelho, surpresa ao perceber que o vestido parecia perfeito.

– E então? – perguntou Leo.

– Você não deveria me ver com o vestido antes da cerimônia – disse ela. – No entanto, saiba que gostei.

Ela se ofereceu para pagar, mas Leo não aceitou. Claro que ele não aceitaria. Ele sempre fora assim, nunca deixava que ela pagasse nada.

Mas aquilo era diferente. Aquele seria o seu vestido de casamento... seria o marco do início de uma nova vida, uma vida intimamente ligada à vida de Leo.

– Nós deveríamos voltar ao apartamento – disse ele, pegando a bolsa do vestido. – Você precisa descansar antes da cerimônia.

POUCAS HORAS mais tarde, o estômago de Margo dava voltas graças a um tipo bem diferente de náusea, causada pelo nervosismo. Ela estava de banho tomado, já com o vestido novo no corpo, de salto alto nos pés, com os cabelos presos em um elegante coque. O vestido disfarçava sua leve barriguinha de grávida, e ela ficou satisfeita ao perceber isso.

– Está pronta? – perguntou Leo, e ela se olhou mais uma vez no espelho.

Em menos de uma hora, ela estaria casada. E juraria amar Leo para sempre...

– Estou indo – disse Margo.

Leo arregalou os olhos ao vê-la pronta para o casamento.

– Você está muito bem – disse ele.

Foi um elogio um tanto estranho, raquítico... mas ela gostou e ficou levemente corada.

– Você também – disse ela, e estava falando sério.

Ele vestia um terno cinza, perfeito para o seu corpo, além de uma gravata em tom prateado.

– Vamos para a prefeitura – disse ele. – Depois, poderíamos sair diretamente de lá. Eu preciso voltar para casa, para trabalhar.

Margo fez que sim com a cabeça. Por mais lindo que ele estivesse, aquele casamento continuava a ser um acordo burocrático.

– Eu vou pegar minha bolsa.

Eles seguiram em silêncio até a prefeitura. A tensão era palpável entre os dois. Ela sabia que a cerimônia civil seria breve e simples, mas ainda assim estava assustada com tudo o que prometeria ao lado de Leo. Promessas que fariam para si mesma. Para o seu bebê. Promessas que ela pretendia manter. E seu coração disparou. Aquele seria um caminho sem retorno.

A prefeitura de Atenas ficava em um lindo edifício, bem no centro da cidade.

Poucas pessoas entraram na sala reservada para o casamento deles dois. Leo pedira a dois empregados de sua empresa que comparecessem como testemunhas. E claro que aquelas pessoas não entendiam muito bem o casamento repentino do chefe. Por sorte, a barriga de Margo estava bem escondida embaixo do vestido.

O oficiante pigarreou e deu início à cerimônia. Em poucos minutos, estava tudo encerrado. Margo só precisou dizer uma palavra.

Leo deslizou uma aliança de ouro no seu dedo, e ela ficou olhando para a aliança, surpresa.

– Quando você...?

– Chegou pelo correio – ele respondeu, e Margo ficou pensando que uma terceira pessoa deve ter comprado as alianças.

Aliás, ela deveria começar a se acostumar com esse tipo de coisa. Se Margo não queria romance, não deveria esperar por nada parecido vindo da parte dele.

E o fato de Leo não a ter beijado na cerimônia de casamento também deveria ser visto com naturalidade. As coisas seriam assim...

Eles saíram do edifício da prefeitura e seguiram em direção ao carro.

O dia estava ensolarado.

Margo e Leo eram marido e mulher, mas não disseram nada, nenhuma palavra a respeito disso.

LEO DIRIGIU em silêncio por quase uma hora. Na sua mente, surgiam pensamentos que ele preferia não verbalizar. A cerimônia fora breve e simples, exatamente como ele queria que fosse, mas de alguma maneira sentia que estava decepcionando Margo... e decepcionando a si mesmo.

Claro que não seria adequado marcar um casamento na igreja, mas ainda assim... aquela fora uma cerimônia muito simples para um passo tão grande em suas vidas.

Ele olhou para a aliança no seu dedo. Estava *casado*... Era marido de Margo, com responsabilidades frente à esposa e ao filho. Responsabilidades que aceitava de bom grado, mas com grande preocupação.

E uma das preocupações era como apresentar Margo à sua família. E imediatamente pensou que Xanthe e Ava, duas de suas irmãs, viviam na mesma propriedade que ele, e certamente especulariam sobre o irmão ter levado à casa, sem aviso prévio, uma esposa grávida.

Seu irmão mais velho, Antonios, fez quase a mesma coisa... voltando de uma viagem aos Estados Unidos com uma noiva inesperada, Lindsay. Claro que Antonios fizera de tudo para que a recepção de Lindsay fosse a melhor possível, mas essa mulher certamente passou por maus momentos... e nem estava grávida!

Ele não queria que Margo passasse pela mesma situação.

Trincando os dedos sobre o volante, ele olhou para Margo e disse:

– As minhas irmãs estarão em casa quando chegarmos por lá...

– Irmãs? Eu nem sabia que você tinha irmãs.

– Três, e um irmão.

– Seu irmão eu conheço. Ele foi o presidente das empresas antes de você, certo?

– Foi... E duas das minhas irmãs moram por lá. Elas vão querer te conhecer.

– Mas elas não estavam por lá ontem, certo?

– Não. Elas estavam na casa de Parthenope, minha outra irmã, que mora em Patras, com sua família.

– A mãe de Timon?

– Exatamente.

Margo deixou escapar um suspiro, depois perguntou:

– E os seus pais?

– Estão mortos.

– Eu sinto muito... Desde quando?

– Meu pai morreu há dez anos. Minha mãe, há seis meses.

– Nós estávamos juntos quando ela morreu... – comentou Margo.

– Estávamos – ele confirmou.

E Leo não lhe dissera nada. No entanto, havia tanta coisa a ser dita...

– E elas não vão gostar muito da ideia, certo? – perguntou Margo. – Elas vão estranhar o fato de você voltar para casa com uma esposa grávida...

– Elas ficarão surpresas – disse ele.

Margo deixou escapar uma risada nervosa.

– Pode ser... Mas elas ao menos sabiam que você... que você...

– Não – ele respondeu. – Eu nunca contei a ninguém sobre o que acontecia entre nós dois.

– Mas ainda assim me pediu em casamento? – perguntou Margo.

– Eu sei... – ele hesitou, mas logo seguiu em frente: – Eu sei que a minha proposta deve ter parecido surpreendente, um choque.

– E foi. – Ela respirou fundo. – Por que... por que você me pediu em casamento, Leo, se não me amava?

– Porque me parecia o momento certo para me casar. Eu tinha acabado de ser empossado chefe das empresas... precisava de um herdeiro, precisava de estabilidade. E nós estávamos juntos...

– Seria conveniente? – ela perguntou. – Porque agora é isso... conveniente...

– Seja lá como for – disse Leo –, eu quero ter a certeza de que você será aceita pela minha família. Você será a chefe da casa, e terá todo o meu apoio...

– Eu não quero atrapalhar a vida de ninguém.

– Como minha esposa, você tem um papel...

– Eu sei – disse Margo, recostando a cabeça no assento e fechando os olhos. – Eu sei. E pretendo estar à altura desse desafio, pode ter certeza disso. Eu juro. Mas... eu preciso de um tempo... por favor...

– E quanto à sua família? – ele perguntou, decidindo que seria mais inteligente e seguro mudar de assunto. – Você gostaria de contar a novidade a alguém? Se quiser, pode convidar para que venham aqui...

– Não – ela respondeu imediatamente. – Eu não quero que ninguém venha aqui.

– Nem os seus pais? – ele insistiu. – A sua mãe, pelo menos...

– Eu não vejo minha mãe desde os meus doze anos de idade.

– Sério?

Ele já notara algo estranho em Margo sempre que tocavam no assunto do seu passado, mas ela sabia esconder muito bem qualquer tipo de detalhe.

– Por que não? – ele perguntou.

– Ela não foi uma mãe muito habilidosa – respondeu Margo, escolhendo as palavras e ao mesmo tempo deixando claro que não estava disposta a dar mais detalhes sobre o assunto.

– Sinto muito – disse ele.

– Não se preocupe – ela comentou, baixando a cabeça, e por um momento ele sentiu uma vontade quase incontrolável de parar o carro e tomá-la nos braços, pois queria fazer com que Margo se sentisse melhor.

Mas ela voltou a levantar a cabeça e recuperou rapidamente a compostura, como se nada tivesse acontecido.

E os dois não disseram mais quase nada até chegarem a Amfissa.

CAPÍTULO 8

MARGO FEZ de tudo para relaxar assim que Leo começou a manobrar para entrar na propriedade dos Marakaios. Ela já estivera por lá. No entanto, o que antes era uma casa impressionante, passaria a ser a sua casa.

Quando ele parou o carro, ela percebeu os demais edifícios existentes por ali. Aquilo era um verdadeiro complexo, quase uma cidade em miniatura.

– Que prédios são esses? – ela perguntou.

– O meu escritório, uma casa de hóspedes, uma casa para os funcionários, além de uma casa privativa... onde eu costumava morar antes de me mudar para a casa principal.

– E quando você se mudou?

– Quando virei presidente das empresas.

Esse momento parecia ser vital na carreira de Leo. Aliás, ele mesmo confirmou que resolvera lhe pedir em casamento ao se tornar chefe das empresas familiares.

– E por que o seu irmão abandonou o posto?

– Ele queria trabalhar com investimentos – respondeu Leo, e a tensão em seu tom de voz fez com que Margo imaginasse haver algo mais. Ela sabia tão pouco sobre aquele homem... sobre o seu *marido*. Mal conhecia sua vida, sua família.

E alguns familiares estavam chegando em casa... duas mulheres altas, morenas, tão lindas quanto o irmão. Margo ficou imediatamente intimidada por elas.

Quando Leo saiu do carro, a irmã que estava mais próxima lhe soltou uma torrente de palavras em grego, com as mãos pousadas na cintura. Ao longe, Margo ficou tentando imaginar sobre o que estariam conversando.

Leo se aproximou da porta do carona e estendeu uma das mãos para ajudar Margo a se levantar.

Ainda com o vestido de casamento, ela saiu do carro. As duas irmãs apareceram de repente do seu lado, ofegantes.

– *Kalispera* – disse Margo, com um sorriso amarelo estampado no rosto.

Uma das irmãs olhou para Leo e começou a falar em grego, a toda a velocidade.

Leo ergueu umas das mãos, silenciando a irmã.

– Fale em inglês, por favor – disse ele. – Você é perfeitamente capaz de falar nessa língua, e a minha esposa não entende grego.

– A sua *esposa*... – disse Xanthe, ficando de boca aberta.

– Sim. A minha esposa – ele confirmou. – Nós nos casamos hoje, como você pode ver, e nosso filho nascerá em alguns meses. Xanthe, Ava... esta é Margo Ferrars, agora Margo Marakaios.

E Margo voltou a estampar o mesmo sorriso amarelo no rosto.

– É um prazer conhecer vocês duas – disse ela, e as duas irmãs acenaram com a cabeça, perdidas. No entanto, Margo entendia a reação daquelas mulheres, que estariam completamente chocadas.

– Vamos entrar – disse Leo.

Maria apareceu bem na frente deles assim que entraram, e Leo falou com ela em grego, depois olhou para Margo e se desculpou:

– Maria não fala inglês, mas eu já contei a ela que nos casamos.

Margo fez que sim com a cabeça. Ela não conseguia ler nada na expressão da governanta, mas estava muito cansada e não queria se preocupar com isso. O dia fora incrivelmente longo, e ela não tinha mais energia para conversar com aquela gente toda.

– Leo – disse ela –, eu estou cansada, gostaria de poder descansar.

Era pouco mais das sete horas, mas Margo não aguentaria passar uma noite ao lado da família de Leo.

Estaria negligenciando suas responsabilidades logo no primeiro dia? E daí... no dia seguinte ela tentaria bancar a esposa perfeita que ele parecia desejar ter. Naquele momento, tudo o que precisava era de um bom descanso.

– Claro, vamos para o seu quarto – disse ele.

Margo sentiu que um silêncio tomara conta da sala assim que começou a acompanhar Leo em direção aos quartos. Ele seguiu por um corredor novo para ela, entrando em um cômodo suntuoso, decorando em azul pastel e marfim.

– Este é o seu quarto. O meu fica bem aqui ao lado – disse ele, fazendo um gesto para uma porta perto da janela.

Quer dizer que eles não dividiriam um quarto? Margo não sabia o que pensar sobre isso, e seu cansaço não permitia que refletisse muito sobre nada.

– Obrigada – ela murmurou, entrando no quarto.

– Caso precise de alguma coisa, basta chamar a Maria – disse Leo. – Eu estarei no quarto ao lado, caso precise de algo no meio da noite...

Ela engoliu em seco, assustada. Um nó se formou na sua garganta. Aquela seria sua noite de núpcias... e eles dormiriam em quartos separados. Ela sabia que não deveria esperar muita coisa do seu casamento, mas aquilo poderia ser demais.

– Eu vou ficar bem – disse Margo.

Ele fez que sim com a cabeça, com uma das mãos apoiada na maçaneta da porta, parecendo relutante ao ter de deixá-la sozinha.

Mas ele foi embora, e Margo se sentou na cama, escondendo o rosto entre as mãos. Ela se sentia mais sozinha e mais isolada do que nunca... e na vida Margo sempre primou pelo isolamento, sobretudo após a perda de sua mãe e de Annelise.

Ela sentia muita falta do seu apartamento, das suas coisas, da sua segurança. Sentia falta da sua vida, do seu trabalho, de amigos como Sophie, que poderiam não ser muito íntimos, mas que ainda assim poderiam ser chamados de *amigos*.

Ela deveria enviar uma mensagem de texto a Sophie contando tudo o que acontecera... mas Margo não queria ser obrigada a pensar em uma possível resposta preocupada e assustada de sua amiga. Não, ela preferia dormir. Talvez fizesse isso no dia seguinte...

Dormindo, ela encerraria aquele estranho dia do seu casamento.

LEO FICOU sentado sozinho no seu quarto, olhando através da janela.

Ele respondera às inúmeras perguntas de suas irmãs, que queriam saber quem era Margo e por que Leo se casara com aquela desconhecida.

– Vocês já devem ter percebido que ela está gerando um filho meu – disse ele, cansado.

Xanthe rolou os olhos e disse:

– No século XXI, os filhos ilegítimos não sofrem o mesmo estigma que antigamente.

– Eu sou um homem tradicional – disse ele.

Mas Leo não se casou com Margo apenas por conta do filho que teriam juntos, e ele sabia disso. Da mesma maneira que a desejava há quatro meses, ele continuava desejando aquela mulher aparentemente decidida e cabeça-dura.

Murmurando alguma coisa para si mesmo, ele terminou de tomar seu uísque em um só gole. Aquela seria uma noite muito, muito longa.

NA MANHÃ seguinte, quando Margo acordou, sentiu um nó no estômago só de pensar em que teria um dia inteiro pela frente para encarar as duas irmãs de Leo... que estariam curiosas para saber quem era aquela estranha que invadira o seu mundo.

Ela piscou os olhos ao ver o sol que entrava pela janela, atravessando as cortinas e iluminando o interior luxuoso do quarto.

Relutante, ela se levantou da cama. Após vencer uma tontura que surgia todas as manhãs, Margo deu o primeiro passo do dia. Não estava animada para o que teria de enfrentar, mas a verdade é que já enfrentara situações muito piores. Por mais chatas que pudessem ser as irmãs de Leo, aquela seria sua nova vida. Quanto antes a encarasse, melhor.

Com isso em mente, Margo vestiu uma calça jeans, uma blusa e desceu as escadas.

Ao longe, já podia ouvir as vozes das irmãs de Leo. Elas falavam em grego, mas Margo não precisaria reconhecer as palavras para perceber qual era o assunto. E foi tomada por uma mescla de agitação, dor e raiva.

Margo respirou fundo, endireitou os ombros e entrou na sala.

– *Kalimera*.

Seus conhecimentos de grego se resumiam a pequenas coisas, mas pelo menos podia demonstrar que se esforçava.

Xanthe e Ava ficaram em silêncio, com sorrisos forçados estampados nos rostos. Margo se sentou do outro lado da mesa, pousando o guardanapo no colo. O café da manhã era completo, mas ela

não estava com fome, embora quisesse comer alguma coisa, e começou a se servir.

– Bom dia – disse Leo, em inglês, depois perguntou: – Você dormiu bem?

Margo percebeu que as irmãs de Leo não entenderam a pergunta. E é bem possível que só então tenham intuído que os dois dormiram em quartos separados.

– Eu dormi muito bem, obrigada – disse Margo, bem baixinho.

– Eu pensei que, após o café, nós poderíamos dar uma volta pela propriedade – disse Leo. – Você estaria disposta?

– Boa ideia – disse ela.

Pelo tom empregado, eles pareciam estar aparando as arestas de um acordo comercial... e era exatamente isso o que faziam. Se Leo quisesse manter essa aura ao seu casamento, seria bom que as irmãs percebessem de uma vez.

– O Leo ainda não nos contou nada sobre você – disse Xanthe, após alguns minutos em silêncio. – De onde você é?

Até então, Margo não tirara os olhos do prato. Porém, ao ouvir essa pergunta, olhou para Xanthe, vendo um sorriso potencialmente amigável estampado em seus lábios.

– Eu morava em Paris.

– Eu adoro Paris! – disse Ava, e Margo ficou pensando se estaria começando a se enturmar com as irmãs de Leo.

– Deve ter sido duro abandonar aquela cidade...

Margo olhou para Leo, e respondeu:

– Um pouco... mas eu tenho outras preocupações neste momento.

E pousou uma das mãos no ventre. Um gesto que, mesmo sem querer, calou a conversa naquela mesa. As duas irmãs pediram licença e se levantaram, deixando Margo e Leo sozinhos.

– Sinto muito se as coisas parecem um pouco ásperas – disse Leo. – Com o passar do tempo, elas vão aceitar.

– Talvez... mas eu acho que isso não importa muito – comentou Margo.

– Não? Esta é a sua casa agora, Margo. A minha família é a sua família. Eu quero que você se sinta parte integrante de tudo isso. Eu quero que você *forme parte* de tudo isso.

– Eu sei – disse Margo, movendo um pedaço de melão no seu prato. – Eu vou cumprir o que prometi, Leo.

– Eu não quero falar sobre promessas – disse ele. – Me avise quando quiser começar o passeio. Eu estarei no meu escritório.

Assustada, Margo ficou observando Leo se afastar. Ela o chateara, sem dúvida, mas Margo não entendia o motivo.

O pior é que não se lembrava de onde ficava o escritório de Leo...

Assombrada com as fortes mudanças em sua vida, Margo apoiou a testa entre as mãos. Depois comeu um pouco de iogurte e se levantou da mesa.

Após abrir e fechar várias portas, finalmente encontrou o escritório de Leo. Ele estava sentado à mesa, passando uma das mãos entre os cabelos.

Margo bateu à porta aberta e ele ergueu os olhos.

– Você comeu alguma coisa?

– Um pouco. Eu estou bem.

– Tudo vai melhorar. Você se acomodará...

– Isso é o que eu espero. Mas às vezes você não parece desejar isso, Leo... Você parecia raivoso comigo lá no café.

– Eu sei... – disse ele, tamborilando os dedos na mesa.

– Eu quero dançar a mesma música que você – disse ela. – E não me importa que música seja essa.

– Eu também acho que nós deveríamos entrar em acordo – disse ele. – Porém, neste momento, você precisa de roupas e artigos de higiene. Nós poderíamos comprar alguma coisa on-line ou dar um passeio em Amfissa...

– Eu gostaria de trazer o que tenho em Paris – disse Margo. – E preciso conversar com as pessoas do meu trabalho, colocar meu apartamento à venda.

– Não há necessidade de vender o seu aparamento. Eu posso mantê-lo, e poderia ser bom para nós dois termos um lugar para ficar em Paris.

Ela piscou os olhos, depois perguntou:

– Você está falando sério?

– Estou. Por que não? Nem tudo no nosso casamento precisa ser um sacrifício, Margo.

– Mas eu não estava...

– Não? Algumas vezes, você parece estar se autoflagelando o tempo inteiro. É estranho que você não se sinta bem ao meu lado, quando estivemos juntos durante dois anos! Talvez você estivesse falando sério quando resolveu terminar tudo, tendo ou não outro homem na história.

– Leo, eu imaginei que *você* não quisesse ficar ao meu lado. Você passou meses chateado comigo, e eu entendo o seu motivo...

– Eu não estou chateado com você.

– Não? Às vezes, você parece estar me punindo pelo que fiz.

Ele a ficou encarando, depois disse:

– Eu não estou punindo ninguém... Agora não, embora deva admitir que, quando você chegou aqui, estava morto de raiva. Mas eu não quero continuar agindo assim. Nós precisamos seguir em frente, Margo. Precisamos transformar o nosso casamento em algo proveitoso para nós dois.

– Como assim?

– Eu ainda não sei... mas acho que vamos descobrir juntos. Agora, vamos dar um passeio.

Eles visitaram todos os cômodos da casa, que era enorme, e Leo reafirmou sua vontade de que Margo agisse como a dona daquele lugar.

– O que exatamente você quer que eu faça, Leo?

– Hã?

– Quais serão as minhas responsabilidades? Você disse que eu deveria cuidar da casa...

– Eu nunca falei em obrigações ou responsabilidades, Margo. Só queria ser gentil, já que você vai morar aqui.

– Eu não estou entendendo... – disse ela.

– Margo, nós estamos casados. Você é a...

– Dona desta casa? – ela perguntou.

– Você pode fazer ou deixar de fazer o que quiser. Se preferir deixar tudo nas mãos da Maria, eu não me importo. Se quiser redecorar a casa, vá em frente. Eu quero que você se sinta livre, não aprisionada.

– Obrigada – disse ela, que ficou sem palavras.

Margo estava acostumada a gerir sua carreira, mas a vida doméstica? Ela seria capaz de decidir o que todo mundo daquela família comeria no almoço ou no jantar, por exemplo? As suas habilidades culinárias eram muito limitadas.

No entanto, aquela seria a sua vida. Ela precisaria encarar.

– Xanthe e Ava sempre comem aqui? Elas vão fazer as refeições conosco todos os dias?

– Depende do dia. Elas não trabalham. Ava sempre viaja a Atenas. Na verdade, eu acho que ela está namorando alguém por lá, mas ela nunca comenta nada.

Margo ficou um pouco tonta ao pensar que aquelas duas poderiam aparecer frequentemente por ali.

– Você está bem? – ele perguntou.

– Estou. Na verdade, estou me sentindo bem melhor hoje do que ontem, mas eu realmente preciso de algumas roupas e outras coisas.

– Vamos a Amfissa hoje à tarde... e se você fizer uma lista, eu posso pedir a alguém que vá a Paris e traga algumas coisas.

– Ótimo – disse ela, embora não gostasse da ideia de um estranho entrando na sua casa.

Ao passar por um cômodo vazio, Leo comentou:

– Quando chegar o momento, eu gostaria que este fosse o quarto do nosso filho. Claro que ele poderia ser completamente redecorado... Aliás, você já pensou se quer saber o sexo do bebê?

– Eu não...

– Não quer saber?

– Na verdade, eu só quero saber se o bebê está bem de saúde – disse ela. – E você, gostaria de saber o sexo?

– Eu não pensei nisso – respondeu Leo. – Mas acho que sim... se você concordar, claro. Isso poderia nos ajudar a preparar as coisas. E tornaria tudo ainda mais real.

– É... você tem razão – ela comentou.

– A doutora Tallos recomendou um obstetra aqui perto. Você deverá fazer uma ultrassonografia em três semanas.

– Pouco antes do Natal...

E seria um lindo presente de Natal: a certeza de um menino ou uma menina saudável, em perfeitas condições.

E Leo deve ter percebido alguma coisa em seu rosto, pois deu um passo à frente e segurou o queixo de Margo, perguntando:

– O que foi?

– O que você está querendo dizer? – ela perguntou.

– Você parece estar... com medo.

– Eu só quero que esteja tudo bem com o bebê – disse ela.

– E você acha que não está?

Ela ficou muda, pensando em Annelise, que um dia estava bem, sorrindo e alegre, e no dia seguinte...

– Margo... – ele insistiu.

Ela deu um passo atrás, afastando-se de sua mão.

– Eu sou mãe de primeira viagem, Leo. É normal que eu fique nervosa.

Porém, vendo a testa franzida de Leo, ele não parecia convencido de suas palavras.

CAPÍTULO 9

UMA SEMANA se passou e Margo começou a pensar que ela e Leo estavam encontrando um caminho em comum. As coisas se assentavam e mais ou menos se transformavam em rotina. Leo trabalhava durante grande parte do dia, e Margo dava muitos passeios. E ela não se importava, pois com tantas náuseas não conseguiria fazer muito mais do que caminhar.

Porém, com o passar do tempo, e com as náuseas finalmente mais brandas, ela descobriu que precisava focar em alguma coisa, que precisava de um propósito na vida.

Xanthe e Ava se aproximaram um pouco mais dela, o que deixou sua vida um pouco menos tensa, embora não exatamente mais fácil. E as suas coisas tinham chegado de Paris. Além das roupas e produtos de *toilette*, ela pedira que objetos pessoais fossem enviados à Grécia (quadros, livros e pequenos objetos de decoração). Era estranho e animador arrumar tudo aquilo na sua nova casa. Os objetos pareciam navegar em um mar desconhecido.

Ainda assim, a vida seguia seu curso, e Margo sabia que precisava manter um ritmo que acompanhasse o que acontecia ao seu redor.

Certa tarde, ela foi a Amfissa e ficou caminhando pelas ruas, dando uma olhada nas vitrines. Chegou a uma loja que vendia produtos para bebês e ficou observando coisas que um dia talvez precisasse.

Quando voltou à casa, Leo estava à porta, observando-a.

– Onde você esteve? – ele perguntou.

– Em Amfissa. Eu avisei a Maria – disse Margo, que aproveitara seu tempo livre para aprender um pouco de grego.

– Sozinha?

Leo parecia incrédulo, e Margo simplesmente rolou os olhos.

– Leo, eu sou uma mulher adulta...

– E grávida...

– A gravidez não é uma doença.

– Você tem fortes náuseas pelas manhãs, Margo. Eu já vi o quanto você se sente mal. E se acontecesse alguma coisa?

Ela deu de ombros, respondendo:

– Eu não posso ficar trancada em casa, Leo. E não sou uma espécie de Rapunzel presa numa torre. Eu ficaria louca se vivesse assim.

Leo deixou escapar uma risada um tanto nervosa, comentando:

– Uma Rapunzel enlouquecida? Que situação...

Margo sorriu para ele. Ela sentia falta dessa espécie de bom humor. Precisava, de alguma maneira, combater a tristeza que em certos momentos se abatia contra seu coração.

– É assim que me sinto. E eu não tenho os cabelos maravilhosos de Rapunzel para compensar o sacrifício.

– O seu cabelo é lindo – disse ele. – Era sempre lindo ver quando você os soltava, quando nos encontrávamos...

Margo ficou pensando em Leo observando seus gestos, seus cabelos sendo soltos... E pensou em um quarto de hotel, em luz de velas, em camas enormes... Em toda a intimidade e agitação dos seus encontros, no erotismo presente neles...

E tudo isso parecia tão distante... embora ainda muito real. Ela se lembrava exatamente do que sentia quando Leo acariciava seus cabelos, tocando seus braços, beijando seu pescoço...

Ela engoliu em seco, sem saber se queria seguir em frente com tais lembranças.

No final das contas, Leo a aceitara em sua vida.

– Eu entendo que você precisa sair de casa, mas o seu celular não funciona por aqui...

– Talvez seja a hora de comprar um aparelho novo. Eu não posso me transformar em uma prisioneira, Leo.

– E eu não quero que você se transforme nisso. Vou comprar um celular novo hoje mesmo. Aliás, eu já deveria ter feito isso. Sinto muito.

Ela fez que sim, e ele disse:

– Eu estava pensando... que deveríamos fazer uma festa. Deveríamos convidar as pessoas conhecidas, para que você seja apresentada à nossa comunidade. Você toparia?

– Eu gosto da ideia, e estou me sentindo bem melhor ultimamente – ela respondeu, pensando que uma festa poderia ser uma maneira de conhecer pessoas novas e finalmente começar a se sentir parte integrante daquele mundo.

PARA A surpresa de Margo, Xanthe e Ava adoraram a ideia da festa. Elas marcaram uma data, entraram em contato com os fornecedores, enviaram os convites e conversaram com as pessoas mais próximas.

E levaram Margo às compras.

Em um primeiro momento, Margo resistiu, pois só de pensar em estar ao lado daquelas duas por tanto tempo a assustava, mas elas insistiram e Margo concordou. Acabou indo com elas a Amfissa, poucos dias antes da festa.

– Você ainda não precisa usar roupa de grávida – disse Ava. – De quanto tempo você está grávida?

– Dezoito semanas – respondeu Margo.

As náuseas já tinham praticamente desaparecido, e ela estava começando a se sentir com mais energia e mais animada.

– Você é tão magra... – disse Xanthe. – Às vezes eu acho que todas as parisienses são magras. Você come?

– Ultimamente, muito pouco – respondeu Margo. – Mas normalmente sim.

De repente, ela se lembrou dos minimarshmallows que guardava na bolsa... o que era um segredo... um segredo que só Leo conhecia.

– Você está sorrindo como um gatinho que vê um pote de sorvete – disse Ava.

– Eu estou me lembrando de uma coisa.

Ao ouvirem isso, as irmãs trocaram um olhar.

E Xanthe perguntou:

– O que existe entre você e Leo? Porque, obviamente... você estiveram juntos, mas...

Margo suspirou. Ela estava começando a perceber que as irmãs tinham um coração e pareciam bem-intencionadas, embora sempre um pouco abruptas. E elas mereciam saber a verdade, embora Margo não pudesse arriscar trair a confiança de Leo, por isso deveria escolher muito bem as suas palavras.

– Nós estivemos juntos – disse ela. – Mas as coisas começaram a... esfriar. E eu fiquei grávida.

– Acidentalmente? – perguntou Xanthe, com os olhos arregalados.

– Claro que sim, *ilithia* – comentou Ava.

Margo reconheceu a palavra grega para dizer idiota, e não era a primeira vez que Ava chamava Xanthe ou Leo dessa maneira. Aliás, foi Leo quem lhe revelou o significado da palavra.

– E você contou a Leo sobre o bebê? – perguntou Ava.

– Contei. Eu nunca pensei em ter um filho, mas...

– Por que não? – perguntou Xanthe.

Margo hesitou, mas depois respondeu:

– Porque eu estava focada na minha carreira.

O que era apenas uma meia-verdade, pois ela também morria de medo de se envolver com alguém e perder essa pessoa.

E passou uma das mãos sobre o ventre.

– Vamos experimentar alguns vestidos – disse Ava, notando que Margo começava a ficar tensa.

E a tarde ao lado das irmãs de Leo foi inacreditavelmente agradável. Margo começava a se acostumar às maneiras um tanto ríspidas das duas, que no fundo eram muito divertidas e sempre animadas. Margo quase se sentiu em família... algo que não sentia desde os doze anos de idade.

Finalmente se decidiram por um vestido magenta, cor que combinava perfeitamente com os olhos e cabelos de Margo. Era um vestido com cintura império, que não focava a atenção em seu ventre, mas não o escondia completamente.

– Perfeito, elegante... além de um pouco sexy – disse Ava, satisfeita com o que via. – É o vestido perfeito. Leo vai adorar.

E Margo percebeu que *gostaria* que ele adorasse o vestido. Ela queria parecer bonita aos seus olhos. Isso poderia ser um tanto perigoso, mas Margo parecia disposta a enfrentar seus medos. Por que não desejaria que Leo a enxergasse como uma mulher atraente?

Na noite da festa, ela ficou parada em frente ao espelho, analisando seu reflexo. O que Leo pensaria ao vê-la com aquele vestido? Seus cabelos estavam presos no coque de sempre, embora um tanto mais pensado, mais soltinho, com alguns fios escapando ao lado do rosto. A maquiagem também fora pensada, deixando seus olhos maiores e sua boca mais vermelha, combinando com o vestido.

Ela se parecia um pouco mais com a Margo de outros tempos... a velha Margo, sempre com roupas bem cortadas e sapatos altos. Porém, ao mesmo tempo, também se sentia mais leve. Sim, o seu rosto estava mais redondo, seu ventre mais visível... mas ela deixara de se sentir tão vigiada o tempo todo.

É possível que morar na Grécia, sempre com muita gente ao seu redor, estivesse suavizando-a um pouco. Aquilo era muito diferente do seu habitual isolamento.

Ela ouviu uma batida à porta que conectava seu quarto com o de Leo. Ele costumava utilizar aquela porta para lhe dizer boa noite ou para conversar sobre assuntos variados... mas sempre batia antes de abrir, pois queria manter o tom formal entre eles.

Margo pigarreou, antes de perguntar:

– É você?

Leo entrou no quarto e ficou olhando para ela. Margo ficou sem fôlego.

Ele vestia um smoking perfeito, e ela nunca o vira vestido daquela maneira.

– Eu queria perguntar se você estava pronta – disse Leo –, mas vejo que sim. Você está linda, Margo. Incrivelmente linda.

Ela ficou corada, e respondeu:

– Obrigada. Você está... incrível.

E ficou ainda mais corada ao dizer essas palavras. O que havia entre eles era tensão... tensão sexual.

– Vamos? – ele perguntou, esticando a mão.

Fazendo que sim, Margo segurou sua mão.

Embora vivessem como marido e mulher há semanas, eles quase nunca se tocavam. Por ali, a atmosfera vivia carregada de fortes emoções, emoções que pareciam bloquear algo mais íntimo.

Eles desceram as escadas. Os convidados chegavam à casa. Margo sentiu o cheiro dos canapés e do champanhe, que começavam a ser servidos.

O desejo que sentia por Leo era substituído por um nervoso repentino. Aquelas pessoas estariam loucas para vê-la, para julgá-la.

Leo disse, baixinho:

– Fique calma. Você está linda e vai parecer incrível aos olhos de todos.

Ela o encarou, brevemente, chocada com o tom de sinceridade em sua voz. O que acontecera entre eles? Aquilo não parecia um contato muito profissional.

Porém, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, os dois chegaram ao último degrau da escadaria.

Margo não socializava há um bom tempo. No entanto, naquele vestido incrível, sentindo-se linda, e ainda por cima ao lado de Leo... ela parecia preparada. E algo lhe dizia que os convidados daquela festa gostariam de conhecê-la.

Alguns olharam diretamente para sua barriga, pois provavelmente já sabiam da novidade. Sendo esposa de Leo, ela foi aceita por todos, e ficou aliviada ao perceber isso.

Margo ficou ainda mais animada quando Leo segurou uma taça de champanhe e propôs um brinde:

– À minha querida esposa, Margo – disse ele, falando em alto e bom som. – Espero que todos vocês gostem dela da mesma maneira que eu gosto.

Margo sorriu e ergueu seu copo de água com gás, mas as palavras de Leo a deixaram em choque: ele realmente gostava dela? Não. Ele não gostava. Ela sabia que não. E como seria se gostasse de verdade? Como seria se o casamento deles dois fosse real, convencional?

Claro que pensar nessas coisas era uma bobagem. Entre eles não havia grande coisa... e seria melhor que tudo permanecesse dessa maneira. Eles tinham alcançado um nível de convivência amigável e agradável, e tentar algo mais poderia ser perigoso, muito perigoso. E Margo não estava disposta a navegar nesse tipo de águas.

No final da noite, os pés de Margo começavam a doer. Leo percebeu quando ela se demonstrou cansada, e passou um dos braços pela sua cintura, dizendo:

– Você está cansada. Prefere se deitar?

– Eu não quero bancar a mal-educada...

– Os gregos adoram uma festa... eles devem ficar por aqui até o amanhecer – comentou Leo.

Ela abriu um sorriso e gostou do fato de estar sendo abraçada.

– Sendo assim, caberá a você arrastar todo mundo para fora daqui.

– Prefiro deixar esse trabalho nas mãos dos funcionários da casa... eu vou subir com você.

Ao ouvir isso, Margo sentiu um frio na espinha.

Para sua surpresa, Leo não a deixou na porta do quarto, como sempre fazia, mas entrou junto com ela. Margo não esperava por isso, e começou a desfazer o coque que prendia seus cabelos.

– Continue... – pediu Leo.

E ela se lembrou de suas palavras sobre como era bom vê-la soltar os cabelos em seus encontros em hotéis. Tudo parecia muito mais erótico e íntimo naquele momento, pois Margo sabia que ele gostava de vê-la fazendo aquilo.

Leo não disse nada mais, ficou apenas observando.

Ao tirar o último grampo do cabelo, ela sacudiu a cabeça e os fios caíram sobre seus ombros, chegando quase à cintura.

Os olhos de Leo brilhavam.

– Margo...

Ela tremeu ao perceber um toque de desejo na voz de Leo.

– *Ah...*

– O que foi? – perguntou Leo, aproximando-se dela. – O que aconteceu?

– Eu acho... eu senti o bebê.

– Você sentiu? – ele perguntou, incrédulo, como se nunca tivesse ouvido falar nesse tipo de coisa.

Margo deixou escapar um breve sorriso e disse:

– Senti! E acabei de sentir outra vez! É tão divertido. Tem uma pessoa dentro de mim!

Ele também sorriu, depois perguntou:

– Posso?

Margo fez que sim e ele pousou uma das mãos em seu ventre.

– Espera... – disse ela.

Demorou, mas ela sentiu novamente.

– *Theos*, eu notei! Eu notei!

Ela o encarou, sorrindo.

E ficou sem fôlego ao ver que Leo esticava o braço para tocar seus cabelos.

Um calor tomou conta do seu corpo. Ele a acariciava com vontade... e por fim a beijou, como ela imaginava que faria, em silêncio.

Sem esperar que ela dissesse nada, ele aprofundou o beijo, deslizando sua língua no interior da boca de Margo, colando seu corpo ao dela...

Margo estava completamente eletrizada. E aceitou aquele beijo, aquela língua, aquela paixão, aquela chama...

O bebê chutou novamente, e Margo ficou gelada. Ao sentir o bebê, ela se lembrou do motivo que a levara até a Grécia, até aquela casa. E se lembrou da única razão para que estivessem juntos.

Leo, percebendo sua reação, interrompeu aquele beijo. Margo não conseguia ler nada na expressão do seu rosto.

Ele olhou para o ventre de Margo, em silêncio, e também se lembrou do único motivo que fez com que se casassem.

Um silêncio tomou conta do ar. Margo não sabia como quebrar aquele gelo. Suas emoções se transformaram em uma tempestade. Ela não saberia explicar com palavras o que estava sentindo.

De pé, no centro do quarto, ela pousou as duas mãos em seu ventre.

Leo se afastou ainda mais, dizendo:

– Boa noite.

E simplesmente foi embora, e tudo o que ela ouviu foi o clique da fechadura da porta.

CAPÍTULO 10

Leo ficou caminhando pelo seu quarto, querendo lutar contra uma vontade quase indomável de experimentar, mais uma vez, o doce sabor de Margo. Ele sentia uma vontade louca de mergulhar no interior do seu corpo.

Leo deixou escapar um gemido e se deitou na cama, escondendo o rosto entre as mãos. *Ele chegara tão perto...*

Mas a verdade é que *ela* ficou paralisada, congelada, muda. Por mais forte que fosse a química entre eles, Margo continuava disposta a rejeitá-lo. Pois sim, ele sentira aquele movimento como mais uma rejeição por parte dela.

E pensou em voltar ao quarto de Margo, em lhe dizer que eram marido e mulher e que, portanto, ele tinha alguns direitos como seu esposo... ela querendo ou não. Margo estava se sentindo muito melhor e a gravidez caminhava em perfeitas condições. Por que não desfrutariam a companhia um do outro?

Mas não. Ele não arrastaria Margo à sua cama contra a vontade. De jeito nenhum.

No entanto, a noite começara promissora... Ele adorou ver Margo solta na festa, linda e radiante, muito parecida com a mulher que conhecera em Paris, uma mulher sofisticada e aberta ao mundo.

Depois, já no quarto, foi uma delícia sentir seu filho se movendo na barriga de Margo. Leo nunca passara por uma experiência desse calibre.

E o beijo que trocaram foi uma extensão natural dessa intimidade. Ele não teria conseguido se conter, mesmo que tivesse tentado... e ele não tentou, claro.

O que teria dado errado? Por que Margo recuara?

Leo se lembrou do brinde que fez na festa. Ele não pensou antes de dizer aquelas palavras, simplesmente deixou fluir, e parecia ter soado bem sincero.

No entanto, será que a assustara?

Ela teria ficado pensando se Leo falava sério ou não?

Mas Leo não queria ficar pensando nisso. A verdade é que o relacionamento frio que planejava ter com Margo estava se transformando em outra coisa... em algo mais amigável, prazeroso. Mas será que poderia se transformar em amor?

Não. Não. Ele não poderia colocar o carro na frente dos bois. Ele já sofrera muita rejeição em sua vida... começando com o tratamento sempre distante por parte do pai, que não parecia ligar para o filho mais novo. E Margo já deixara bem claro o que queria daquele casamento.

A mesma coisa que ele queria. A *única* coisa que ele queria. Um lar estável e seguro para o filho que teriam juntos.

NA MANHÃ seguinte, Margo apareceu para tomar café da manhã, mas parou ao chegar à porta da sala de jantar.

Leo ficou olhando para ela e percebeu uma forte hesitação de sua parte. Os dois tomavam café juntos todos os dias, e naquele dia não poderia ser diferente.

– Bom dia – disse ele, levantando-se de sua cadeira para servir a Margo a xícara de chá de gengibre de todas as manhãs. – Você dormiu bem?

– Dormi sim, obrigada – ela respondeu.

Margo se sentou e pousou o guardanapo no colo. Leo percebeu que ela parecia mais pálida que o normal, com manchas negras ao redor dos olhos.

– Na verdade – disse ela –, eu não dormi muito bem.

– Sério? – ele perguntou. – Eu sei que é complicado dormir após uma festa agitada...

– Mas o problema não foi a festa, Leo.

Ele ergueu os olhos e percebeu que Margo o encarava.

– O problema foi o nosso beijo.

O nosso beijo. E ele foi tomado por um turbilhão de lembranças perturbadoras.

– Mas foi você quem interrompeu o beijo – ele comentou.

– Na verdade, foi *você* – ela retrucou.

– Mas foi você quem ficou paralisada, Margo.

– Eu sei... – ela ficou olhando para o próprio prato, movendo a faca entre os dedos.

– Se não for perguntar demais, por que você fez isso? – Mas será que ele realmente queria saber qual era a resposta à sua pergunta? – Você parecia interessada, Margo. Eu notei o seu desejo. Você me desejou naquele momento.

– Eu sei – ela admitiu. – Por mais que você pense o contrário... eu nunca deixei de te desejar, Leo.

– Ah, claro... e o seu problema é um só: você não me ama.

Droga! Ele não deveria ter dito isso...

Ela ergueu os olhos, dizendo:

– Mas você também não me ama, Leo.

– Não. – No entanto, por que ele se sentia tão ferido ao lhe dar essa resposta? – Aliás, eu nem sei por que estamos tendo esta conversa.

– Nós estamos tendo esta conversa porque queremos aprender a conviver com o relacionamento que temos, Leo – disse ela. – O nosso casamento... eu não sei como me comportar de maneira profissional frente ao meu marido.

– Mas eu acho que você está se saindo muito bem – ele comentou.

– Talvez, mas quando você entrou no meu quarto, ontem à noite... Quando você sentiu o bebê se mexendo... Nesse momento eu percebi que nós vamos ser pais. – Ela deixou escapar uma risada nervosa, depois seguiu em frente: – Eu já sabia disso, claro, mas por um momento pensei na imagem de nós dois com uma criança no colo... dando banho, ensinando a andar de bicicleta... Menino ou menina, o nosso filho vai ser muito amado. Eu sei disso. O que eu ainda não sei é como essa história de relacionamento profissional poderia se encaixar nesse quadro. Nesse quadro familiar. No tipo de família que eu quero ter, que eu sempre quis ter...

Leo ficou olhando para ela, depois disse:

– Era você quem não queria se casar, quem enxergava o nosso casamento como um sacrifício – disse ele.

– Eu afirmei tudo isso porque imaginava que você tinha ódio de mim...

– E por que você resolveu mentir para mim, Margo? Por que inventou aquela história de traição?

– Eu já disse... porque foi a única maneira que encontrei de me livrar de você – respondeu Margo.

– Sim, eu me lembro. Mas por que você queria se livrar de mim, Margo?

Ela ficou em silêncio. E o seu silêncio era terrível, profundamente terrível.

Leo pegou seu garfo e sua faca, dizendo:

– Eu entendo...

Depois ficou calado, pois não queria dizer nada mais. Parecia impossível escapar das rejeições em sua vida.

MARGO FORA tomar café após uma noite agitada, sem dormir, determinada a conversar com Leo e, mais do que isso, determinada a chegar a um acordo. Um acordo. Embora os detalhes a serem discutidos fossem vagos em sua mente. Ela não queria manter a pose profissional... estava cansada dessa história.

Mas havia alguma alternativa? Como engajar mente e coração sem arriscar uma ferida profunda em sua alma?

Ela sabia que não estava pronta para novas aventuras nesse sentido. Porém, ao mesmo tempo, não estava preparada para explicar a Leo porque não aceitara sua proposta de casamento. Annelise... sua mãe... os pais adotivos... Tanta coisa dera errado em sua vida.

No entanto, o seu silêncio também fora terrível. E Leo começou a ler o jornal, com uma expressão distante, remota, fechada.

– O que você vai fazer hoje? – ela perguntou, e ele ergueu os olhos do jornal, respondendo:

– Eu vou trabalhar no meu escritório, como sempre faço.

– Eu deveria ir a Paris em breve – disse ela. – Ainda tenho coisas a resolver na Achat, no meu antigo emprego, com meus chefes e colegas...

– Se você estiver se sentindo bem... eu não tenho nenhuma objeção – disse ele.

Margo o encarou, com o coração apertado. Ela não queria aquilo... Não queria piorar ainda mais a situação, mas acabou piorando.

– Leo, você já me mostrou esta casa inteira, mas eu ainda não conheço os outros recantos da propriedade – disse ela. – Você poderia me mostrar ainda hoje?

Pronto! Ela estava fazendo sua declaração de paz. Ela queria construir pontes entre eles dois. E esperava que Leo aceitasse sua oferta.

– Acho que sim... – disse ele, em um tom de voz desinteressado. – Eu voltarei para casa na hora do almoço.

MARGO PASSOU o resto do dia se preparando para o passeio entre as oliveiras, mais ou menos como se fosse vivenciar um primeiro encontro amoroso com um novo rapaz.

Estava frio do lado de fora da casa, e Margo lutou para conseguir vestir sua calça jeans. Ela não conseguiu fechar o zíper completamente, e fechar o botão seria impossível. Por cima da calça, vestiu uma túnica de cashmere em tom de água-marinha, que chegava quase aos seus joelhos.

Ela deixou os cabelos soltos, o que raramente fazia, e passou um pouco de delineador e batom. Não queria parecer ter feito um esforço para ficar bonita, mas ao mesmo tempo não queria parecer desleixada.

Horas mais tarde, no entanto, ela não conseguiu dizer uma única palavra ao encontrá-lo no hall da casa. E ele também não disse nada.

Margo ficou um pouco decepcionada, pois se preparara para aquele encontro...

– Nesta época do ano, não há muito o que ser visto entre as oliveiras – disse ele. – As árvores estão sem folhas, que só voltarão a aparecer em março.

– Mas eu quero ver tudo – ela insistiu. – Eu moro neste lugar agora, certo? Eu quero conhecer essas oliveiras.

– Você não precisa se transformar em uma especialista no assunto – disse ele.

– Mas eu quero aprender alguma coisa. Você disse que queria que eu me envolvesse no assuntos da casa, e é isso o que eu estou tentando fazer.

Ele a encarou, mudo, e ela tentou outra estratégia, perguntando:

– Por que você não me conta sobre a sua infância, Leo? Você cresceu brincando de esconde-esconde entre essas árvores?

– Eu brinquei, algumas vezes... E cresci aqui, claro que sim – disse ele, levando-a em direção às árvores. – Eu adoro oliveiras – disse ele. – O cheiro delicioso no verão, o azeite de oliva... Eu estou parecendo um louco, mas é a mais pura verdade. Eu adoro tudo isso. Sempre gostei.

No entanto, por que o seu tom de voz era tão ácido? Por quê? Margo não entendia nada.

– Bom para você, já que trabalha com essas coisas – ela comentou.

– É... – disse ele, pensativo.

– Por que eu fico com a sensação de que você não está me contando tudo? – perguntou Margo.

– O que você está querendo dizer? – ele perguntou.

Ela deu de ombros.

– Quando você fala sobre estas árvores, sobre os seus negócios, você soa... tenso. – E ela hesitou, depois disse: – Até raivoso, eu diria.

Leo ficou um bom tempo em silêncio, depois concordou:

– Pode ser... e acho que eu sou assim. Ou era assim, pelo menos. Pois eu acho que estou superando. E eu *espero* estar superando, na verdade.

– Por quê, Leo? O que aconteceu?

– Políticas familiares muito complicadas – ele respondeu, mantendo o tom vago.

– Você pode me contar o que quiser...

– O meu avô começou este negócio do nada – disse Leo. – Ele juntou alguns dracmas e comprou um pequeno lote. Tudo começou aqui, neste ponto onde estamos. E nós sempre fomos orgulhosos do fato de termos vindo do nada, de termos construído um império com as nossas próprias mãos. Primeiro o meu avô, depois o meu pai...

Ele parou de falar, franzindo a testa, e Margo insistiu:

– E agora você, certo?

– Certo – ele respondeu –, mas nada foi tão simples quanto parece.

– O seu irmão...?

– Sim, o meu irmão. Antonios era o preferido do meu pai. O filho mais velho, o herdeiro... isso eu podia entender.

– Pois eu não entendo os pais que têm preferência por um determinado filho, em detrimento dos demais – ela comentou.

– Você quer ter mais filhos, Margo?

– Eu... eu não sei – ela respondeu, engolindo em seco.

– Tudo bem... No entanto, sendo ou não compreensível, a verdade é que Antonios era o filho preferido do meu pai. Mas eu nunca aceitei isso. Eu tentei... tentei fazer com que meu pai me amasse. E como tentei... Deus sabe como tentei.

Margo ficou com vontade de abraçá-lo... mas não o fez, pois Leo estava tenso, e poderia explodir se ela se aproximasse.

– Resumindo uma história muito longa – disse ele –, o meu pai teve um ataque do coração e Antonios assumiu os negócios. Nesse momento, o meu pai contou toda a verdade sobre a empresa a Antonios. O meu pai estava envolvido em negócios escusos há anos, e perdera muito dinheiro fazendo péssimos investimentos. Ele estava a um passo de perder tudo. E pediu que Antonios jurasse que nunca contaria nada a ninguém... nem a mim.

– No entanto, no final das contas, ele acabou contando tudo para você? – perguntou Margo.

Leo fez que não com a cabeça.

– Ele passou dez anos sem me contar nada. Eu passei dez anos sem entender o que acontecia. No entanto, eu não deveria me surpreender... pois o meu pai nunca confiou em mim. Sendo assim, por que teria me contado a verdade?

– Mas o seu irmão?

– Antonios também não confiava em mim – disse Leo. – Ele só me contou após eu ter insistido muito, e algo me diz que só fez isso por conta da esposa dele, Lindsay. Ela queria dar um basta em tantos segredos, em tantas histórias...

– E ela conseguiu dar um basta em tudo isso? – perguntou Margo.

– Eu... eu não sei – ele respondeu. – Antonios pediu demissão do cargo de diretor das empresas, como você sabe... e hoje vive feliz trabalhando como gerente de investimentos.

– E você, está feliz? – perguntou Margo.

– Eu não sei. Não sei mesmo.

Os dois recomeçaram a caminhar, voltando à casa, sem dizer uma palavra. No entanto, naquele momento, o silêncio não era duro, mas sim um silêncio de expectativa... embora nenhum dos dois soubesse muito bem o que esperar.

Na cabeça de Margo, assim que entrassem em casa algo mudaria. Era uma sensação estranha, mas forte, muito forte.

Entre aquelas oliveiras, eles finalmente alcançaram certa cumplicidade e honestidade. E isso significaria alguma coisa, marcaria alguma coisa. Claro que sim.

Ela olhou para Leo, como se fosse dizer algumas palavras, mas deu um novo passo à frente, muda.

– Margo... – disse ele.

O coração de Margo parecia querer saltar do peito.

Leo pousou uma das mãos em seu ombro.

– Você está bem? – ele perguntou. – Eu quero olhar para você.

– Eu acho que estou bem, sim...

E percebeu que Leo a observava, com o rosto pálido, os olhos arregalados. E ele curvou o corpo para a frente, segurando o seu braço.

– O que foi... – ela perguntou, mas Leo pegou o celular no bolso e começou a discar 112, que na Grécia era o número do serviço médico de emergência. – Leo, eu estou bem – disse ela.

E foi então que Margo sentiu um calor entre as pernas e viu uma mancha de sangue banhando a terra.

CAPÍTULO 11

– NÃO... – a voz de Margo era áspera no momento em que ela viu o sangue se espalhando pelo chão, depois ela deixou escapar um grito desesperado, um grito que cortou o coração de Leo: – Não, Leo! Não, não, *não*... – E ficou sem voz de repente, e sua respiração era mais pesada do que nunca.

– É uma emergência médica – disse Leo ao telefone. – Eu preciso de uma ambulância, aqui na residência dos Marakaios, o mais rápido possível.

Ele deixou o telefone de lado e se aproximou de Margo. Ela estava cambaleando para a frente e para trás, com os braços envolvendo o ventre, o corpo tremendo dos pés à cabeça.

– Margo, respire – disse ele. – Respire com calma. Vai ficar tudo bem. Tudo vai terminar bem.

Ela respirou fundo algumas vezes, com os ombros trêmulos, e finalmente conseguiu falar:

– Não minta para mim, Leo. Nunca minta para mim. Isso não vai terminar bem. Você não pode afirmar uma coisa dessas. Não pode! Simplesmente não pode!

– Você está sangrando – disse ele –, mas ainda não podemos ter a certeza de que o bebê foi afetado.

No entanto, Margo mal o escutava. Ela fazia que não com a cabeça, com lágrimas escorrendo dos olhos.

– Isso não pode estar acontecendo – disse ela. – Não pode... Eu não vou permitir que isso volte a acontecer.

Que isso volte a acontecer?

Leo ouviu essas palavras sem entender nada. O que ela estaria querendo dizer?

– Uma ambulância já está a caminho – disse ele. – Vamos sair do meio das árvores, para que eles possam te colocar na ambulância o mais rápido possível.

Com cuidado, ele segurou nos braços Margo e a levou para fora do campo de oliveiras. Leo percebeu que o sangue manchara a calça de Margo. Ela estava com a razão, alguma coisa poderia ter acontecido com o bebê.

Logo depois, ele ouviu a sirene de uma ambulância se aproximando. E viu suas irmãs e Maria surgindo na porta da casa, e começou a carregar Margo em direção ao veículo. Um paramédico

desceu da ambulância.

– Leo! – gritou Xanthe, e Leo fez que não com a cabeça.

– Mais tarde eu ligo para casa – disse ele, subindo na ambulância para ficar ao lado de Margo.

Ela parecia tão vulnerável, deitada na maca daquela ambulância, com os olhos arregalados e o rosto pálido, segurando a mão de Leo com força e deixando que os paramédicos a revisassem.

Leo explicou tudo o que aconteceu aos paramédicos e Margo tentava controlar o seu pânico crescente.

Meu Deus, ele pensou, *não permita que nada de ruim aconteça com o meu bebê. Por favor. Não permita...*

A seguinte meia hora passou como um relâmpago, enquanto a ambulância seguia ao hospital de Amfissa. Chegando lá, um médico, ríspido e ágil, levou Margo a uma máquina de ultrassonografia, examinando-a.

– O primeiro passo que vamos fazer – disse o homem, em grego – é uma ultrassonografia, pois só assim eu poderei saber o que aconteceu.

Leo traduziu para Margo e ela fez que sim com a cabeça, frenética, agarrando sua mão com ainda mais força do que antes.

O médico passou alguns minutos mexendo na máquina. Tais minutos, para Leo e Margo, pareceram uma eternidade. Leo ficou olhando para o ventre de Margo, assustado. O silêncio preenchia assustadoramente a sala de exames. Silêncio que só foi quebrado por um suspiro de Margo ao girar a cabeça para olhar para a tela da máquina de ultrassonografia. Lágrimas desciam pelo seu rosto. Leo também sentia uma vontade cada vez maior de chorar.

Aquilo não podia estar acontecendo...

– Aí está... – disse o médico, em grego, e Leo ficou olhando para a tela, descrente, ouvindo uma leve batida de coração.

– *Margo...* – sussurrou Leo.

– O que aconteceu foi uma ruptura parcial da placenta – disse o médico, mas Leo não foi capaz de entender muito bem os detalhes do que ouvia.

– Margo... – disse ele, novamente.

Ela continuava chorando, perdida, descrente.

– Está tudo bem – disse Leo, em tom baixo. – Está tudo bem mesmo.

Sorrindo, o doutor aumentou o volume da máquina e o som das batidas do coração do bebê tomaram conta da sala de exames. Leo imaginou que Margo ficaria aliviada, que ela poderia até sorrir, ou mesmo gargalhar, mas ao ouvir o som das batidas do coração do bebê ela começou a soluçar. Seus ombros tremiam com força.

Leo sentiu uma vontade enorme de acalmá-la. Ele se curvou e envolveu-a em seus braços, sentindo o corpo de Margo tremer, tremer, tremer...

O médico desligou a máquina e limpou o gel que passara na barriga de Margo.

– Ela deve passar a noite aqui, em observação – disse o médico. – Amanhã, nós podemos fazer uma nova ultrassonografia e verificar se está tudo bem com a placenta.

Leo fez que sim com a cabeça, sem pensar duas vezes. Mais tarde pensaria em tudo o que acontecera. A prioridade, naquele momento, era cuidar de Margo.

Passado um tempo, ela conseguiu parar de chorar e abriu um leve sorriso, enxugando as lágrimas do seu rosto. Uma enfermeira a levou ao quarto do hospital, e Leo aproveitou para telefonar para casa, pois queria avisar às irmãs que estava tudo bem.

Quando chegou ao quarto do hospital, Leo encontrou Margo deitada em uma cama, com os cabelos penteados e o rosto lavado, embora seus olhos continuassem vermelhos.

Ele se sentou à beira da cama e tomou um das mãos de Margo, dizendo:

– O médico me disse que foi um problema na placenta... Sendo sincero, eu não me lembro muito bem do que ele explicou... mas vou procurar um médico que fale inglês para conversar com você.

– Eu sei o que aconteceu... – disse Margo.

– Mas o importante é que o bebê está bem – disse ele.

– Por enquanto, sim.

Ela mordeu o lábio inferior, e Leo viu que seus olhos voltavam a se encher de lágrimas.

– Não há motivo para ficar com medo, Margo – disse ele.

– Ah, Leo. Eu tenho os meus motivos – disse ela, com um tom de voz muito triste. – E são motivos muito fortes.

– Eu não estou entendendo...

E ele se lembrou das palavras de Margo sobre aquilo estar acontecendo *de novo*... Leo ficou com vontade de perguntar o que ela queria dizer com tais palavras, mas Margo estava muito frágil para lhe dar qualquer tipo de explicação naquele momento.

– Existe alguma coisa que você gostaria de me contar? – ele perguntou, em tom educado e tranquilo.

Ela abriu os olhos e fez que não com a cabeça.

– Nada importante...

– Então...?

– Eu simplesmente estou com medo – disse ela, mais uma vez mordendo o lábio inferior. – Eu vivo com medo de tudo. É por isso que eu nunca quis ter filhos.

Leo ficou olhando para ela, confuso, sem entender nada do que ela dizia. Ele sempre gostou do caráter confiante de Margo, mas naquele momento ela parecia tão diferente... que segredos ela esconderia?

– Não precisa ficar com medo de nada – disse ele, agarrando a sua mão.

Porém, soltando a mão de Leo, Margo simplesmente girou o rosto para o outro lado, sem dizer nada.

Ele foi tomado por uma enorme frustração, pois não conseguia entender nada. Mais uma vez, ele ficava alheio a um assunto importante. Mais uma vez, ele se sentia rejeitado, pois Margo claramente não confiava em Leo. Mas ele não faria pressão, ele não imploraria.

Relutante, Leo se afastou da cama, perguntando:

– Você quer beber ou comer alguma coisa? Quer algo que tenha deixado em casa? Quer um pijama, alguma roupa?

Ela continuava olhando para o outro lado do quarto ao responder:

– Não, obrigada.

Ele odiava aquele tom formal de Margo, embora no mesmo dia de manhã tenha chegado à conclusão de que seria o melhor para todos. No entanto, tudo mudara. A sua conversa entre as oliveiras, e os terríveis acontecimentos posteriores, fizeram com que *ele* mudasse. E Margo também mudou... embora não da maneira como ele gostaria.

Tudo parecia indicar que Margo queria ficar bem longe dele. Mas Leo não a deixaria sozinha, por mais que ela implorasse, e se sentou em uma cadeira próxima à cama, e esperou...

Os dois ficaram um bom tempo mudos, e Margo acabou caindo no sono.

QUANDO ELA acordou, o quarto estava escuro, mas Margo notou a presença da mão de Leo bem perto do seu corpo.

– Eu tive um sonho terrível – ela sussurrou, pois sonhara com Annelise, o que não acontecia há tempos. – Foi terrível... simplesmente terrível.

– Mas foi apenas um sonho, Margo – disse Leo. – Não foi real. Está tudo bem. O bebê está bem.

Ela fez que sim e engoliu em seco, querendo e precisando acreditar no que ele dizia. Porém, no seu sonho, ela revivera seu pior pesadelo, e estava morta de medo de que tudo acontecesse novamente em sua vida. Mas Leo não entendia nada, nem poderia entender, pois ela não lhe contara.

– Não me deixe sozinha – ela pediu.

Leo apertou sua mão e respondeu:

– Eu não vou fazer isso. Eu não vou te deixar sozinha, Margo.

– Leo... você poderia me dar um abraço? – ela pediu, com um fiapo de voz.

Leo não respondeu nada, mas Margo entendeu a sua recusa. Eles não tinham esse tipo de relacionamento, esse tipo de casamento...

Porém, logo depois, ele se levantou e afastou os lençóis da cama de Margo. Leo tirou os sapatos dos pés e se deitou ao lado dela, tomando-a em seus braços, com muito cuidado.

Margo se entregou àquele abraço, sentindo o cheiro de Leo. Ela precisava disso... precisava dele... e não seria capaz de explicar essa necessidade com palavras.

E ele não disse nem perguntou nada, simplesmente a abraçou, acariciando seus cabelos, e ela finalmente sentiu o pânico que tomara conta do seu corpo amainar. Margo começava a relaxar...

Deitada naquela cama, abraçada a Leo, ela sentiu uma pontada de arrependimento por ainda não ter lhe contado nada...

E sentiu um nó se formando em sua garganta.

Porém, em algum momento, Margo deve ter caído novamente no sono, pois ao acordar a luz do sol atravessava as cortinas da janela do quarto daquele hospital, e Leo continuava deitado ao seu lado.

Margo ficou olhando para ele. Leo estava com os olhos fechados, a mandíbula trincada e os lábios rosados. E ela sentiu uma vontade enorme de beijar aqueles lábios...

Mas a porta do quarto se abriu e uma enfermeira entrou, carregando uma máquina.

– Chegou a hora de fazermos uma revisão – disse a mulher.

– Você fala inglês? – perguntou Margo.

– Falo, o senhor Marakaios solicitou alguém que falasse inglês para atendê-la – disse a enfermeira. – Também poderia ser um funcionário que falasse francês, mas ninguém por aqui fala muito bem essa língua.

Leo se despertou, um pouco perdido ao ouvir a conversa delas duas, e perguntou a Margo:

– Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se levantou da cama e deixou que a enfermeira fizesse o seu trabalho.

Leo aproveitou para sair do quarto e comprar um café.

– O médico virá em pouco tempo para fazer uma ultrassonografia – disse a enfermeira. – Enquanto ele não chega, você poderá tomar o seu café.

Margo fez que sim, e logo depois Leo voltou ao quarto, com uma xícara de café e outra de chá de gengibre.

– Eu sei que você gosta desse chá... – disse ele.

– Você sempre pensa em tudo, Leo.

– E você não gosta de saber que eu sempre penso em tudo? – ele perguntou.

– Claro que gosto. Eu não estou acostumada a ter gente assim ao meu redor.

Leo franziu a testa e Margo desviou o olhar. Ela ainda não estava pronta para lhe contar toda a verdade. E ele certamente teria muitas perguntas a lhe fazer.

Após o café, o médico chegou no quarto.

Ao ouvir o som das batidas do coração do bebê, Margo exclamou:

– Eu estou sentindo o bebê! Desde ontem eu não sentia nada, mas agora estou sentindo novamente...

– O bebê está em perfeitas condições – disse o médico, que falava inglês e sorria. – Aliás, tudo parece estar em perfeitas condições. Você fará sua ultrassonografia das vinte semanas em poucos dias, e nós vamos dar uma olhada na placenta antes. Agora, você pode voltar para casa.

Ela se vestiu e os dois caminharam em direção ao carro. Já sentados, ele disse, com uma expressão séria no rosto:

– Margo, nós precisamos conversar. – O corpo de Margo ficou tenso, e ela olhava para fora da janela, mas Leo insistiu: – O que você está escondendo de mim? – ele perguntou. – Eu sei que você está me escondendo alguma coisa importante.

– Não é nada importante – ela retrucou.

– Claro que é importante. Você parecia muito assustada lá no hospital.

– Eu estava assustada, Leo... eu estava morta de medo de perder o meu bebê.

– O *nosso* bebê – ele a corrigiu. – Mas não fuja do assunto, Margo. Por favor.

Ela continuou olhando através da janela, sem dizer nada mais. Eles seguiram em silêncio até a propriedade dos Marakaios.

CAPÍTULO 12

QUANDO CHEGARAM em casa, Leo ajudou Margo a descer do carro.

Xanthe, Ava e Maria estavam paradas na entrada de casa.

– Está tudo bem? – perguntou Ava.

– Sim... e o mais importante é que o bebê está em perfeitas condições – respondeu Margo, sorrindo.

Maria murmurou algumas palavras de agradecimento aos céus, fazendo o sinal da cruz.

– Eu vou levar a Margo lá para cima – disse Leo. – A noite foi longa, e nós não dormimos muito bem no hospital.

Na verdade, há meses Margo não dormia tanto quanto dormira naquele hospital, nos braços de Leo. Mas Leo devia estar cansado, claro...

– Eu preciso tomar um banho e mudar de roupa – disse ele, assim que fechou a porta do quarto. – E você também deve estar querendo se refrescar. Depois a gente conversa.

– Eu estou muito cansada, Leo... – ela comentou. – E preciso descansar.

– Você terá muito tempo para descansar hoje à tarde, mas antes nós temos muito o que conversar, Margo – ele insistiu.

E hesitou, parecendo querer dizer algo mais. No entanto, resolveu virar as costas e sair do quarto.

Margo foi até o banheiro e ficou observando seu reflexo no espelho. Depois ligou o chuveiro e ficou olhando a água cair, desejando que Leo estivesse ao seu lado. Os dois tinham tomado banho juntos em vários dos seus encontros... e era sempre uma delícia.

Mas ela mudara...

E em pouco tempo Leo voltaria ao seu quarto, pedindo resposta às suas perguntas... e Margo rezou para conseguir ser honesta e responder a tudo.

Ela tomou banho, vestiu uma roupa confortável e ouviu uma batida à porta. Era Leo, ainda com os cabelos úmidos do banho, vestindo camiseta e jeans, uma roupa que deixava em evidência todos os músculos do seu corpo perfeito.

Ele se aproximou e se sentou bem perto de Margo, ao lado da janela.

Os dois ficaram mudos por um bom tempo, o único som por ali era o da sua respiração e do vento nas folhas da árvores.

– Eu não sou quem você pensa que sou – disse Margo, finalmente.

– E quem você acha que eu penso que *você* é? – perguntou Leo.

– A mulher que você conheceu em um bar de hotel. Uma mulher glamorosa, confiante, sexy. E eu não estou tentando bancar a arrogante, mas adoraria ser esse tipo de mulher... – disse ela, deixando escapar uma risada nervosa.

– Sendo assim, que é você? – ele perguntou.

– Uma mulher comum, uma francesa de Marselha...

– E como uma mulher comum de Marselha conseguiu se transformar na pessoa confiante que eu encontrei em Paris? – ele perguntou.

– Graças a uma pitada de sorte e muito trabalho, eu diria – ela respondeu. – No entanto, bem lá no fundo, eu nunca deixei de ser a mulher comum de Marselha que sempre fui.

– Isso não significa que você continue sendo essa mulher, Margo... Aliás, eu acho que ninguém se sente a mesma pessoa o tempo todo – disse ele.

– Você está querendo dizer que nem sempre se sente como um diretor de empresas frio, calculista e todo poderoso?

– Eu sou uma exceção... – disse ele, sorrindo.

– Ah, Leo... se você soubesse como foi a minha infância.

– E por que você não conta? – ele sugeriu.

– Eu frui criada com um pé na rua – disse ela. – A minha mãe era viciada em drogas. Eu demorei a perceber isso... mas as drogas regiam a vida da minha mãe.

Ela imaginou que Leo ficaria chocado, mas a expressão em seu rosto era de calma.

– Eu sinto muito – disse Leo.

– Foi horrível... e como foi...

– E ela foi capaz de cuidar de você? – ele perguntou.

– Mais ou menos... No início sim, mas o vício foi crescendo... No entanto, eu consegui sobreviver. E o meu pai saiu de casa quando eu tinha quatro anos, eu mal me lembro dele.

– Isso deve ter sido uma barra...

– E foi...

Por que esse homem saiu de casa? Que tipo de homem é capaz de abandonar sua própria família? Será que a mãe de Margo era mesmo tão terrível? Essas perguntas surgiram imediatamente na cabeça de Leo.

– Quando ele foi embora, minha mãe decaiu ainda mais – disse ela.

E Margo ficou muda após ter dito isso, pois não queria lhe dar maiores detalhes, não queria ser obrigada a reviver um passado tão terrível. Acima de tudo, ela não queria ser obrigada a falar sobre Annelise.

– Margo? Eu quero saber mais... – ele pediu, mantendo um tom de voz calmo e sereno. – Se ela não cuidou de você, como você conseguiu sobreviver?

Ela deu de ombros, dizendo:

– Eu passei por várias casas de pais adotivos... até ficar com idade suficiente para cuidar de mim mesma.

– E quantos anos você tinha quando isso aconteceu?

– Sete... ou oito? Mas eu quase nunca deixava de ir à escola, isso não.

– Ah, Margo... Por que você nunca me contou nada disso? – ele perguntou.

– Eu não gosto de falar sobre a minha infância... Não gosto mesmo. É muito difícil. E a verdade é que o nosso relacionamento não era tão íntimo, Leo.

– E agora é mais íntimo? – ele perguntou.

– Eu... eu não sei...

– Fale mais sobre a sua infância – ele pediu.

– Eu poderia contar alguns detalhes – disse ela, fechando os olhos –, mas você já deve estar imaginando. E não foi uma infância bonita, Leo.

– Eu sei... Mas existe algo mais, certo? Algo que você não quer me contar.

– Existe, sim – ela respondeu, respirando fundo. – Quando eu tinha onze anos, minha mãe teve um bebê. Uma meia-irmã para mim. E essa menina não tinha pai... O nome dela era Annelise.

– Era? – perguntou Leo assustado. – O que aconteceu com ela?

– Ela... morreu.

E Margo fechou os olhos, querendo evitar uma série de lembranças terríveis.

– Eu sinto muito, Margo – disse ele, baixinho.

– A minha mãe teve sorte ao não terem afastado Annelise da sua vida logo no início... No entanto, naquela época, eu estava conseguindo frequentar a escola sem sobressaltos, e a minha mãe parecia controlar o seu vício.

Leo não disse nada, mas ficou de boca aberta, escutando aquelas palavras.

– Isso é ridículo, eu sei – comentou Margo –, pois os vícios não podem ser facilmente controlados. Porém, ao saber que estava grávida, ela parou com tudo.... até Annelise nascer e ser levada para casa.

– E depois? – ele perguntou. – O que aconteceu?

– Assim que Annelise chegou em casa, ela perdeu o interesse no bebê. Mas eu não me importava, pois gostava de cuidar dela. Eu *adorava* fazer isso.

– E a escola?

– Eu parei de ir à escola. E fiz isso porque Annelise precisava de mim. Eu disse que nos mudaríamos, e ninguém da escola achou estranho... Foi bem fácil, na verdade. E eu descobri logo cedo que é muito fácil enganar as autoridades.

– E você ficou em casa, tomando conta da Annelise? – ele perguntou. – Mas como vocês ganhavam dinheiro para sobreviver? Como pagavam as contas, as despesas?

– Nós recebíamos uma quantia do governo. E a minha mãe, às vezes...

Ela hesitou, pois não queria dizer o que sua mãe fazia para conseguir comprar as drogas.

– Ela encontrou uma maneira de conseguir dinheiro, certo? – perguntou Leo.

– Sim... ela se vendia... para os homens... em troca de dinheiro – admitiu Margo.

Leo estava tenso, com a mandíbula trincada.

– Mas o que aconteceu com você e Annelise?

– Eu fui a mãe dessa menina... eu fazia tudo por ela. *Tudo*. E ela me chamava de Go-Go.

– E como ela morreu? – perguntou Leo.

– Uma gripe... Uma gripe... Ela pegou gripe, eu cuidei dela. Dei remédio... Ela dormia na minha cama, mas... A febre subiu e eu fiquei morta de medo. No entanto, se a levasse ao hospital as autoridades a afastariam de mim... Isso eu não aguentaria, e resolvi dar um banho frio e mais remédios...

– E então?

– Ela começou a ter convulsões. Eu implorei à minha mãe que a levasse ao hospital, mas ela... a minha mãe não estava em condições. E eu resolvi levar Annelise sozinha. Quando cheguei lá... uma enfermeira a tirou do meu colo... mas ela já estava morta.

Ela baixou a cabeça, lembrando-se da enorme dor que sentiu naquele momento.

– A culpa foi minha – disse ela. – Annelise morreu por culpa *minha*.

Ela nunca dissera isso em voz alta... nunca admitira sua culpa a ninguém, nem a si mesma.

– Ah, Margo – disse Leo, tomando-a em seus braços. – Eu sinto muito, muito mesmo.

E eles ficaram mudos por um bom tempo. E Leo manteve Margo entre seus braços.

– A culpa não foi sua, Margo, e você sabe disso. Você tinha apenas doze anos. Você nunca deveria ter assumido uma responsabilidade tão grande.

– Eu não era uma criança. A culpa foi minha sim. Se eu tivesse indo antes ao hospital, ela poderia ter tomado antibióticos. A febre poderia ter sido controlada. É possível que a tivessem afastado de mim, mas ela estaria viva.

– E o que aconteceu depois disso tudo? – ele perguntou.

– Eu fui enviada a casa de uns pais adotivos... e passei por várias casas. Foram anos muito duros. Eu sentia muita falta da Annelise... e fiquei um pouco perdida. Foi muito complicado para mim.

E todo mundo que conhecia Margo acabou se afastando dela...

– Quando fiz dezesseis anos – disse Margo, após uns minutos calada –, eu finalmente me tranquilizei. E fiquei um ano inteiro com uma família. Eles foram bons para mim. Eles me ajudaram a encontrar um trabalho...

– E você mantém o contato com eles?

– Não. A nossa relação não era assim. Eles tinham vários filhos adotivos, eu era apenas mais uma. Nós trocamos algumas cartas, durante um tempo, mas... Eu sou grata por eles. Sou mesmo... E eu não culpo nenhum dos meus pais adotivos. Todos eles foram legais comigo, o problema sempre fui *eu*. Essas pessoas não eram obrigadas a cuidar de ninguém. Elas faziam isso porque queriam. E se esforçavam... mas eu era muito complicada, e a culpa era minha...

– Mas você era uma criança – disse Leo. – Uma criança vivendo uma situação incrivelmente difícil.

– Sim, mas eu era muito madura para a idade que tinha. Eu poderia ter me... controlado um pouco.

– É por isso que você morre de medo que algo aconteça com o nosso bebê? – ele perguntou. – Por conta do que aconteceu com Annelise?

Ela fez que sim com a cabeça, dizendo:

– Eu sei que isso não é racional, mas todo mundo que passou pela minha vida acabou me abandonando em algum momento. E Annelise... perder Annelise foi o pior que me aconteceu. Eu não conseguiria sobreviver a outro baque parecido, Leo. Não conseguiria mesmo.

– E nem precisa – disse ele.

– Mas é impossível...

– Eu não tenho uma bola de cristal para prever o futuro, claro que não. Mas você pode acreditar em mim, Margo. Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance... absolutamente tudo... para ajudar a salvar você e o nosso filho. Você nunca se decepcionará comigo, pode acreditar.

– Obrigada – ela murmurou, depois curvou a cabeça, aproximando-se ainda mais dele, roçando seus lábios nos dele. Foi apenas um leve roçar de lábios, um beijo nada sensual nem romântico, mas... incrivelmente profundo e delicado.

– Obrigado por me contar tudo isso – disse ele. – Obrigado por confiar tanto em mim.

– Sinto muito por não ter feito isso antes... – ela sussurrou.

– Como você mesma disse, nós não tínhamos esse tipo de relacionamento.

E passaram a ter? Margo não tinha tanta certeza disso. Estaria a altura do que Leo queria em uma esposa?

– Você deveria descansar – disse ele. – Os últimos dias foram muito agitados para nós dois.

– Foram mesmo. Você tem toda a razão.

Ela não se sentia cansada, mas sua mente não parava quieta. Ela acabara de despejar uma enorme carga emocional nos ombros de Leo. E se ele a considerasse complicada demais para seguir em frente?

Cansada de pensar em tantas coisas que não poderia responder, ela decidiu se manter ocupada. Por isso foi ao quarto reservado para o seu filho e começou a pensar em ideias para decorá-lo.

Há semanas que ela não utilizava sua mente criativa, e seria bom pensar em algo que não envolvesse ansiedade nem medo. Seria bom se lembrar da sua carreira, do trabalho que ela sempre gostou tanto de fazer. Seria bom ver que poderia colocar seus conhecimentos em prática, ainda que em escala menor, mas em nome do seu filho.

E Margo passou horas planejando e sonhando com o quarto do seu futuro filho. Nesse momento, ela chegou à conclusão de que já era hora de se esquecer do passado, de toda aquela dor. E também que já era hora de seguir em frente com Leo, transformando o que tinham em comum em um casamento real. Um casamento repleto de amor.

Se ela fosse capaz, claro.

CAPÍTULO 13

NOS DIAS após ter conhecido toda a verdade sobre a infância de Margo, Leo não parava de pensar no que ela lhe revelara... o que parecia explicar seu estranho comportamento.

Ele estava começando a entender porque Margo resolvera se casar pelo bem do filho que gerava.

Após uma infância como a dela, a estabilidade familiar seria o maior valor que Margo desejaria passar ao seu filho... ainda que não amasse o homem que estivesse ao seu lado.

E ele ficou pensando. Será que amava Margo? E seria capaz de amá-la? Ele sem dúvida admirava sua força e seu espírito, além de sua devoção a um filho ainda não nascido. Além do mais, ele se sentia fortemente atraído por ela. Quanto a isso não restava qualquer sombra de dúvida. Se quisesse, ele baixaria totalmente a guarda frente àquela mulher.

No entanto, será que um casamento por conveniência poderia se transformar em algo mais? E será que ele queria isso? Margo o rejeitara uma vez. E ele já conhecia o motivo de tal rejeição... Mas será que ela seria capaz de repetir a mesma história?

Pelo menos tudo parecia mais fluido entre eles: os dois faziam mais refeições juntos e conversavam sobre assuntos mundanos. Margo chegou a lhe mostrar seus primeiros projetos para a decoração do quarto do bebê.

Eles estavam reconstruindo a amizade que nutriam antes do pedido de casamento feito por Leo, e desta vez a amizade parecia muito mais profunda, muito mais real.

Certa manhã, logo após o café, Leo contou a Margo que Antonios e sua esposa, Lindsay, viriam visitá-los após o Natal.

– E você está animado? – ela perguntou.

– Acho que sim – respondeu Leo.

Ele não via o irmão desde o funeral da mãe, quando Antonios e Lindsay se mudaram para Nova York, e Leo permaneceu como chefe das empresas familiares. Ele e Antonios tinham feito as pazes, mas a situação ainda era estranha, pois Leo não sabia como se sentiria frente a frente com o irmão após tudo o que acontecera.

– Vai ser bom conhecer mais gente da sua família – disse ela. – É uma pena que eu não possa fazer o mesmo.

O tom de voz de Margo era tranquilo, mas Leo notou uma pitada de tristeza.

– Nós teremos uma família por aqui – disse ele.

– Que lindo, Leo...

– É verdade – disse ele.

– E continua sendo lindo.

Naquela tarde, eles foram a Amfissa para fazer a ultrassonografia de vinte semanas de Margo. Na última vez que foram ao hospital, chegaram de ambulância, em pânico e mortos de medo. Ao entrar no estacionamento, Leo notou que Margo parecia um pouco tensa. Talvez estivesse se lembrando da mesma coisa que ele...

E Margo só ficou mais calma quando entrou na sala de exames e viu o bebê se movendo no interior da sua barriga.

O médico passou um bom tempo tirando as medidas, checando as batidas do coração, os movimentos dos pulmões, os dedos dos pés e das mãos. Leo ficou o tempo todo segurando a mão de Margo.

– Está tudo bem – disse o médico, e os dois suspiraram aliviados. – A placenta está começando a se recuperar, e ficará tudo bem até o nascimento. Mas nós vamos nos manter atentos a isso. Caso a placenta não se recupere completamente, seria bom conversarmos sobre o agendamento de uma cesariana.

Margo fez que sim, com o rosto pálido.

Leo sabia que ela faria qualquer coisa para manter o seu filho saudável e em segurança.

– Vocês querem saber o sexo? – perguntou o médico. – Eu poderia revelar... mas só se vocês quiserem.

– Você poderia escrever – pediu Leo – e guardar o papel em um envelope. Nós gostaríamos de abrir o envelope juntos.

– No dia de Natal – disse Margo. – Seria um presente para nós dois.

Leo sorriu para ela, e Margo sorriu para ele. Seria uma delícia descobrirem o sexo do bebê juntos.

MARGO ESTAVA determinada em passar um lindo dia de Natal. Os natais da sua infância tinham sido cinzentos, nada mais do que um dia a ser vencido, como todos os outros. Adulta, ela sempre decorou seu apartamento e trocava presentes com Sophie, mas nunca celebrou nada. Naquele momento, com uma casa e uma família para chamar de sua, ela queria tudo o que pudesse ter.

Leo também lhe revelou que nunca tivera uma noite de Natal tradicional. Na Igreja Ortodoxa Grega, a Páscoa é muito mais importante do que o Natal. Se não fosse por um almoço no dia do Natal e uma troca de presentes no dia de Reis, as festividades natalinas passavam quase em branco nas casas gregas.

– Mas eu acho que nós temos muito o que celebrar este ano – disse ele. – Sendo assim, eu não me importo em alterar os planos.

Nem Margo.

Ela queria manter o espírito grego vivo, e resolveu incluir no cardápio delícias da culinária do país. Com a ajuda de Maria, fez um lindo *christopsomo*, um pão redondo decorado com uma cruz presente em todas as mesas natalinas gregas.

Leo comprou uma árvore de Natal natural e Margo preparou os ornamentos junto com a sobrinha de Leo, que os visitou.

Tudo parecia bom demais para ser verdade, maravilhoso demais para confiar plenamente... No entanto, a cada novo dia, Margo sentia ainda mais fé no seu futuro... embora não soubesse o que aconteceria com o seu casamento.

As coisas melhoraram, sem dúvida, e o relacionamento deles já se afastara do plano meramente profissional. No entanto, eles nunca conversavam sobre o futuro, nunca discutiam o que sentiam um pelo outro, e Margo não parecia capaz de confessar que seus sentimentos cresciam e pareciam a ponto de virar amor. O problema é que ela continuava morta de medo de terminar com o coração em frangalhos.

No entanto, havia muito o que desfrutar.

Eles foram a Amfissa, na véspera do Natal, para uma missa noturna. As missas bizantinas eram diferentes das que Margo conhecia, e também os cânticos, mas ela estava gostando de tudo o que via.

Já em casa, Ava e Xanthe foram para os seus quartos. A lareira estava acesa na sala e Leo pegou um envelope no seu bolso.

– Abrimos? – ele perguntou.

– O Natal ainda não chegou – disse Margo.

– Já passou da meia-noite... Vamos abrir juntos, para vermos ao mesmo tempo.

– Tudo bem – concordou Margo.

E abriram o envelope, onde leram uma frase escrita em inglês pelo médico.

É um... menino!

– Um menino... – repetiu Margo, pensativa.

Ela estava animada, era uma delícia descobrir o sexo do seu filho. E isso, como ela imaginava, tornava o fato de estar grávida *mais* e *menos* real ao mesmo tempo.

Margo pousou as duas mãos no ventre, dizendo:

– Um filho. Nós vamos ter um *filho*... – E olhou para Leo, que parecia perdido entre seus sonhos. – Você está feliz?

– Eu estou muito feliz. E você? – ele perguntou, também pousando a mão no ventre de Margo.

– É estranho... e difícil de acreditar...

– Eu entendo o que você quer dizer. Mas você não está... desapontada, certo?

– Desapontada? E por que eu estaria desapontada? – ela perguntou.

– Por conta de Annelise.

– Nenhuma menina substituiria Annelise, Leo – disse ela.

– Eu sei. Ela não poderia ser substituída. Mas uma menina poderia aliviar um pouco...

– Não. É melhor assim. Um recomeço para todos nós.

E Leo deve ter entendido o seu recado, pois Margo viu que seus olhos brilhavam.

– Margo... – disse ele, beijando sua boca. Foi um beijo suave. Primeiro no rosto, depois ele repetiu o mesmo beijo na barriga que carregava o seu filho.

Aquele foi o momento mais perfeito e mais íntimo da vida de Margo.

– Eu te amo – disse ele, de repente, e ao ouvir tais palavras ela sentiu um frio na espinha. – Eu te amo muito. Mas... eu só quero te amar se você também me amar.

A vulnerabilidade estampada no rosto de Leo a deixou sem ar. Aquelas palavras, guardadas a tanto tempo, pareciam capazes de ferir.

– Eu te amo, Leo – disse ela, segurando o seu rosto com as duas mãos. – Eu te amo muito.

– E está certo isso...?

– O médico disse que sim – ela respondeu, sorrindo. – E nós não precisamos nos preocupar com controle de natalidade.

Ele sorriu ao ouvir isso e a beijou novamente, desta vez com mais ímpeto.

– Vamos subir? – ele murmurou, depois começou a beijar a nuca de Margo.

– Não, vamos ficar por aqui mesmo – disse ela, começando a desabotoar a camisa de Leo.

Aquilo parecia uma noite de núpcias, sensação que era potencializada graças à lareira acesa e às luzes da árvore de Natal. Ao redor deles dois, a casa estava tranquila e reinava a escuridão.

Ao tirar a camisa, ele revelou seu peito musculoso, sua pele bronzeada e ao mesmo tempo macia, e Margo beijou o pescoço de Leo, louca de vontade de sentir novamente aquele sabor irresistível. Leo deixou escapar um gemido, depois disse:

– Assim você me mata ainda antes de fazermos qualquer coisa...

– E isso seria ruim?

– Seria péssimo... pois eu quero saborear cada momento.

Sorrindo, ele abriu o zíper do vestido de Margo, que caiu no chão. Ela ficou um pouco sem graça por conta da roupa íntima que vestia, feita especialmente para mulheres grávidas. Aliás, era a primeira vez que ele a via quase sem roupa... e com uma barriguinha...

– Você está linda... – disse ele.

– Mesmo grávida? – ela perguntou.

– Especialmente por estar grávida – disse ele. – Saber que você está carregando o meu filho torna tudo isso muito mais especial.

Ele curvou o corpo e beijou a barriga de Margo, depois a deitou sobre o tapete da sala.

Margo o encarava, completamente entregue ao momento e a Leo.

Ele beijou seus seios, descendo até as suas coxas. Margo gemeu quando ele a beijou bem no centro do seu corpo, e abriu suas pernas, deixando-o ainda mais à vontade.

– Agora chegou a minha vez – disse ela, sorrindo, e Leo ergueu uma das sobrancelhas.

– Se você insiste... – disse ele, deixando escapar um gemido quando Margo começou a beijá-lo, bem lentamente, saboreando cada segundo.

Ao chegar à sua cintura, ela libertou seu membro do interior da cueca boxer, depois o acariciou com uma das mãos, e finalmente o tomou em sua boca.

– *Margo...* – ele sussurrou.

Após ser acariciado da melhor maneira possível, ele se postou em cima dela e os seus corpos começaram a se mover em uníssono, em uma crescente que os levariam ao êxtase.

Margo deixou escapar um grito ao chegar ao clímax, e Leo a agarrou com força quando alcançou o mesmo ponto máximo de prazer.

– Para a nossa sorte, hoje Maria não desceu para pegar um copo de leite... – disse Leo.

– Será que ela não veio mesmo? – perguntou Margo assustada.

– Ela costuma fazer isso, mas pode ficar tranquila. Ninguém passou por aqui.

– Que bom...

– Eu estava há tanto tempo desejando...

– Desde que nós nos separamos, você nunca mais...?

– Não. Desde aquele dia, eu nunca mais estive com ninguém, Margo.

– Eu também não, Leo. Você acredita em mim?

– Acredito.

Ele respondeu com tanta firmeza que Margo relaxou entre seus braços, pois fazer tal pergunta a deixou tensa, muito tensa.

E os dois ficaram deitados no chão da sala, em silêncio, sentindo o calor dos seus corpos. Margo estava mais contente do que nunca. Aquilo, ela pensou, era o amor verdadeiro, e o seu casamento se tornaria real. Ela só esperava que durasse...

CAPÍTULO 14

ALGUNS DIAS após o Natal, Antonios e Lindsay chegaram para visitá-los, vindos de Nova York. Margo passou horas preparando tudo, supervisionando os pratos que seriam servidos, cuidando da decoração, e finalmente se arrumando para a ocasião. Ela estava nervosa, pois conheceria o irmão de Leo e sua esposa.

O relacionamento de Margo e Leo se fortalecera nos últimos dias, mas ela continuava se sentindo frágil. Eles ainda não tinham repetido aquelas três palavras mágicas, e Margo ficava pensando se o comprometimento de Leo seria mantido... ou se o perderia para sempre.

Ela sabia que coisas ruins acontecem o tempo todo... mas não aguentaria uma má notícia naquele momento.

Com a chegada iminente de Antonios, Leo passou mais tempo no escritório, chegando tarde à cama. No entanto, eles pelo menos começaram a dormir na mesma cama. E nem precisaram conversar sobre isso. Leo simplesmente se deitou ao lado dela na véspera de Natal, após terem feito amor. E continuaram a dormir juntos desde então, para a alegria e alívio de Margo.

Na noite anterior, ela reuniu todas as forças para lhe perguntar:

– Eu quero saber o que está acontecendo.

– Não está acontecendo nada – ele respondeu.

– Você está preocupado com a chegada do seu irmão?

– Eu não estou preocupado.

– Mas tem alguma coisa por aí... Você não está agindo normalmente, Leo.

– Eu estou bem – ele insistiu.

E rolou na cama, afastando-se dela, e Margo se recostou nas almofadas, mais ferida do que seria capaz de admitir para si mesma.

– Deixa isso para lá – ele pediu, murmurando, e os dois dormiram sem dizer mais nada.

Após acordar, ele estava no pórtico, sentindo a brisa suave que soprava naquele dia, e Antonios e Lindsay chegaram em seu carro.

Naquela manhã, Margo sentiu que Leo estava um pouco distante. Aparentemente, o relacionamento deles dois não avançara tanto quanto parecia até então. Mais uma lição aprendida.

Lindsay desceu do carro, acenando. Ela era linda, e sorriu para Margo. Há alguns dias, Leo lhe dissera que Lindsay sofria de fobia social, mas que com a ajuda de Antonios ela estava conseguindo se recuperar. Margo queria ser o mais amável possível com a cunhada.

– É um prazer enorme conhecê-la – disse Margo.

– O prazer é todo meu – respondeu Lindsay. – Mesmo não sabendo muita coisa sobre você, Margo.

E olhou para Leo, piscando o olho.

Margo sabia que Lindsay não tinha a menor ideia sobre o relacionamento conturbado deles dois. E certamente não saberia sobre o que estava acontecendo desde a noite anterior.

Quando Antonios saiu do carro, Margo notou certa tensão no ar. Para a sua sorte, Leo resolvera se reunir com o irmão no seu escritório, pois assim poderiam conversar tranquilamente.

Enquanto isso, Margo foi passear com Lindsay, chegando aos jardins.

– Que lindo! – disse ela, assim que entrou em casa. – Foi você quem decorou tudo?

– Sim, eu queria um Natal com tudo o que tem direito – respondeu Margo, um pouco tímida.

– Eu adorei. E não seria capaz de fazer a metade no meu apartamento de Nova York. Eu não tenho jeito para esse tipo de decoração de festa. Aliás, eu não tenho jeito para quase nada além dos números.

– Duvido... – disse Margo.

Leo lhe dissera que Lindsay era uma brilhante matemática, e que dava aulas em uma universidade de Nova York. Naquele momento, embora Lindsay sofresse de fobia social, a ansiosa era Margo... e eram muitas as razões para tamanha ansiedade.

Xanthe, Ava e Parthenope surgiram na sala, abraçando Lindsay efusivamente. Logo depois, Maria serviu café para todas.

Margo tinha de se manter confiante... e tudo daria certo.

No entanto, falar é muito mais fácil do que fazer.

– Leo é muito misterioso – disse Lindsay –, eu nem sabia que ele estava namorando.

Margo ficou ainda mais tensa.

– Ele gosta de ser discreto, eu imagino... – disse ela.

– E você, Lindsay? – perguntou Xanthe. – Antonios apareceu aqui, com você debaixo do braço, sem nunca ter dito nada a ninguém!

– É verdade – disse Lindsay, sorrindo.

– Essa história parece interessante – comentou Margo, querendo mudar a direção da conversa.

E Lindsay lhe contou sobre como conheceu e se casou, em apenas uma semana, com Antonios, tudo em Nova York.

– A gente reconhece o momento certo, você não acha? – ela perguntou, sorrindo e piscando o olho para Margo.

No entanto, para Margo isso era muito complicado. Após tantas decepções, entregar-se nunca parecia uma opção segura em sua vida.

Passado um tempo, Leo e Antonios finalmente apareceram na sala de estar. Margo olhou para Leo, mas não conseguiu decifrar nada em sua expressão, e ficou imaginando o que teria acontecido entre os irmãos.

O grupo começou a falar sobre a família de Parthenope, que Margo não conhecia. No entanto, ela ficou feliz com a mudança de rumo na conversa e disse a si mesma que tudo terminaria bem.

Ela precisava acreditar nisso. No mínimo, deveria tentar fazer com que tudo desse certo.

LEO SE sentou na frente de Margo, e mal parecia ouvir a conversa dos demais. Na verdade, a conversa com Antonios continuava reverberando em sua mente.

Fora estranho voltar a se sentar com o irmão, naquela mesma casa onde passaram sua infância... Leo estava tenso, e Antonios, com a testa franzida, também estaria.

Eles poderiam fingir terem se esquecido de tudo, mas as lembranças não podem ser apagadas de um dia para o outro...

Aliás, se Leo não conseguia seguir adiante com Antonios, que era seu irmão, como conseguiria seguir adiante com Margo? E o pior é que morria de vontade de voltar a confessar que a amava, pois queria ganhar sua confiança.

– Como vai o seu casamento? – perguntou Antonios, quebrando o silêncio.

– Vai bem – respondeu Leu, em tom seco.

– Eu nem sabia que você estava namorando.

– A verdade é que a gente não costuma conversar sobre essas coisas, Antonios. Aliás, você também não me contou nada antes de se casar com Lidsay, lembra?

Antonios fez que sim com a cabeça, e os dois não disseram nada mais até se sentarem com o grupo reunido na sala de estar.

Leo não parava de olhar para Margo. Ela escutava o que todos diziam, mas parecia tensa, talvez infeliz, e provavelmente preferia estar bem longe dali.

Tudo o que Leo queria, naquele exato momento, era ser capaz de ler os pensamentos de Margo.

– ESTÁ TUDO bem entre você e Antonios – perguntou Margo, enquanto se preparavam para dormir.

– Sim, normal. Como deveria estar, eu acho...

Margo soltou os cabelos, e Leo sentiu o mesmo frisson de sempre...

– Eu não entendo – disse ela. – O que você quer dizer com isso?

– Nós passamos dez anos vivendo uma série de problemas, e não é tão simples nos esquecermos de tudo.

– Não mesmo – ela concordou.

Leo sabia que Margo estaria pensando em seus problemas do passado.

– Mas você acha que tudo vai melhorar com o passar do tempo? – ela perguntou.

– Talvez – ele respondeu, dando de ombros, mas não soava muito esperançado.

Querendo interromper aquela conversa, ele se aproximou de Margo, tomando um cacho de cabelo entre os dedos. Ela sorriu, e Leo beijou sua boca.

Eles tinham feito amor várias vezes desde a véspera do Natal, a química entre os dois continuava explosiva, e na última semana a intimidade parecia cada vez maior.

Margo deixou escapar um leve suspiro, e logo depois se afastou.

– O que foi? – ele perguntou.

– Os medos normais de qualquer grávida – respondeu Margo. – Eu estou me sentindo gorda.

– Gorda? Margo, você não está nem remotamente gorda. Você está linda! Eu gosto ainda mais do seu corpo agora...

– Isso é mentira!

– Você duvida?

– Duvido.

– Sendo assim, eu deveria provar que estou falando a verdade – disse ele, curvando o corpo e tomando seus mamilos na boca. Primeiro um, depois o outro.

Margo deixou escapar um gemido de prazer, depois o encarou com um olhar lascivo.

– Satisfeita? – ele perguntou.

– Não exatamente...

– Quer dizer que eu tenho que continuar provando que estou sendo sincero?

– Eu acho que sim.

E ele desceu o corpo, postando-se entre suas coxas.

– Eu posso provar o quanto você quiser...

– Então, prove – disse ela, num sussurro.

NO DIA seguinte, Leo e Antonios voltaram ao escritório, desta vez para conversar sobre assuntos relacionados às empresas familiares, e Margo se encontrou com Lindsay no quarto que seria do seu filho.

– Oi – disse Lindsay.

– Sinto muito, eu não tinha visto você chegar. Eu estava pensando na cor que deveria colocar nesta parede.

– Leo me disse que você já trabalhou com decoração.

– Eu era compradora de uma loja de departamentos de Paris – respondeu Margo. – Eu comprava artigos de decoração para casas e apartamentos.

– E você sente saudade do seu trabalho? Quando morava aqui, eu morria de saudade das minhas aulas...

– Não exatamente – respondeu Margo. – Mas, às vezes, é estranho não me sentir produtiva nem útil.

– Ontem eu comentei que não sabia nada sobre você e Leo estarem juntos, e isso não é da minha conta. Eu não queria fazer com que você se sentisse mal.

– Mas eu me senti mal, e você notou – disse Margo, com um sorriso.

– Sinto muito.

– Não se preocupe. Foi uma pergunta inocente, eu sei disso. E a verdade é que o meu relacionamento com Leo é... complicado.

– Eu entendo.

– Entende? O seu casamento com Antonios não é um conto de fadas?

– O quê? A vida não é um conto de fadas, e você muito bem sabe disso...

– Eu sei.

– O Leo comentou que eu sofro de fobia social?

– Por alto...

– Assim que nos casamos, Antonios me trouxe para cá e deixou a casa nas minhas mãos. Eu fiquei morta de medo... e sofro de fobia social desde a infância. Portanto, estar ao lado das irmãs e da mãe de Antonios, nesta casa, foi muito complicado.

– Mas você se dá bem com as irmãs dele.

– Nem sempre foi assim...

– Quando eu cheguei aqui com Leo, elas também ficaram com um pé atrás – comentou Margo.

– Aliás, por que vocês se casaram? Você estava namorando? Sinto muito se sou indiscreta, mas a curiosidade é grande demais. No entanto, se você preferir, podemos mudar de assunto.

– Eu já sofri muito na minha vida, Lindsay, e chegar aqui não foi fácil... Eu acho que nós temos muito em comum.

– No mínimo, somos casadas com esses dois irmãos.

– Mas Antonios parece apaixonado por você – disse Margo.

– Antonios pode ser muito cabeça-dura, mas eu estou completamente apaixonada por ele, e ele por mim, e isso faz toda a diferença.

– Sem dúvida – comentou Margo.

E ficou pensando na maneira como ela e Leo fizeram amor na noite anterior. Foi delicioso, mas aquilo seria amor? Na superfície, parecia... mas a verdade é que ela continuava morta de medo, e Leo também parecia um pouco reservado. Nenhum dos dois se abria verdadeiramente ao casamento. Talvez estivessem satisfeitos com o que tinham... talvez fosse o suficiente.

No entanto, ela sabia que queria mais. Ela queria um conto de fadas.

CAPÍTULO 15

MARGO PASSOU um mês decorando o quarto do filho, organizando a casa e conhecendo melhor as irmãs de Leo.... além do próprio Leo.

Eles estavam passando mais tempo do que nunca juntos. Antes, eram apenas finais de semana e jantares. E eles conversavam sobre tudo... de política à música e literatura, além de lugares que gostariam de conhecer. Leo estava se demonstrando tão bom sendo amigo quanto era bom sendo amante.

No entanto, mesmo assim, ela continuava sentindo certa resistência por parte de Leo, e também por parte de si mesma. Eles não voltaram a dizer *eu te amo*, e nunca conversavam sobre o futuro. Além disso, Leo não levara suas coisas definitivamente para o quarto de Margo.

Com o passar das semanas, Margo começou a se perguntar se aquela história seria uma coisa boa, positiva... Se Leo continuasse mantendo a distância, ela também manteria. Talvez os dois devessem realmente continuar desfrutando dos corpos um do outro, mantendo-se em segurança, sem arriscar saírem feridos de algo mais profundo.

Ainda assim, só de pensar em perder Leo, ela se sentia devastada.

NO FINAL do mês de janeiro, Leo entrou em casa, quando ela folheava um catálogo de brinquedos de bebês, e perguntou se Margo poderia acompanhá-lo ao escritório.

– Ao seu escritório? Por quê?

– Eu preciso saber a sua opinião sobre uma coisa.

Surpresa, ela o acompanhou até o seu escritório.

– O que você acha desses aqui? – perguntou Leo, mostrando a ela um set de banheiro de cor verde-oliva.

Franzindo a testa, Margo examinou os itens, analisando o vidro grosso e o cheiro de oliva.

– Parecem coisas caras – disse ela. – Embora o cheiro seja mais de óleo de fritura do que de algo para colocar no banheiro.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Eu já imaginava... E preciso desenvolver uma nova linha de produtos de banheiro para a rede de hotéis Adair, mas acho que estes não servem.

– Mas a ideia é boa – comentou Margo, sorrindo.

– Você poderia aproveitar a sua experiência como compradora – ele sugeriu. – Se quiser, claro. Você tem um bom olho para design, além de muito bom gosto, e poderia dar a sua opinião sobre isto.

Margo ficou olhando para os produtos.

– Você não precisa se dedicar 24 horas a esse trabalho – disse ele. – Eu sei que o bebê está chegando, e que você não seria capaz... Mas você tem muito talento e experiência a oferecer, Margo, e eu gostaria de aproveitar tudo isso.

Após essa conversa, ela começou a frequentar os escritórios das empresas duas vezes por semana... analisando os produtos que a Marakaios oferecia e pensando em projetos de marketing para eles. Ela adorava o trabalho... ainda mais pelo fato de trabalhar ao lado de Leo, em uma parceria verdadeira.

LEO OLHOU para o outro lado da mesa de café e sorriu ao ver Margo equilibrando a xícara de chá no topo da barriga. Seus cabelos estavam soltos e caídos sobre o rosto, a sua expressão era pensativa, enquanto ela lia um jornal sobre artes decorativas. Os dois estavam casados há apenas dois meses, mas estavam agindo como um velho casal, lendo jornais diferentes durante o café da manhã.

Mas Leo não se importava. Ele adorava passar as manhãs ao lado de Margo, ainda que não conversassem um com o outro. Simplesmente estar na sua presença, vendo seu sorriso e observando seus olhos ficarem mais escuros quando trocavam algumas palavras, fazia com Leo ficasse contente.

Semanas antes, Margo lhe perguntara se ele estava feliz, mas Leo não fora capaz de responder. No entanto, ele descobrira... Sim, ele estava feliz ao lado de Margo. Ele estava feliz (e apaixonado) pela sua esposa.

Só de aceitar tal fato ele se sentiu animado, além de um pouco apreensivo. Leo queria lhe contar como se sentia, *tudo* o que sentia, mas não contava nunca. Aquele não parecia o momento certo. E se ela lhe dissesse que *não* o amava? Ela seria capaz de fazer isso? Ele entendera porque Margo se afastara do amor e da vida, mas isso não tornaria mais fácil sofrer uma nova rejeição.

Seja lá como for, pensou Leo, uma rejeição é sempre uma rejeição.

– Você gostaria de ir a Paris? – ele perguntou, de repente, e Margo ergueu os olhos do jornal que lia, arregalando-os por conta da surpresa.

– Paris? Por quê?

– Eu vou fechar um negócio por lá. Nós poderíamos aproveitar para nos divertirmos um pouco. Também poderíamos ir ao seu apartamento e visitar a cidade juntos. Poderíamos voltar a alguns dos seus lugares favoritos.

– Parece uma ótima ideia – disse Margo, parecendo não confiar que tal oferta fosse real. – Seria ótimo para que eu pudesse dar uma passada na Achat. Eu enviei minha carta de demissão, claro, mas acho que seria bom dar um adeus mais apropriado. Eu trabalhei muito tempo naquela empresa.

– Ótimo. Eu deveria organizar alguma coisa especial? Nós poderíamos viajar amanhã mesmo.

Margo fez que sim com a cabeça, observando-o, e Leo afastou o olhar. Ele não queria revelar a surpresa que preparava para ela.

Eles viajaram na manhã seguinte. Primeiro seguiram de carro até Atenas, depois pegaram um avião a Paris. Eles ficariam no apartamento de Margo, na Île de la Cité, onde chegaram no meio da tarde.

Leo ficou parado na porta da sala, olhando para a janela que se abria a Paris... com as duas torres da catedral de Notre-Dame bem visíveis a distância.

Naquele mesmo local, ele pedira Margo em casamento. A dor da rejeição ainda era viva, mas naquele momento havia alguém mais por ali, o bebê que crescia no ventre de Margo...

Ele não sabia muito bem o que Margo queria. Certa vez, há seis meses, ele imaginava saber... e por isso a pediu em casamento, confiante em qual seria sua resposta.

Olhando para trás, Leo percebia que sua confiança fora, na verdade, um ato de arrogância. Margo nunca lhe dera qualquer sinal de que gostaria de andar com uma aliança no dedo, mas ele fora enganado por sua sensualidade, pela aceitação do relacionamento que viviam.

No entanto, aquela personalidade não passava de uma máscara usada por Margo.

E ele finalmente conhecia a Margo *real*, a mulher apaixonada e apaixonante que surgia quando tal máscara caía do seu rosto. Mas será que ele gostava dessa Margo?

– Leo... – disse ela, apoiando as mãos nos seus ombros.

Leo tentou afastar tais pensamentos da cabeça antes de girar o rosto e pousar as mãos na cintura de Margo.

– Nós sempre teremos Paris... – disse ele, e Margo sorriu levemente.

MARGO TENTOU banir o desconforto que a atingiu ao ver Leo erguendo as duas sobrancelhas. Ela estava nervosa com a ideia de voltar à Paris, à cidade onde mais vezes se encontraram enquanto viveram o seu caso, e ao mesmo quarto onde ela o rejeitara... Era terrível relembrar suas duras palavras logo após ele ter se declarado e a pedido em casamento.

Mas, naquele momento, ele sorria. O seu rosto brilhava. Ele observava a sala de estar do apartamento de Margo.

– Antes de vir aqui, eu sempre imaginei que você teria um aparamento decorado em estilo moderno, uma cobertura... tudo cromado, com muito couro e obras de arte dependuradas nas paredes.

– Mais ou menos como a sua cobertura de Atenas? – ela perguntou. – Mas eu prefiro casas mais aconchegantes.

– E é por isso que você trabalhava comprando peças de decoração para casas, certo?

Ela fez que sim e ele começou a caminhar pelo apartamento. Ele olhava para o sofá de veludo, para as reproduções de quadros impressionistas, para os ornamentos de porcelana. Ela pedira que muita coisa fosse enviada à Grécia, mas sua casa continuava perfeitamente decorada.

– Como você entrou nesse ramo, Margo? – ele perguntou.

Margo sempre adorou o seu trabalho, mas falar sobre ele era mais ou menos como se expor, como revelar seus desejos mais secretos.

– Eu consegui um trabalho na Achat, trabalhando como vendedora, aos dezesseis anos... e fui subindo degraus – disse ela. – Na verdade, eu nunca trabalhei em outra empresa.

– E você sempre quis trabalhar nesse ramo? No ramo de decoração, em particular?

– Sim, eu sempre gostei desse ramo.

– A sua casa é muito bonita – ele comentou. – Você tem um verdadeiro talento para transformar qualquer cômodo em um espaço aconchegante.

– Obrigada.

– Você gostaria de enviar algo mais para a Grécia? Nós poderíamos pedir para que fosse enviado.

– Eu vou dar uma olhada amanhã e separar algumas coisas – disse ela.

Leo sorriu e se aproximou de Margo. E ela se aproximou ainda mais dele, feliz ao ser abraçada por Leo. E se sentiu segura... pelo menos por alguns instantes.

ENQUANTO MARGO foi à Achat, despedir-se dos colegas de trabalho, Leo foi a reuniões de trabalho no centro da cidade. Ele estava agindo de maneira um tanto misteriosa, o que fez Margo ficar imaginando o que poderia estar tramando, mas ela disse a si mesma que não deveria ficar ansiosa nem nervosa. Tudo o que deveria fazer era se sentar e esperar.

Na Achat, ela conseguiu se esquecer um pouco de Leo, e aproveitou para conversar com o antigo chefe, que disse sonhar com uma possível volta de Margo ao trabalho, e depois com Sophie.

Elas saíram do escritório para tomar um café.

– Parece que as coisas estão dando certo para você – comentou Sophie.

– E como você sabe disso? – perguntou Margo.

– Você nunca mais me enviou mensagens de texto em pânico. E você parece feliz, Margo, o que é ainda mais importante! Aliás, eu nunca te vi tão feliz.

– Sim, eu estou feliz...

– Mas porque o seu tom de voz não parece tão animado? – perguntou Sophie, erguendo uma das sobrancelhas.

– A felicidade pode ser traiçoeira – comentou Margo, respirando fundo. – E Leo nunca mais disse que me ama.

– E você disse isso a ele?

– Não...

– Sendo assim, por que culpá-lo por não dizer que te ama, se você mesma nunca diz isso a ele?

– É...

– Mas por que você nunca declara o seu amor por ele?

– Porque eu tenho medo, porque acho que ele não quer ouvir isso. Porque nós dois estamos sempre com um pé atrás.

– Sendo assim, mude de posição.

– Não é tão simples... Algo me diz que, se eu forçar demais, se eu exagerar, nós poderíamos perder o pouco que temos, o que construímos.

– E vale a pena ficar sempre com tão pouco? – perguntou Sophie.

– Eu sei que sinto medo. É isso o que sinto. E sei que o medo está controlando as minhas ações. Eu sei disso, Sophie. Eu juro que sei.

– Mas não está fazendo nada para driblar essa barreira.

– Eu acho que prefiro manter o que temos, a nossa felicidade. E se isso faz de mim uma covarde, eu assumo: sou uma covarde.

– Se você é feliz assim... – disse Sophie, suspirando.

Margo não respondeu.

Talvez Sophie estivesse com a razão. Talvez Leo só estivesse com um pé atrás porque *ela* também estava. Se ela desse o primeiro passo, quem sabe ele...

Os dois jantariam fora aquela noite. Leo marcara o jantar, embora não tenha revelado a Margo o endereço do restaurante. Mas estariam sozinhos, e o local poderia ser romântico, e seria uma perfeita oportunidade para que Margo lhe contasse toda a verdade.

E para repetir que o amava.

ELA PASSOU um bom tempo se preparando para o encontro. Primeiro tomou um longo banho na sua banheira, depois fez as unhas, arrumou o cabelo e se maquiou. Para vestir, escolheu um vestido preto feito especialmente para grávidas.

O vestido valorizava sua barriga e seu colo, com um lindo decote em V. Os cabelos ela resolveu prender num coque, pois adoraria poder soltá-los para Leo...

Já preparada, ficou esperando... pois Leo não estava em casa.

Ele deveria chegar às sete, mas os minutos se passavam e sua ansiedade só aumentava.

Às sete e quarenta e cinco, ela lhe enviou uma mensagem. Às oito, tirou seus saltos altos e seus brincos. Aquilo poderia ser um sinal do que viria (ou não viria) pela frente.

O seu telefone tocou às oito e quinze.

– Margo, eu sinto muito...

– O que aconteceu?

– Estou preso em uma reunião com a rede de hotéis Adair. É um negócio importante, e acho que ainda vai demorar. Eu não percebi o passar do tempo...

– Tudo bem – disse ela.

Naquele momento, porém, Margo voltou a pensar que não deveria confiar em ninguém.

– Que horas você vai voltar? – ela lhe perguntou, após um breve silêncio.

– Eu não sei. Tarde. Nós ainda estamos discutindo muitas coisas. Depois, é bem possível que a gente vá tomar um drinque. Você não precisa me esperar acordada.

Essas últimas palavras foram matadoras.

Margo estava bancando a ridícula, a exageradamente emocional, a boba. Ela sabia disso. E desligou o telefone sem lhe responder nada.

LEO FICOU olhando para o aparelho. Ela desligara na sua cara? E fizera isso simplesmente por ele ter se esquecido de um jantar?

Ele suspirou e deixou o aparelho sobre a mesa. Algo muito importante parecia estar acontecendo, e ele queria saber o que era.

E o estranho era que, no último mês, eles dois pareciam estar vivendo um período feliz e estável. Uma estabilidade que parecia ideal para as suas vidas. Eles não pareciam dispostos a elevar o relacionamento a outro patamar. Eles não pareciam dispostos a viver repetindo que se amavam... não pareciam dispostos a revelar a verdade escondida em seus corações.

E a verdade é que Margo talvez nem tivesse nada a revelar...

– Leo? Você está pronto? – perguntou uma colega, na porta da sala onde ele estava sentado.

Leo fez que sim com a cabeça. Aquele acordo era importante demais para ficar pensando o tempo todo em Margo.

No entanto, na sala de reuniões, ele só pensava nela. Uma hora mais tarde, ele disse:

– Eu sinto muito, mas nós poderíamos terminar esta conversa amanhã? Eu preciso voltar para casa, preciso ver como está a minha mulher.

APÓS DESLIGAR o telefone na cara de Leo, Margo tirou o vestido do corpo e resolveu tomar um banho. Um banho prolongado poderia melhorar o seu humor e aliviar sua tristeza... no mínimo, poderia lhe oferecer alguma perspectiva sobre o que acontecera.

E ela perdera um jantar... nada mais.

Suspirando, Margo entrou na banheira e fechou os olhos.

Em um primeiro momento, imaginou que a dor no seu ventre seria uma consequência do desapontamento, mas as fisgadas eram cada vez maiores, e ela começou a sentir uma dor física, real. Havia algo errado...

Ela pressionou as duas mãos sobre o ventre e se lembrou que há tempos não notava nenhuma pontada do bebê... E sentiu uma nova fisgada no ventre, depois a liberação de um líquido. Assustada, em completo choque, percebeu que a água da banheira estava ficando tingida de vermelho.

CAPÍTULO 16

QUANDO LEO entrou, o apartamento estava em silêncio e vazio.

– Margo?

Ninguém disse nada, e ele começou a ficar em pânico. Ela teria ido embora?

– Margo? – ele repetiu.

E olhou para dentro do quarto, que estava vazio.

Havia um vestido e um par de sapatos caídos no chão.

A luz do banheiro estava acesa, mas o ambiente era de silêncio total.

Ele estava a ponto de sair do quarto quando ouviu um barulho de água. Leo ficou gelado, mas correu ao banheiro.

Margo estava mergulhada em uma banheira de águas vermelhas, com o rosto pálido.

– Margo... Margo... – ele murmurou, assustado, sem saber o que fazer.

Ela ergueu os olhos.

– Eu perdi o bebê, certo?

– Eu não sei...

MARGO SE deitou em uma maca. Dois enfermeiros a levaram para a ambulância. Ela foi tomada pelo pânico.

– O meu bebê...

Um dos enfermeiros disse que ela seria levada ao hospital, que cuidariam dela, e Leo segurou sua mão.

Ele estava com a mão gelada, também estaria morto de medo, pensou Margo. Ele sabia que o pior poderia ter acontecido.

Pois o pior *sempre* acontece...

E pensar que, algumas horas antes, ela reunia forças para lhe contar tudo o que sentia, para contar que estava apaixonada. No entanto, sem bebê, aquele casamento seria inútil...

E o pior é que pensar em perder Leo seria ainda pior logo após ter perdido o seu bebê. Isso seria demais para ela. Demais.

– A pressão sanguínea está normal – disse um dos enfermeiros.

Ela sentiu uma força no ventre no momento em que os enfermeiros procuravam pelas batidas do coração do bebê.

– O bebê parece estar sofrendo um pouco...

Sofrendo... Aquele era um termo terrível para o momento que ela vivia.

– Margo... Margo... – Leo segurava sua mão, com o rosto bem próximo dela. – Vai ficar tudo bem, *agapi mou*. Eu prometo...

Meu amor. Foi isso o que ele disse, em grego.

– Você não pode me prometer o que não sabe – ela retrucou.

Eles chegaram na porta de um dos hospitais mais antigos de Paris. Uma construção linda, que Margo vira várias vezes por fora, mas que não conhecia por dentro.

Naquele momento, ela foi rapidamente levada a uma sala de emergência. Vários médicos a cercaram.

Leo estava do lado de fora, mas ela o via, conversando com um médico.

– Madame Marakaios? – disse um médico. – A senhora sofreu um problema na placenta.

– O meu bebê está morrendo? – ela perguntou.

– Nós vamos fazer uma cesariana de emergência, pois o feto está em sofrimento. A senhora nos dá o seu consentimento? É a única chance de sobrevivência para o seu bebê.

Margo simplesmente disse que sim com a cabeça.

O que mais ela poderia fazer?

Logo depois, ela recebeu uma dose de anestesia.

CAPÍTULO 17

LEO CAMINHAVA pela sala de espera, nervoso, com as mãos em forma de punhos. Ele não poderia entrar na sala de operações. Ele estava furioso, e ao mesmo tempo morto de medo. Não poderia perder o filho. Não poderia perder Margo.

O que ele mais queria era ter a coragem de confessar seu amor por ela. Se Margo vencesse aquela provação, ele lhe diria que...

– Monsieur Marakaios? – disse um médico.

– O senhor tem notícias da minha esposa?

– A sua esposa e o seu filho passam bem, mas estão um pouco fracos...

– Fracos?

– A sua esposa perdeu muito sangue. Ela está estável, mas precisará de algumas semanas para se recuperar.

– E o bebê?

– Ele está na UTI infantil. Ele é muito pequeno. Seus pulmões são imaturos. Ele vai ter de passar algumas semanas aqui no hospital.

– Eu gostaria de ver a minha esposa... – disse Leo, sentindo-se anestesiado.

E foi levado ao quarto de Margo.

– Margo... – disse ele, baixinho, segurando sua mão.

Ela abriu os olhos e ficou olhando para Leo.

– Está tudo bem, Margo. Você está bem. O nosso filho está bem.

– Ele está vivo?

– Sim. Ele está vivo. Ele é pequeno, os pulmões são imaturos, mas ele está bem...

– Sério?

– O médico me acabou de contar tudo isso.

Ela fez que não com a cabeça.

– Margo. Vai ficar tudo bem.

– Pare de prometer coisas que você não pode cumprir, Leo.

– Mas você não... nós não...

– Vá embora. Por favor. Vá embora.

– Margo...

Porém, neste exato momento, Leo percebeu que ela caíra no sono. Margo estaria morta de cansaço, muito fraca.

Ele saiu do quarto.

– Não é fácil prever o que vai acontecer – disse o médico. – Nós temos altas taxas de recuperação em casos de prematuros, mas eu não posso prometer nada.

Leo fez que sim, sentindo um nó na garganta.

De pé na porta da UTI infantil, ele ficou observando o seu filho. Nesse momento, Leo sentiu um amor incomensurável... e um medo desesperador.

Logo depois, ele voltou ao quarto de Margo. Ela estava acordada.

– O médico me disse que as próximas semanas serão cruciais.

Margo fez que sim.

– Ele vai passar algumas semanas aqui.

Ela fez que sim novamente.

– Ele não pode sair da UTI, mas se você quiser eu te levo lá, em uma cadeira de rodas.

– Eu não sei...

– Margo...

– Eu gosto de estar sozinha. Você sabe...

– Margo, por favor. O que está acontecendo?

– Nada. Mas eu não seria capaz... eu gostaria de ser... mas não sou.

– Não é capaz de fazer o quê? – ele perguntou.

– De me casar. De ser mãe. Eu não posso...

– Margo, eu não vou abandonar você.

– Fisicamente, você quer dizer...

– Não, Margo. Você não vai destruir o nosso casamento porque está com medo.

– Claro que eu estou com medo! Você sabe o que é perder alguém?

– Eu perdi os meus dois pais – ele respondeu.

– E eu perdi uma criança...

– Eu te amo – disse ele, e repetiu: – Eu te amo. E isso não vai mudar nunca. Não importa o que aconteça.

– Leo, eu não mereço o seu amor.

– Você não *merece* o meu amor?

– Margo... pare de se culpar pelo que aconteceu.

Ela se torturava por conta da culpa há anos.

No entanto, Margo simplesmente fez que não com a cabeça, e ele continuou a falar:

– O que aconteceu com Annelise poderia acontecer com qualquer criança. Você precisa se perdoar, precisa olhar para o futuro, para o nosso futuro, para o futuro do *nosso* filho. Eu te amo.

– Você está falando sério, Leo?

– Claro que sim. Eu sei que você não me ama, mas tudo bem... eu posso esperar.

– Eu te amo. E pretendia confessar no nosso jantar...

– Deu tudo errado... mas agora nós estamos juntos, e o nosso filho está conosco.
– Eu acredito em você – disse ela, baixinho.
– Eu quero passar o resto da minha vida com você, Margo.
– E com o nosso menino?
– Você não quer conhecê-lo?

O CORAÇÃO de Margo estava a mil por hora. Margo ficou olhando para a fileira de berços, para os tubos, para os fios, para aqueles seres pequeninos que lutavam para sobreviver.

E finalmente viu uma plaquinha que dizia: *Enfant Marakaios.*

– Leo... – ela murmurou, apertando sua mão.

E os dois ficaram olhando para o menino, em silêncio.

– O médico me disse que ele é muito forte, que vai lutar com todas as forças.

– Eu sinto muito – disse Margo, pensando em que, momentos antes, tentara proteger-se frente ao amor que sentia pelo filho, por Leo.

– Não diga nada. Aproveite este momento. Esta é a nossa família.

– E esse é o nosso menino...

Ele sorriu. Os olhos de Leo estavam repletos de lágrimas. Aquela era a sua família. Claro que era.

No entanto, não existem promessas infalíveis. A vida é um rio caudaloso, repleto de curvas, e a única coisa que ela poderia fazer era ancorar-se às pessoas que amava. Ancorar-se para sempre.

E, agarrando a mão de Leo, ela entendeu exatamente o que deveria fazer.

EPÍLOGO

– Aonde você vai? – perguntou Margo, quando chegaram na porta do prédio parisiense em que ela morava antes de tudo aquilo acontecer.

O filho deles dois estava fazendo três meses de vida, e sairia do hospital na manhã seguinte. Para festejar, Leo a levaria para jantar fora.

Annas, nome que deram ao menino por significar "presente de Deus", sofrera muito no hospital, mas Margo, com a ajuda de Leo, sempre esteve determinada a fazer com que o filho sobrevivesse.

E ele sobrevivera.

Leo parou um táxi.

Ele estava fazendo segredo sobre o seu destino.

Quando o táxi parou na base da Torre Eiffel, ela sussurrou:

– Vamos bancar os turistas?

– De certa maneira...

– O que está acontecendo? – ela perguntou, quando o elevador começou a subir.

– Você verá...

Eles desceram no primeiro andar, cuja plataforma estava completamente deserta, assim como o restaurante que funciona por lá.

– O quê...

– Eu reservei para nós dois.

– Tudo?

– Tudo.

– Não...

– Claro que sim – disse ele, sorrindo.

– Ah, Leo. Isso é incrível! Eu não acredito que você reservou a torre inteirinha só para nós dois. Eu sempre quis fazer isso...

– E este é o melhor momento.

– Por quê? – ela perguntou.

– Porque eu pretendo te pedir em casamento.

– Mas nós já somos casados – disse ela.

– Nós nos casamos pelo civil.

– E você quer outra cerimônia de casamento?

– Eu não quero outra cerimônia, eu quero uma cerimônia *real*. E quero fazer um pedido antes.

– Não...

– Eu quero. Eu te amo demais, Margo.

– Eu também. Eu te amo demais, Leo.

– Então... Margo Marakaios – disse ele, ficando de joelhos e tomando uma de suas mãos. – Eu amo a mulher que você é, a esposa que você é, a mãe que você é. Eu te amo por inteiro.

– Ah, Leo...

– Você é forte, corajosa e...

– Morta de medo da vida – disse ela.

– Eu também sempre morri de medo da vida – ele comentou.

– Mas você é forte, Leo. Você é a minha rocha!

– Uma rocha morta de medo da rejeição, mas eu quero que você me ajude a aprender a importância do amor... do amor que eu sinto por você.

– Que maravilha... – ela murmurou.

– Você aceita este anel? – disse ele, tirando uma caixinha do bolso.

– Claro! Que anel lindo!

– Cada uma das pedras simboliza um membro da nossa família – disse ele. – Margo Marakaios, você aceita se casar comigo?

– Claro que sim!

Levantando-se, Leo a beijou e exclamou:

– Que alegria!

HARLEQUIN Paixão

PRÓXIMO LANÇAMENTO

DIAMANTE DE CONVENIÊNCIA

Maisey Yates

– Meu nome é Victoria. Victoria Calder.

– Não me lembro de já ter ouvido o seu nome antes. Acho que não temos nenhum horário marcado. – As palavras dele ainda tinham um leve quê de sotaque russo, embora tivesse quase desaparecido por completo após longos anos vivendo no Reino Unido. – A menos que... – Um sorriso vagaroso surgiu em seus lábios sensuais – ...que esteja em busca de uma chance de me desafiar no ringue.

Victoria segurou a alça da bolsa com mais firmeza.

– Isso é muito engraçado. Costuma receber mulheres que vêm *desafiá-lo no ringue*?

O sorriso dele alargou-se, tornou-se malicioso. Ela sentiu um frio no estômago e cerrou os dentes, lutando para manter a compostura.

– Com mais frequência do que você possa pensar.

Ela pigarreou.

– Excelente. Interessante. Mas não é por essa razão que estou aqui.

– Bem, se é um assunto legítimo, um horário costuma ser marcado. – Dmitri percorreu-a com um olhar que conteve inegável calor, e ela tentou manter-se concentrada, repassando o plano na mente, relembrando seu objetivo. Não podia ser derrotada. – Há um certo tipo de mulher que aparece sem ser anunciado. Se tem um assunto legítimo, sugiro que ligue para a minha secretária e marque um horário. Do contrário, tire seu vestido.

Victoria ignorou a ordem rude. Também ignorou a onda de calor que a envolveu. Ele esperava deixá-la toda afogueada. Ela tinha certeza. E não lhe daria tal satisfação. Ao menos, não demonstraria, mas a maneira como seu coração estava acelerado era prova de como o homem a desconcertava.

Engolindo em seco, sustentou-lhe o olhar.

– Vou ficar com o vestido, obrigada. Devemos ir para um lugar mais confortável?

– Estou perfeitamente confortável. E eu não estava esperando ter um encontro. Portanto, *eu* vou ficar aqui.

O homem com o qual ele estivera lutando se levantara e estava parado por perto, olhando para ambos.

– Então, talvez você possa pedir a ele que saia – disse Victoria.

– Porque você vai tirar o seu vestido?

Ela se esforçou para adquirir uma expressão de desdém, ignorando os pelos eriçados na nuca.

– Lamentavelmente para você, não. Pode esquecer essa fantasia depressa. O vestido só vai ser retirado quando eu chegar a casa e tomar um bom banho, o que, depois dos aborrecimentos que tive hoje, é bem-merecido. Vou ficar vestida. E precisamos ter uma conversa.

– Parece que talvez eu esteja em apuros. Mas nunca dormi com você e, portanto, não sei de que maneira. Não lhe causei nenhum problema. Ainda.

Victoria cerrou os dentes. Ele estava fazendo uso de todos os subterfúgios. Felizmente, não era algo com que ela não tivesse lidado antes. Tipicamente, o homem não estivera sem camisa. Tipicamente, não havia sido tão bonito. Entretanto, nenhuma dessas coisas lhe importava.

– Ou ele sai, ou eu saio – advertiu, mantendo o tom de voz entediado. – E tenho a sensação de que quer ouvir o que tenho a dizer.

Dmitri inclinou a cabeça para o lado, e um pequeno sorriso curvou-lhe um dos cantos da boca.

– Nigel, nos deixe a sós por um instante.

O outro homem meneou a cabeça e deixou a sala particular da academia. Dmitri virou-se para ela.

– Fale.

Victoria ajeitou a alça da bolsa no ombro, dando-se conta de que as palmas das mãos estavam suadas.

– Não sou um cachorro, nem nenhum tipo de bicho de estimação. Diga de novo.

Ele soltou um riso. Foi um som agradável que pareceu como uma carícia e a fez estremecer.

– Está certo. Por que não diz o que deseja para que eu possa ir tomar o meu banho?

A paciência de Victoria se esgotara. Ainda estava num lugar que detestava e, francamente, o peito nu dele exercia um efeito maior do que gostaria. Fazia com que se sentisse como se houvesse uma falha em seu plano. Tudo aquilo ameaçava deixá-la de péssimo humor. E foi a única explicação para as palavras que proferiu em seguida.

– Está bem, sr. Markin. Vim aqui apenas para lhe fazer uma proposta. Quer se casar comigo?

Próximos lançamentos:

PAIXÃO 470 – AMOR REAL – CATHY WILLIAMS
Milly passou uma noite mágica ao lado de um desconhecido. Na manhã seguinte, ficou estarrecida ao descobrir que ele era um bilionário. Agora, Lucas Romero está decidido que Milly é a mulher perfeita para ele. E fará de tudo para conquistá-la.

PAIXÃ0 AUDÁCIA 002 – REDENÇÃO DO PECADO – ANNIE WEST
Minissérie – *Os Sete Pecados Sensuais* – Segunda Temporada 2/4
Flynn Marshall possui duas das três coisas que sempre quis: uma empresa multimilionária e a aceitação da alta sociedade. Já a terceira, ele só conquistará se conseguir levar Ava Cavendish para o altar.

PAIXÃO GLAMOUR 002 – TESOURO ESCONDIDO – SHARON KENDRICK
Loukas Sarantos construiu um império. E sua mais nova aquisição significa que conseguirá vingar-se de Jessica Cartwright. E o poderoso grego aproveitará cada segundo que a terá sobre seu comando.

Próximos lançamentos:

PAIXÃO 471 – DIAMANTE DE CONVENIÊNCIA – MAISEY YATES
Para Victoria, só há um jeito de recuperar a empresa da família: casando-se com o ex-lutador Dmitri Markin. Porém, para que ele aceite sua proposta, Victoria terá aceitar todas as suas exigências…

PAIXÃO AUDÁCIA 003 – BODAS DE UM PECADOR – MAYA BLAKE
Minissérie – *Os Sete Pecados Sensuais* – Segunda Temporada 3/4
Para salvar sua família da vingança implacável de Zaccheo, Eva Pennington aceita sua proposta de casamento. Ela achou que seria apenas conveniência, até Zaccheo exigir que o matrimônio seja real… em todos os sentidos.

PAIXÃO GLAMOUR 003 – ESSÊNCIA DO DESEJO – ABBY GREEN
Ao conhecer o rei exilado Alix Saint Croix, Leila Verughese fica deslumbrada… e decide entregar sua inocência para ele. Contudo, essa noite trará consequências que mudarão a vida de ambos para sempre!

PAIXÃO ARDENTE 003 – LAÇOS DE SANGUE – CAITILIN CREWS
Minissérie – *Sheiks e suas Noivas Ousadas* 1/2
O sheik Rihad al Bakri quer que a criança que Sterling McRae carrega seja criado como seu sucessor ao trono e não descansará até conseguir o que deseja. Contudo, ele não contava que a desafiadora Sterling abalaria suas estruturas.

PAIXÃO ESPECIAL 001 – OS IRMÃOS DE ANGELIS – CATHY WILLIAMS

Aliança da paixão
Theo De Angelis estava acostumado seguir as próprias regas. Até uma dívida familiar obrigá-lo a dar adeus aos seus dias de solteiro. Ele acreditava que Alexa Caldini não fazia seu tipo. Porém, ela logo conquistaria o coração desse poderoso magnata.

Mar de volúpia
Delilah ficou dominada pelo desejo ao conhecer Daniel De Angelis em um navio. Porém, retornar à terra firme a faz ter de encarar duas verdades: ele mentira sobre sua identidade… e ela estava grávida de Daniel.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H528n

Hewitt, Kate
Uma nova proposta [recurso eletrônico] / Kate Hewitt; tradução Rodrigo Peixoto. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2016.
recurso digital

Tradução de: The marakaios baby
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-2105-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título.

15-28579

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE MARAKAIOS BABY
Copyright © 2015 by Kate Hewitt
Originalmente publicado em 2015 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Nova Jerusalém, 345
Bonsucesso, Rio de Janeiro, RJ – 21042-235

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Texto de capa
Querida leitora
Teaser
Rosto
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epílogo
Próximos lançamentos
Créditos

HARLEQUIN

Paixão ARDENTE

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

Kate Hewitt

Uma Nova Proposta



Edição 02

2/2